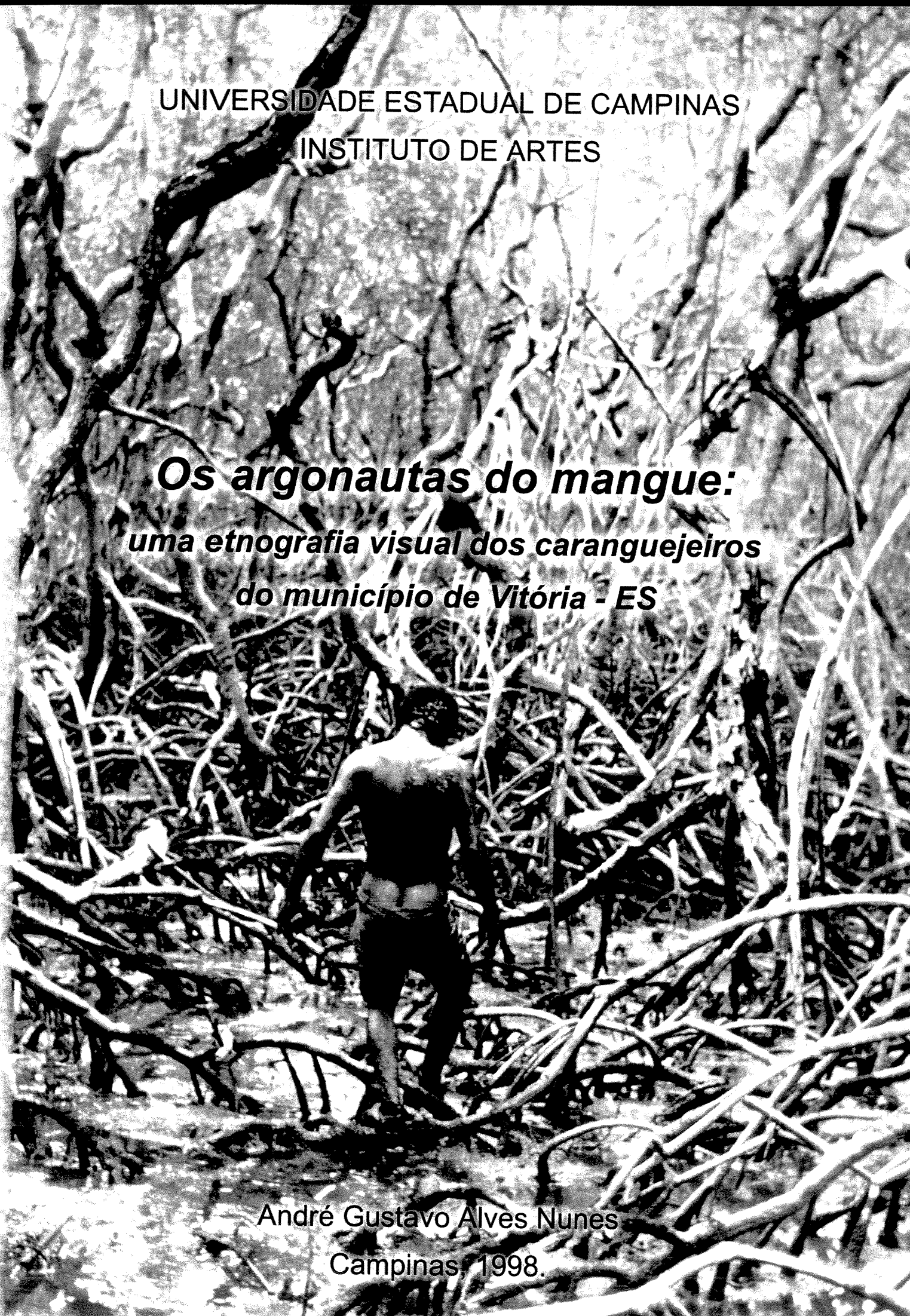
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES



Os argonautas do mangue:

uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória - ES

André Gustavo Alves Nunes

Campinas, 1998.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MULTIMEIOS

Os argonautas do mangue:

uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória - ES

André Gustavo Alves Nunes

Este exemplar é a redação final da tese defendida por ANDRÉ GUSTAVO ALVES NUNES e aprovada pela Comissão Julgadora em 16 / 12 / 1998

PROF. DR. ETIENNE GHISLAIN SAMAIN

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Multimeios, sob a orientação do Prof. Dr. Etienne Ghislain Samain.

990431

Campinas, 1998.

UNIDADE BC
N.º CHAMADA:
UNICAMP
922a
V.
TOMBO BC/ 36629
PROC 229/99
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 25/02/99
N.º CPD

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

CM-00121513-0

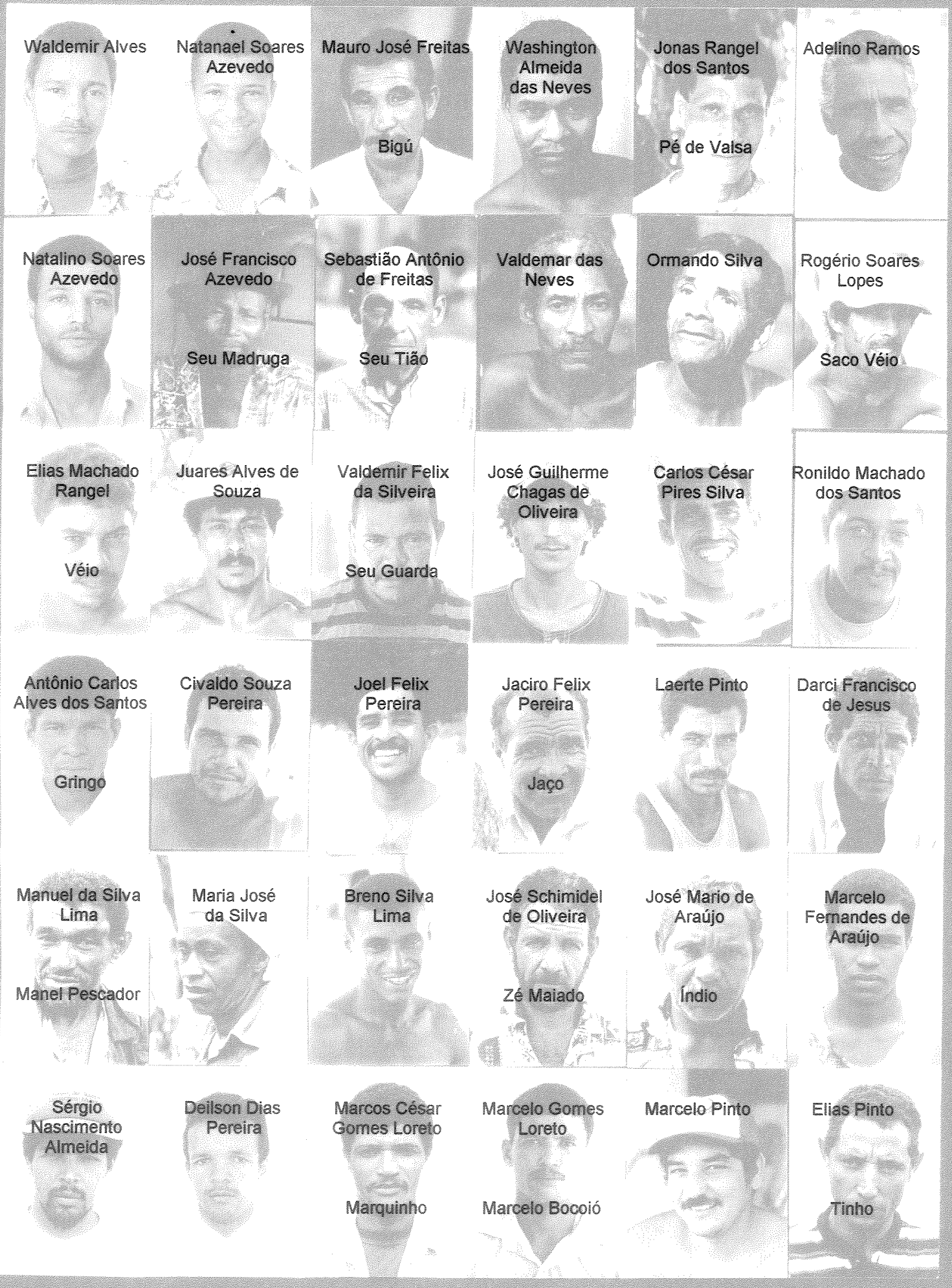
N922a

Nunes, André Gustavo Alves
Os argonautas do mangue : uma etnografia visual dos caranguejeiros do município de Vitória - ES / André Gustavo Alves Nunes. -- Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Etienne Ghislain Samain.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas , Instituto de Artes.

1. Antropologia visual. 2. Etnografia. 3. Manguezais - Vitória, Baia de (ES). 4. Pesca artesanal. 5. Recursos humanos na pesca. 6. Caranguejo. I. Samain, Etienne. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Artes. III. Título.

Dedico este trabalho
aos caranguejeiros da Ilha de Vitória que,
com sua simplicidade,
têm me ensinado tanto sobre o mangue
e sobre a vida.


Waldemir Alves
Natanael Soares Azevedo
Mauro José Freitas
Bigú
Washington Almeida das Neves
Jonas Rangel dos Santos
Pé de Valsa
Adelino Ramos
Natalino Soares Azevedo
José Francisco Azevedo
Seu Madruga
Sebastião Antônio de Freitas
Seu Tião
Valdemar das Neves
Ormando Silva
Rogério Soares Lopes
Saco Véio
Elias Machado Rangel
Véio
Juares Alves de Souza
Valdemir Felix da Silveira
Seu Guarda
José Guilherme Chagas de Oliveira
Carlos César Pires Silva
Ronildo Machado dos Santos
Antônio Carlos Alves dos Santos
Gringo
Civaldo Souza Pereira
Joel Felix Pereira
Jaciro Felix Pereira
Jaço
Laerte Pinto
Darci Francisco de Jesus
Manuel da Silva Lima
Manel Pescador
Maria José da Silva
Breno Silva Lima
José Schimidel de Oliveira
Zé Maiado
José Mario de Araújo
Índio
Marcelo Fernandes de Araújo
Sérgio Nascimento Almeida
Deilson Dias Pereira
Marcos César Gomes Loreto
Marquinho
Marcelo Gomes Loreto
Marcelo Bocoió
Marcelo Pinto
Elias Pinto
Tinho

..."O respeito pela vida que todas as sociedades indígenas nos apresentam de modo tão vivo, pois que os animais são seres incluídos na formação e discussão de sua moralidade e sistema político, parece se constituir não em exemplo de ignorância e indigência lógica, mas em verdadeira lição, pois respeitar a vida deve certamente incluir toda a vida e não apenas a vida humana. Hoje estamos mais conscientes do preço que pagamos pela exploração desenfreada do mundo natural sem a necessária moralidade que nos liga inevitavelmente às plantas, aos animais, aos rios e aos mares."

Roberto Da Matta

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me colocado nesse caminho e iluminado o meu caminhar.

A minha mãe, Odete Veiga, por ter me ensinado que a humildade e a sinceridade devem ser os fios condutores de nossas relações e de nossas vidas.

Ao meu pai, Amaro da Rocha Nunes Neto, por ter me colocado em contato com os animais e as plantas.

A Humberto Capai, por ter me ensinado a fotografar, e por toda força que tem me dado nesta vida.

A Lisa Akahori, pelo carinho, pelo apoio, pela ajuda na elaboração dos questionários e mapas. Mas, em especial, por ter sido tão companheira, ajudando-me a enfrentar os momentos difíceis deste mestrado, e também compartilhando as alegrias.

A Etienne Samain, por ter acreditado em mim, talvez até mais do que eu mesmo, e aceitado o desafio de orientar esta dissertação. Também por ter, juntamente com sua esposa, Godelieve Samain, me "adotado", orientando-me não só no mestrado mas também na vida, nesse pequeno e tão importante pedaço da minha vida no qual estive em Campinas.

A minhas tias Celina e Dora, pessoas que amo e que sempre estiveram ao meu lado.

A minhas avós Maria e Diva, pelo carinho que só as avós sabem dar.

A Joana Plaza Pinto, pelas revisões ortográficas e dicas em relação ao texto e a Anderson Gonçalves pela revisão final do texto.

A Márcio André M. dos Santos, Claudio Plaza Pinto, Maurício Cajueiro, Natalia Lopes Bordalo e Anderson Gonçalves pela ajuda na tradução dos textos.

A Profª. Drª. Tania Mara Simões do Carmo, que desde o curso de graduação em biologia vem me incentivando a trabalhar com os manguezais, por sua constante disponibilidade em discutir e esclarecer as minhas dúvidas. A Profª. Drª. Olga Von Simson, ao Prof. Dr. Nivaldo Nordi e a Profª. Drª. Renata Diniz Ferreira pelas importantes sugestões relativas respectivamente à História Oral, à Ecologia Humana e ao processo de ocupação dos manguezais do município de Vitória.

Aos fotógrafos David Protti, Vítor Nogueira e Rogério Medeiros por terem gentilmente colocado à minha disposição os seus arquivos fotográficos, nos quais pude encontrar a maior parte das fotografias sobre a ocupação dos manguezais de Vitória utilizadas neste trabalho.

A Cláudia Pelegrino e Pérola Ribeiro, por terem me acolhido em Campinas de uma forma tão aconchegante durante a fase final de elaboração desta dissertação.

A Hosana Celeste Oliveira por ter feito, com tanto carinho, as ilustrações e mapas apresentados nessa dissertação. A Adriana Machado, pelas dicas constantes na diagramação do trabalho e pela amizade.

A toda a equipe da Pressing Works, por terem impresso esse trabalho. Especialmente a Beti, Celso e Sílvia.

Aos amigos, funcionários e professores do Curso de Mestrado em Multimeios que tanto me ajudaram ao logo desse mestrado. Em especial, Alessandra Meleiro, Andrea Mendez, Andrea Molfetta, Carla Alfonsina D'Auria, Carlos Pérez, Daniel, Goretti, Helcio, Inês, Ivan Vilela, Jaime, Jennie, Joelma Leão, Luciana Chagas, Magali, Marcelo Costa Souza, Marcius Freire, Murilo e Paulo Dantas.

A todos os parceiros e parceiras, de trabalho e de ideais que, espalhados ao longo do Brasil, lutam para a conservação tanto do ecossistema manguezal quanto do saber desenvolvido por esses muitos "povos do mangue". Em especial, a Carmem Zamora, Carlinhos de Toti, Valdemar Vergara Filho, Vicente Klonowski e todo o pessoal do Grupo Mundo da Lama.

Agradeço especialmente à FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo -, por ter financiado esta pesquisa através da concessão de uma bolsa de mestrado no período de junho de 1996 a novembro e 1998, e também arcado com todas as despesas de material de consumo e de serviços de terceiros. Além do financiamento, agradeço também ao parecerista dessa fundação por ter fornecido subsídios críticos que me ajudaram a constituir esta dissertação.

Este trabalho nasceu da parceria e da amizade entre um fotógrafo/biólogo e um antropólogo apaixonado pela fotografia. O biólogo sou eu e o antropólogo é Etienne Samain, meu orientador, a quem sou extremamente grato. Não só pela parceria e dicas preciosas no decorrer desta pesquisa, mas também pela amizade e pela confiança que sempre me transmitiu.

ÍNDICE

Introdução 14

Capítulo 1
A utilização da proposta metodológica de *Balinese Character: A Photographic Analysis* 17

A. O trabalho de campo de Bateson e Mead 18

B. Uma nova metodologia de apresentação dos dados 23

Exemplos:
01 - Apresentação da prancha 16 de *Balinese Character* 25
02 - Apresentação da prancha 10 de *Balinese Character* 27

C. A incorporação do método de Bateson e Mead 29
D. Outras considerações quanto ao trabalho de campo 30

Pranchas:
01 - Utilização da fotografia como instrumento de pesquisa 33
02 - Reuniões realizadas com os caranguejeiros 35

E. Notas Técnicas 37

Capítulo 2
A ocupação dos manguezais do município de Vitória 39

A. Apresentação descritiva geral 40

Mapa I 45
Mapa II 46

B. Análise fotográfica 47

Pranchas:
03 - Vitória em 1896 48
04 - Vitória em 1993 49
05 - Aterro dos bairros de Bento Ferreira, Monte Belo e Ilha de Santa Maria 50
06 - Aterro dos bairros de Grande Vitória, Estrelinha e Inhanguetá 52
07 - Aterro da região da Grande São Pedro 54
08 - Aterro do bairro de Nova Palestina 56
09 - Palafitas I 58
10 - Palafitas II 60
11 - Lixão I 62
12 - Lixão II 64
13 - Lixão III 66
14 - Lançamento de esgotos no manguezal 68

Capítulo 3
Os Argonautas do mangue 71

A. Apresentação descritiva geral 72

O manguezal 73
Ilustração I - Distribuição dos manguezais no mundo 75
Ilustração II - Distribuição dos manguezais no Brasil e localização da área de estudo 76
Mapa III – Etnocartografia: classificação do espaço segundo os caranguejeiros 77

O caranguejo 79
Diagrama I - Ciclo de vida do caranguejo, *Ucides cordatus*, segundo o saber dos caranguejeiros do município de Vitória 84

A locomoção nas florestas de mangue 85
Diagrama II - Classificação das marés segundo o saber dos caranguejeiros 89

As técnicas de captura do caranguejo 91

O comércio 99

B. Análise fotográfica 106

O manguezal 107

Pranchas:
15 - O manguezal de Vitória 108
16 - O manguezal e sua vegetação 110

O caranguejo 112

Pranchas:
17 - Tipos de caranguejo I 113
18 - Tipos de caranguejo II 115
19 - Macho e a fêmea 117
20 - A andada 119

A locomoção nas florestas de mangue 121

Pranchas:
21 - Embarcações I 122
22 - Embarcações II 124
23 - Caminhada no mangue 126
24 - De volta à canoa 128

As técnicas de captura do caranguejo 130

Pranchas:
25 - Captura "no braço" 131
26 - Captura "no pé" 133
27 - Captura com redinha I 135
28 - Captura com redinha II 137
29 - Captura com redinha III 139
30 - Captura do caranguejo na andada I 141
31 - Captura do caranguejo na andada II 143
32 - Captura do caranguejo na andada III 145

33 - Transporte do caranguejo I 147
34 - Transporte do caranguejo II 149

O comércio 151

Pranchas:
35 - Amarração do caranguejo 152
36 - Comércio 154
37 - Comércio no Mercado da Vila Rubim 156
38 - Comércio no Trevo de Goiabeiras I 158
39 - Comércio no Trevo de Goiabeiras II 160
40 - Comércio na feira de Jardim da Penha I 162
41 - Comércio na feira de Jardim da Penha II 164
42 - Comércio na feira de Gurijica e na feira do Aribiri 166
43 - Comércio realizado por atravessadores 168

Capítulo 4
Narrativa Visual 170

Considerações finais 197

Bibliografia 201

INTRODUÇÃO

Os argonautas foram outrora guerreiros da mitologia grega que construíram um navio chamado *Argo*, com o qual seus tripulantes, os *nautas*, cruzavam mares e venciam batalhas. *Argo* foi o primeiro navio de grande porte no qual os gregos ousaram navegar em mar aberto[1]. O título desta dissertação se inspira e remete, não só aos argonautas gregos, mas também ao famoso livro de Bronislaw Malinowski, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental,* no qual ele descreve as relações comerciais entre os "nativos da Nova Guiné", a relação deles com suas embarcações e também o conhecimento que tinham sobre a navegação, os fatores naturais que regem o mar, a construção de canoas e sobretudo o ciclo de suas transações comerciais mais conhecido como o *Kula*.

Os argonautas do mangue - os caranguejeiros do município de Vitória - não entendem tanto de navegação, mas são, sem dúvida, homens que possuem uma grande sabedoria sobre o manguezal e os fatores naturais que regem o seu funcionamento (os ventos, as chuvas, a lua). E, assim como os argonautas gregos do passado, não seriam esses caranguejeiros também guerreiros? Guerreiros que no seu dia a dia travam uma verdadeira batalha com a lama para tirar do mangue o seu sustento material: os caranguejos? Essa batalha se torna ainda mais difícil quando percebemos que esses caranguejeiros estão inseridos em uma sociedade cuja economia durante todo este século incentivou o crescimento desordenado e uma relação cada vez mais predatória com a natureza, a ponto de quase inviabilizar em muitos locais a sua sobrevivência por meio da pesca artesanal.

Os recursos pesqueiros esgotam-se rapidamente em todo o planeta. Isso também está ocorrendo nos manguezais com as populações de caranguejo. Não existe

[1] SCHWAB, Gustav. *As mais belas histórias da Antiguidade clássica.* Volume I: *metamorfoses e mitos menores.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994, pp. 130-179.

mais a fartura que havia antigamente. Os motivos são vários, e tentarei mostrá-los ao longo deste trabalho. Em muitos locais, especialmente nos que estão próximos às cidades, os manguezais encontram-se num processo de degradação tal, que começam a não oferecer mais condições dignas de sobrevivência para as pessoas que exercem a pesca artesanal. O objetivo principal deste trabalho é entender e descrever as relações homem-manguezal, com um enfoque especial nas pessoas que vivem da cata do caranguejo na cidade de Vitória - ES.

Para isso, a fotografia foi utilizada desde o registro até a exposição dos dados, pois acredito que a relação homem-manguezal, na qual o corpo é o principal instrumento de trabalho, pode ser melhor revelada através da imagem. Além de uma observação participante, durante a pesquisa realizei entrevistas abertas e apliquei questionários, cuja finalidade principal era fazer um cadastro dos caranguejeiros que moravam e comercializavam esse crustáceo no município de Vitória. Após ter obtido uma grande quantidade de dados (imagens e textos) - os que recolhi em campo, acrescidos dos que consegui em arquivos históricos - comecei a me deparar com a seguinte pergunta: como organizar esses dados no corpo da dissertação? Foi nesse momento que meu orientador, Etienne Samain, sugeriu que utilizássemos o modelo proposto por Margaret Mead e Gregory Bateson em *Balinese Charater: A Photographic Analysis*, para apresentar formalmente os dados nesta dissertação e, na medida do possível entrever outras "aberturas" ao trabalho desses pioneiros. O capítulo 1 constitui-se, deste modo, em uma análise crítica dessa metodologia e da forma como foi incorporada e desenvolvida nesta pesquisa.

Minha intenção no início do mestrado era registrar e descrever as técnicas de captura do caranguejo, seu transporte e comercialização. No decorrer do trabalho de campo fui percebendo que, por trás de cada técnica, de cada atitude, existia um significado. Tentei, então, mergulhar nesse mar de significados, entender o que representa para os caranguejeiros ser caranguejeiro e viver da cata dos caranguejos. O que percebi a partir desse momento foi algo bem diferente da visão romântica que tinha no início desse trabalho. No meu imaginário, os caranguejeiros eram homens que viviam em perfeita harmonia com a natureza. Hoje percebo que, na verdade, são homens que buscam, acima de tudo, sobreviver em uma sociedade que tende cada vez mais a excluí-los.

Com o intuito de compreender melhor o processo de inserção desse grupo em nossa sociedade, fui conduzido a uma pesquisa em arquivos públicos e particulares da cidade. Procurava imagens dos manguezais que circundavam o município de Vitória

desde o começo do século XX até a época em que grande parte dessas florestas de mangue foram cortadas e aterradas. Encontrei um vasto material fotográfico sobre esse tema, bem como diversos livros, revistas e outros tipos de publicações que me ofereceram dados importantes. Parte desse material foi sistematizado no capítulo 2 desta dissertação.

No capítulo 3, procuro descrever o que pude vivenciar e aprender com os caranguejeiros sobre o manguezal, os caranguejos, as técnicas de captura, o transporte e o comércio desse crustáceo. Será, na realidade, o capítulo central desta dissertação nos moldes da proposta de Mead e Bateson, sempre submetida à apreciação dos nossos argonautas do mangue.

O capítulo 4 é enfim uma narrativa visual. Convido o leitor a começar a leitura deste trabalho, se assim quiser, por esse último capítulo (p. 170), proporcionando-lhe, desta forma, um primeiro contato unicamente visual com a temática em pauta; um percurso genuinamente visual, síntese desta dissertação, no qual - espero - será possível *sentir*, antes de *compreender*, o que essas imagens transmitem. Foi dessa forma que me interessei pelo mangue, primeiro por meio de uma contemplação visual e, num segundo momento, conduzido por uma inquietação interior: a de não apenas ver mas também tentar entender - enquanto cidadão e parceiro dos argonautas do mangue - a forma como esse ambiente vem sendo utilizado por nossa sociedade, na esperança de que isto venha a ter alguma relevância prática para uma melhor utilização e conservação desse ecossistema.

"O acesso dos protagonistas à visão de sua imagem registrada, bem como o direito dos mesmos de opinarem sobre a realização das seqüências, representam uma autêntica antropologia compartilhada."

Henri Gervaiseau

Capítulo 1

A UTILIZAÇÃO DA PROPOSTA METODOLÓGICA DE *BALINESE CHARACTER: A PHOTOGRAPHIC ANALYSIS*

Objetivo:

O objetivo deste capítulo é apresentar criticamente a metodologia proposta por Gregory Bateson e Margaret Mead em *Balinese Character: A Photographic Analysis*[2], uma reconhecida pesquisa de antropologia visual (verbo-fotográfica), na qual esses autores procuraram desvendar as expressões do *ethos* da sociedade balinesa. Pretende-se focalizar e descrever a metodologia que presidiu tal empreendimento e discutir também a maneira como esse modelo metodológico foi incorporado à pesquisa sobre os caranguejeiros do município de Vitória, ou seja, delimitar as semelhanças e diferenças metodológicas entre as duas pesquisas.

[2]BATESON, Gregory & MEAD, Margaret. *Balinese Character: A Photographic Analysis*. The New York Academy of Sciences, 1942.

A interação entre texto e fotografia foi, desde o início da constituição da antropologia visual, um problema metodológico. A maior parte dos trabalhos antropológicos utilizaram, e utilizam até hoje, a fotografia de uma maneira secundária, quase sempre ilustrando o que estava sendo discutido verbalmente no texto.

Em 1936, Gregory Bateson e Margaret Mead, preocupados com problemas de descrição e análise de certos comportamentos culturalmente padronizados (o *ethos* e o *eidos*: voltaremos sobre o assunto), que vinham encontrando em suas pesquisas anteriores, resolveram partir para Bali e testar um novo método de apreensão e de exposição desses dados. Eles permaneceram lá de março de 1936 a março de 1938, e depois por um período de seis semanas em fevereiro e março de 1939. Após encerrarem sua estada em Bali, eles passaram um curto período de tempo entre os Iatmuls (sobre os quais Bateson tinha realizado a sua primeira etnografia *Naven*)[3] com o objetivo de obter elementos comparativos às pesquisas comportamentais que haviam acabado de desenvolver em Bali. Os resultados desse trabalho foram publicados em 1942 pela New York Academy of Sciences. *Balinese Character: A Photographic Analysis* é considerado o marco inicial da antropologia visual, pois nesse livro, pela primeira vez, a fotografia é encarada como um verdadeiro instrumento de pesquisa.

A. O trabalho de campo de Bateson e Mead

Este capítulo não tem como objetivo tratar dos motivos que conduziram Margaret Mead e Gregory Bateson a Bali, nem evocar como, nesta ilha, viveram em companhia de todo um círculo de amigos e artistas, nem mesmo de questionar sua própria maneira de conduzir seus trabalhos em campo. Sobre essas importantes questões, remetemos ao famoso artigo de Ira Jacknis[4], e às proprias anotações redigidas por Margaret Mead, tanto na sua *Autobiografia*[5] como nas suas *Cartas de campo*[6] . Encontrar-se-á, também, um excelente material crítico no primeiro e único número do *Yearbook of Visual Anthropology*[7], entitulado "1942-1992: Fifty Years after 'Balinese Character' ". Este breve capítulo visa simplesmente descrever a forma como esses autores utilizaram a fotografia

[3] BATESON, Gregory (1936). *Naven. A survey of the problems Suggested by a composite picture of the culture of a New Guinea Tribe drawn from three points of view*. Standford: Standford University Press, 1958. [original: 1934].
[4] JACKNIS, Ira. "Margaret Mead and Gregory Bateson in Bali: Their Use of Photography and Film", in *Cultural Anthropology*, vol.3, n°.2, 1988, p.160-177.
[5] MEAD, Margaret. *Blackberry Winter: my early years*. New York: William Morrow and Company, 1972.
[6] MEAD, Margaret. *Letters From the Field: 1925-1975*. New York: Harper and Row Publishers, 1977.
[7] *Yearbook of Visual Anthropology*, (Dir. Paulo Chiozzi), vol. 1. Commission of Visual Anthropology (IUAES), 1993, p. 91.

nesse famoso trabalho e também descrever como essa metodologia por eles proposta foi incorporada à pesquisa sobre os caranguejeiros do município de Vitória.

Bateson e Mead desenvolveram, em Bali, um método de pesquisa através do qual buscaram associar informações visuais (fotografias e filmes) a informações verbais para descrever o *ethos*[8], isto é, o *"sistema culturalmente padronizado de organização dos instintos e das emoções dos indivíduos"* de uma dada sociedade.

Além dos acessórios habituais levados para campo pelos antropólogos da época, eles carregavam na bagagem uma câmara fotográfica Leica e uma câmara de filmagem 16 mm, e muito filme. Estavam preocupados em *"traduzir aspectos da cultura nunca registrados com sucesso pelos cientistas, embora apreendidos com freqüência pelo artista, em uma forma de comunicação suficientemente clara e inequívoca para satisfazer os requisitos de uma pesquisa científica"*[9], eles acreditavam que a fotografia e o filme, usados de uma forma sistematizada, como será mostrado mais adiante, poderiam atender *"os requisitos de uma pesquisa científica."*[10]

> *"Este não é um livro sobre os costumes balineses, mas sobre os balineses. Sobre a maneira pela qual, enquanto pessoas que vivem, se movimentam, se levantam, comem, dormem, dançam e entram em transe, incorporam esta abstração que (depois de abstrai-la) chamamos de cultura."*[11]

Um dos objetivos principais de Bateson e Mead era entender a formação da personalidade da criança dentro dessa cultura. Ou seja, como uma criança nascida em Bali se torna um balinês. Suas análises centravam-se nas relações entre pais e filhos e destes com outros parentes, mas eles estavam especialmente preocupados com a relação da mãe com os filhos. Esse interesse inicial fez com que a maior parte das fotografias, das filmagens e dos comentários verbais de *Balinese Character* enfocassem as crianças e as relações entre elas e seus familiares. Uma das hipóteses principais de Mead e de Bateson girava em torno de um dos componentes culturalmente padronizados

---

[8] *Ethos*, conceito forjado por Bateson em seu livro *Naven*, p. 2: "o espírito característico, a tonalidade geral de um povo ou de uma comunidade; "o gênio de uma instituição ou de um sistema", ou ainda, p.220: "o*ethos* é o sistema das atitudes afetivas que governa o valor que uma comunidade outorga às diferentes satisfações ou concede às diferentes frustrações que podem oferecer as situações da vida". Paralelamente, Bateson desenvolverá a noção de *eidos*, para se referir, desta vez, ao "sistema codificado dos modos *cognitivos* presentes em uma dada sociedade".

[9] BATESON & MEAD, 1942, p. xi.

[10] *Ibid*, p. xi.

[11] *Ibid*, p. xii.

nessa cultura: o binômio "Excitação/frustração". De uma forma geral, os indivíduos dessa sociedade estariam marcados por uma espécie de trauma adquirido na sua infância que teria origem na relação entre mãe e filho.

> *... no começo a mãe mostra seu amor para a criança* [excitação], *mas quando esta reage com uma grande requisição de envolvimento emocional, a mãe tem medo de mostrar seu amor e se retira* [frustração]. *Como conseqüência, a criança recebe duas mensagens contraditórias, uma de amor quando está separada de sua mãe, e outra de estranhamento quando ele está próxima a ela.*[12]

Bateson e Mead estavam bastante influenciados pela psicologia e psiquiatria desta época. A trama psicanalítica era o seu foco principal, e as principais críticas à sua teoria centram-se, efetivamente e com razão, nas interpretações que eles, muitas vezes, impuseram aos seus próprios dados. As interpretações que fazem de algumas pranchas fotográficas se chocam com o que é possível perceber a partir das mesmas imagens. É como se, muitas vezes, eles quisessem que víssemos nas imagens aspectos do comportamento que não estão necessariamente presentes nas fotografias. Nesses casos, não são tanto as fotos que fazem eles pensarem sobre os balineses, mas sim o pensamento deles que organiza as fotos de uma forma que possa ajudá-los a explicar as suas teorias, como resume com bastante clareza Canevacci:

> *"Isto dá margem a duas observações críticas. A primeira diz respeito ao "propósito consciente" que organiza, seleciona, e interpreta o material empírico com base em pressuposições conscientes do pesquisador que distorcem a realidade. A segunda é sobre a relação comportamento-subjetividade. Eles escolheram focar somente o comportamento e a comunicação de emoções, e isso possibilitou o surgimento de outro problema metodológico: a validade de respostas baseadas meramente nas interpretações objetivas do comportamento sem procurar uma profundidade maior na subjetividade balinesa através do diálogo. Eles esqueceram isso. Os autores acreditavam que o tipo de observação objetiva deles (notas e fotos) seria suficiente para tornar claro este ethos sem uma explicação subjetiva de tal atitude."*[13]

Não era comum, naquela época, os antropólogos dialogarem com os sujeitos pesquisados. A observação realizada em campo era distanciada e poucos pesquisadores haviam experimentado o que chamamos hoje de uma observação participante. Se Bateson e Mead tivessem, por exemplo, mostrado as seqüências fotográficas para os balineses e ouvido o que estes tinham a dizer sobre as mesmas,

---

[12] CANEVACCI, Massimo. "Gregory Bateson and the patterns of representation: Balinese Character and body". In *Yearbook of Visual Anthropology*, vol. 1. Commission of Visual Anthropology (IUAES), 1993. p. 91.

[13] *Ibid*, p. 92.

teriam se aproximado mais, talvez, da subjetividade dos sujeitos pesquisados, e dessa forma, as interpretações que os balineses fariam daquelas cenas e daqueles aspectos do comportamento que Bateson e Mead haviam enfocado, poderiam tê-los ajudado a compreender melhor os instintos e emoções dos indivíduos daquela sociedade.

Mas se por um lado Bateson e Mead deixaram, em alguns momentos, os seus próprios valores sobrepujarem os valores dos balineses, por outro, eles foram brilhantes. O método que desenvolveram para utilização da fotografia, desde a tomada dos dados em campo até a organização das mesmas no livro se mostrou extremamente eficiente.

> *"Balinese Character parece ser um texto muito inovador. Além de seu valor científico, que assumiu aspectos obscuros como veremos, o uso de imagens, notas, comentários e acima da tudo técnica de exposição – com fotos numa página e comentários na página ao lado – deu origem a uma nova forma de comunicação."*[14]

Eles trabalhavam da seguinte forma: enquanto Bateson fotografava ou filmava, Mead não só fazia anotações sobre as cenas registradas através das imagens, mas também agia como uma espécie de diretora de fotografia, chamando a atenção de Bateson para fatos que aconteciam e que ele, por estar com o olho colado ao visor da câmara não poderia enxergar. Eram dois olhares lançados simultaneamente sobre as cenas: um registrava o que via através de imagens e o outro através da escrita.

> *"Nós normalmente trabalhávamos juntos, Margaret Mead, fazendo anotações verbais sobre o comportamento e Gregory Bateson se movendo dentro e fora da cena com as duas câmaras. A gravação verbal incluía anotações freqüentes sobre o tempo e anotações ocasionais sobre o movimento do fotógrafo, tais como a direção na qual ele estava trabalhando e qual instrumento ele estava usando. Sempre que um novo rolo de filme era inserido na câmara, a data e a hora da inserção eram escritas na bobina. Quando o filme era recolhido a data e a hora eram gravados de novo, de forma que o filme pudesse ser seguramente encaixado às anotações."*[15]

Os autores destacam que *"para um trabalho desse tipo é essencial ter pelo menos dois trabalhadores em cooperação aproximada. A seqüência fotográfica é quase sem valor sem o relato verbal do que ocorreu, e não é possível fazer anotações completas enquanto se manipula câmeras"*[16]. Através dessas anotações precisas foi

---

[14] CANEVACCI, 1993, p. 88.
[15] BATESON & MEAD, 1942, p. 50.
[16] *Ibid*, p. 50.

possível[17], depois de dois anos, ver as imagens de determinada cena e ler as anotações específicas daquela situação. Eles mesmos revelaram os filmes em Bali, e quando voltaram para a América tinham uma coleção inteira de 25 000 fotografias impressas como diapositivos, em faixas de filme positivo. No planejamento do livro eles fizeram uma lista de categorias dos temas que pretendiam mostrar. Essa lista era similar ao agrupamento final das pranchas fotográficas no índice do livro.

> *"... a partir daí projetamos todos os diapositivos, um por um, e fizemos fichas de categorias para as fotografias que pareciam merecer considerações posteriores para inclusão no livro. Obtivemos, assim, uma lista de 6000 fotos. Destas, ampliamos aproximadamente as primeiras 4000 em ordem cronológica, desistindo neste ponto porque o tempo era curto. (...) O livro contém, então, um número de fotografias desproporcional, tiradas nos primeiros ¾ da nossa estada em bali."*[18]

O fato de eles não terem conseguido trabalhar com todas as fotografias que fizeram torna evidente uma dificuldade para quem se propõe a realizar uma grande quantidade de fotografias na pesquisa de campo: a dificuldade de sistematizar o material recolhido. Esse talvez tenha sido um dos maiores problemas enfrentados por eles na exposição dos dados. Além das fotos, tinham ainda os 22000 pés de filme que haviam feito e que certamente os ajudariam a melhor entender os temas que abordavam, mas cujas imagens não podiam ser utilizadas no livro. Os autores lamentam o fato, por exemplo, de algumas cenas filmadas e não fotografadas, como a cena de um filho sugando o bico do seio de seu pai, não terem sido incluídas no livro.

Das 4000 fotografias ampliadas, 759 foram editadas e inseridas no livro. Essas fotografias são apresentadas em seqüências, compostas por 6 a 13 fotos, agrupadas em 100 pranchas e divididas em dez temáticas gerais: Introdução geográfica, Organização social de oferendas, Aprendizado, Integração e desintegração do corpo, Orifícios do corpo, Símbolos auto-cósmicos, Pais e filhos, Irmãos, Estágios de desenvolvimento da criança e Ritos de passagem.

---

[17] É importante salientar aqui o papel central desempenhado por I Madé Kaler, secretário balinês, contratado por Mead e Bateson que os ajudou durante o trabalho de campo e ainda todo um grupo de artistas que circundava o casal.

[18] BATESON & MEAD, 1942, p. 51.

B. Uma nova metodologia de apresentação dos dados

A enorme quantidade de dados (fotografias, filmes e texto) que haviam recolhido em campo exigiu dos autores o desenvolvimento de uma forma eficiente de apresentação dessas informações. *Balinese Character* se destaca muito mais pela forma de apresentação dos dados do que pelo seu conteúdo etnográfico em si. E parece que na verdade a maior preocupação de Mead e Bateson nessa pesquisa era exatamente desenvolver essa metodologia como uma nova forma de apreensão e exposição de dados.

> *"Este volume não é de forma alguma uma explicação completa da cultura balinesa, mesmo em suas idéias mais gerais. É uma tentativa de apresentar, nesta época em que apresentações científicas são conhecidas por serem amplamente espaçadas, os aspectos dos nossos resultados e os métodos de pesquisas que nós julgamos ser de uso mais imediato para outros estudantes."*[19]

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, Margaret Mead introduz o leitor (através de uma explanação escrita de 48 páginas) tanto à temática genérica da pesquisa (a procura do *ethos* balinês) como ao conjunto das dez temáticas principais. Essa introdução escrita *"é necessária para orientar o leitor para que as fotografias tornem-se significativas"*[20]. Dessa forma, Mead dá ao leitor uma explanação genérica sobre cada tema abordado (por exemplo: "Pais e filhos"), ao mesmo tempo em que, no início de cada um dos dez temas, ela remete o leitor às pranchas fotográficas sobre o tema em pauta.

Na segunda parte do livro, denominada "Análise fotográfica", são apresentadas as pranchas fotográficas relacionadas a cada uma das dez temáticas gerais. As pranchas são acompanhadas de um novo comentário (que vai ampliar, enriquecer e precisar o primeiro elaborado por Margaret Mead, ao qual acabamos de nos referir). Esse comentário, desta vez escrito por Bateson, é sempre colocado ao lado das fotografias, num único plano visual.

> *"Cada prancha foi acompanhada por uma exposição geral, contando ao leitor o cenário contextual no qual as fotografias foram tiradas, e definindo os pontos teóricos para os quais vemos a prancha nos conduzir. Cada fotografia, ou cada série de fotografias, é então descrita separadamente. O penúltimo parágrafo dessa descrição dá os nomes e relações entre as*

[19] BATESON & MEAD, 1942, p. xvi.
[20] *Ibid*, p. xii.

principais pessoas fotografadas, e o último parágrafo dá o nome da localidade onde a fotografia foi feita, a data, e o número do negativo."[21]

Se examinarmos agora a organização das fotografias nas pranchas se dá de duas maneiras distintas: em algumas pranchas são utilizadas fotografias feitas umas após as outras, numa seqüência onde se enfoca a mesma cena e as fotos são tomadas em intervalos de tempo de alguns segundos ou minutos (ver página 25). A outra forma de organização consiste em juntar em torno de um mesmo propósito temático (por exemplo, a questão do equilíbrio) fotografias pertencentes a contextos e momentos diferenciados. Nesse caso, além das fotos, em algumas pranchas foram utilizados também desenhos feitos pelos balineses (ver página 27).

A idéia de montar as seqüências fotográficas parece ter surgido da necessidade de colocar num mesmo plano visual "*pedaços de comportamento espacialmente e contextualmente separados". ... Pelo uso de fotografias, a integridade de cada pedaço do comportamento pode ser preservado, enquanto uma entre-referência especial desejada* [entre os temas enfocados] *pode ser obtida colocando-se as séries de fotografias na mesma página."*[22] A forma de apresentação desenvolvida por Bateson e Mead permite ao leitor uma certa interação com esse "hipertexto" (fotos, texto e filme). É possível sair da explanação geral escrita por Mead e ver as fotos que Bateson realizou sobre aquele tema e ainda ler (nas pranchas) o que ele escreveu sobre as fotos. Se o leitor tiver em mãos os sete filmes que eles editaram a partir do material recolhido em campo, poderá ver também as imagens em movimento.

[21] *Ibid*., p. 53.
[22] BATESON & MEAD, 1942, p. xii.

Exemplo 01

APRENDIZADO VISUAL E CINESTÉTICO II

(Prancha 16 de *Balinese Character*)

O ensino através da automatização muscular, no qual o aluno tem de desempenhar os movimentos corretos, é notavelmente desenvolvido nas aulas de dança.

Mario de Tabanan, o professor nesta seqüência, é o dançarino especialmente responsável pela evolução da dança *kebiar* que tem se tornado muito popular em Bali nos últimos vinte anos. A dança é executada numa postura sentada, em um espaço quadrado rodeado pelos instrumentos da orquestra; mas, embora a ênfase principal esteja nas mãos e na cabeça, a dança envolve todo o corpo, e Mario introduz uma boa dose de virtuosidade, na execução da difícil façanha de locomover-se rapidamente sem levantar-se da posição sentada. Os principais defeitos na dança do aluno, são que ele dança somente com a cabeça e os braços, e não demonstra a tensão desarmônica característica da dança.

Esta seqüência de fotografias ilustra dois pontos essenciais na formação do caráter Balinês. Na sua aula de dança, o aluno aprende passividade, e adquire uma consciência separada nas diferentes partes do corpo.

1. O aluno dança sozinho enquanto Mario assiste ao fundo. Note o desenvolvimento imperfeito da postura dos dedos do aluno.

2. Mario vem à frente para mostrar ao aluno como a dança deveria ser executada.

3. Mario incita o aluno a endireitar as costas. Note que essa instrução é dada por gestos ao invés de palavras.

4. Posição das mãos e expressão facial de Mario enquanto demonstra. (cf. Pl. 22).

5. Mario toma o aluno pelos pulsos e balança-o através do espaço da dança.

6. Mario faz seu aluno dançar corretamente segurando as suas mãos e forçando-o a mover-se como deveria. Note que Mario está de fato dançando nesta fotografia, e que ele posiciona seus dedos mesmo enquanto segura as mãos do aluno. A posição do cotovelo esquerdo de Mario nesta fotografia é característica da tensão desenvolvida na dança.

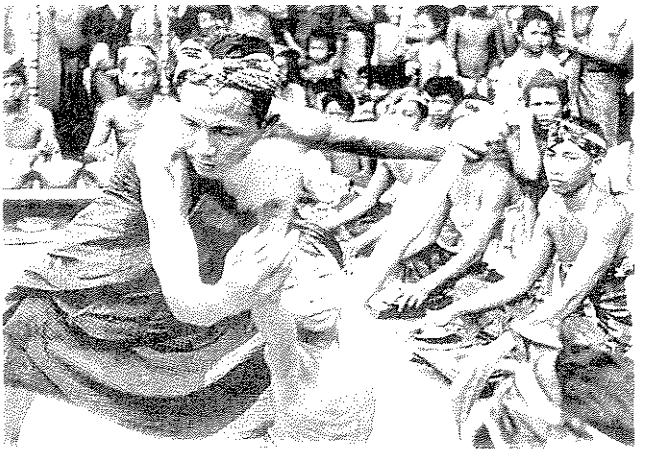
7. Mario até adota o convencional sorriso doce e impessoal do dançarino enquanto ele move os braços do aluno e segura o aluno firmemente entre seus joelhos para corrigir sua tendência a curvar as costas.

8. Novamente Mario tenta corrigir a tendência do aluno a curvar as costas.

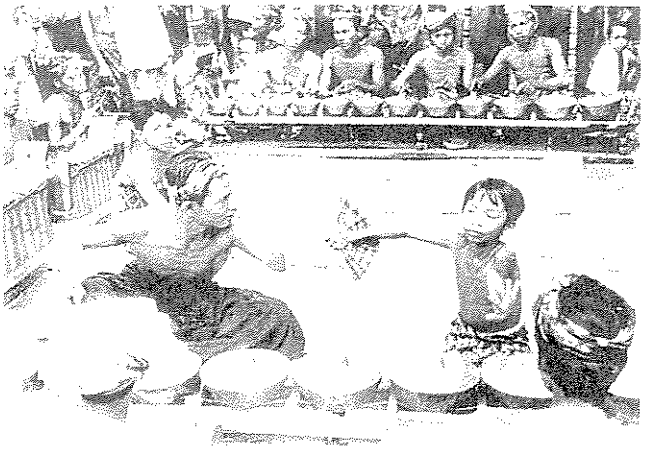
I Mario de Tabanan ensinando I Dewa P. Djaja de Kedere.

Tabanan. 1 de dezembro de 1936. 3 O 11, 13, 14, 17, 21, 22, 23, 25.

1



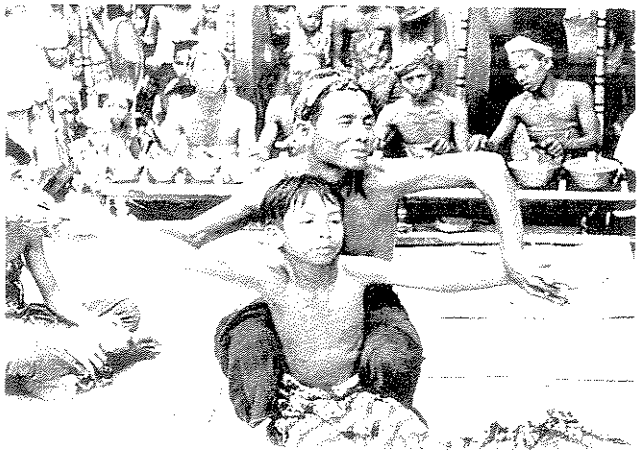
5



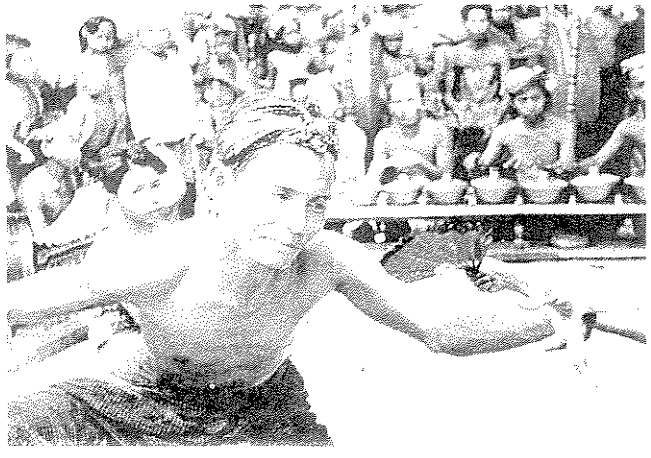
2

6

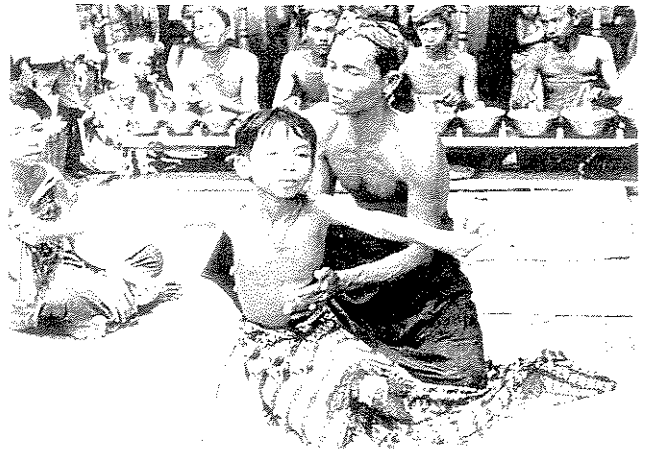
3



7



4



8

Exemplo 02

ELEVAÇÃO E RESPEITO I

(Prancha 10 de *Balinese Character*)

Esta e as quatro pranchas seguintes ilustram o sistema Balinês de hierarquia e respeito. Além do sistema já conhecido, de acordo com o qual o interior-leste (*kadja-kangin*) é a direção mais honrada, muita atenção é dada à elevação, e a cabeça é na cerimônia a parte mais sagrada do corpo. O respeito é expresso ao se abaixar ou ao elevar a pessoa respeitada.

Todo Balinês, em todas as suas relações pessoais, continuamente orienta a si mesmo de acordo com os pontos cardeais e com a elevação relativa das variadas pessoas.

1. Um homem olhando para um avião. Ao olhar para cima, para esse objeto estranho e surpreendente, ele pôs, como de costume, suas mãos em posição de cerimônia e respeito (cf. fig. 5).
I Wajan Keloepeos, de Bedoeloe.
Bajoeng Gede. 3 de julho de 1936. 1 T 14.

2. O Goenoeng Agoeng, a montanha central de Bali. Essa montanha é considerada a morada dos Deuses, e é o elo entre o sistema de pontos cardeais e o sistema de elevação. Os pontos cardeais diferem dos nossos nesse aspecto; embora o leste (*kangin*) e o oeste (*kaoech*) sejam determinados pelo nascer e pôr do sol, as outras duas direções são determinadas por referência à montanha central. Geralmente, em Bajoeng Gede e Bali do Sul, *kadja* coincide com o "norte" Europeu e tem sido assim traduzido neste livro. Na Bali do Norte, no entanto, *kadja* coincide com o sul Europeu, e *kadja-kangin*, a direção mais honrada, é o sudeste. A tradução "interior-leste" é aplicável em ambos os casos.
Fotografia das redondezas de Bajoeng Gede.
17 de junho de 1937. 11 R 27.

3. A dançarina em transe (*sangiang*) nos ombros de um homem. As duas garotinhas que dançam em transe (cf. Pls.18, 19 e 38) são de certa forma sagradas no dia-a-dia e devem evitar passar embaixo de aquedutos e de poleiros de galinhas suspensos. Em transe, quando estão "possuídas" por anjos (*dedan*), elas se tornam muito mais sagradas; suas ordens são obedecidas e elas dançam, não somente no chão mas também nos ombros dos homens. A maioria dos homens normalmente evita carregar uma mulher adulta, e as roupas das mulheres não devem ser postas por cima das roupas dos homens. Dançarinas *sangiangs* não podem dançar após a puberdade, e a razão dada para essa regra é que os homens não "ousariam" levantá-las em seus ombros.
I Misi nos ombros de I Lasia.
Bajoeng Gede. 26 de maio de 1937. 9 O 32.

4. Pintura de um dançarino *sangiang* sendo carregado. Aqui o respeito é expresso não só pela elevação, mas também pelo uso de guarda-sóis.
Pintura de I. B. Kt. Diding, Batoean; ambos de 24 de fevereiro de 1938. Reduzido x 1/3 linear. Foto 119.

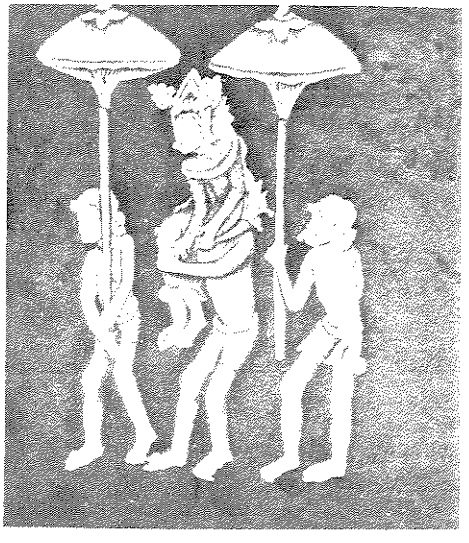
5. Serviçal cômico (*kertala*, cf. Pl. 13) em drama Balinês, em posição de respeito, (*soembah*), esperando pela entrada de seu príncipe.
Dendjalan. 26 de maio de 1936. 1 I 13.

6. O sonho de um artista brâmane. O texto ditado do sonho é o seguinte:
"Em outro tempo sonhei com a cremação de um corpo. O homem morto nunca antes havia ajudado (outros). Preguiçoso, por assim dizer, e ele morreu. E nenhum cidadão foi visitar (*medelokin*). Eu carreguei (ele) para o cemitério e cheguei ao cemitério, e quando lá cheguei, lá estavam todos os cidadãos, todos juntos me olhando fixamente. Eles não levantariam a lenha para a cremação, eu resmunguei para mim mesmo. Os cidadãos ainda estavam lá, longe. É assim - quando vivos, muito preguiçosos para ajudarem os vizinhos, e agora encarados pelos cidadãos."

Note que o artista representa a si mesmo como mais baixo que os cidadãos reunidos, e que no sonho ele é o homem "preguiçoso" e o homem que executa a cremação. Esse pintor estava excepcionalmente preocupado com a casta, pois ele havia quebrado uma regra da casta muito séria ao roubar a esposa do outro Brahman.
Pintura de I. B. M. Togog de Batoean; ambos de 26 de agosto de 1938. Reduzido x 1/4 linear.

2

3



4

6

C. A INCORPORAÇÃO DO MÉTODO DE BATESON E MEAD

Pode parecer estranho utilizar numa dissertação sobre os caranguejeiros da Ilha de Vitória uma proposta tão antiga, mais de 50 anos após sua publicação. Porém, em alguns aspectos, essa proposta é extremamente atual. A incorporação dessa metodologia surgiu a partir de uma necessidade de sistematizar um número muito grande de fotografias e de apresentá-las juntamente com outros dados (textos e ilustrações). Quando retornei de minha primeira estada em campo, em março de 1997, tinha cerca de 1500 fotografias, que retratavam principalmente as técnicas utilizadas para a captura do caranguejo, o seu transporte e sua comercialização; tinha também as anotações escritas que havia recolhido sobre esses temas. Não sabia muito bem como organizar essas informações (textos e fotos) de uma forma tal que pudessem ser apresentadas em uma monografia. Nesse momento, meu orientador, Etienne Samain, sugeriu que utilizássemos a proposta de Mead e Bateson para organizar as fotografias e apresentá-las juntamente com as informações verbais.

O primeiro passo para a organização das fotografias foi um fichamento temático. Estudei atentamente as provas de contato das fotografias e selecionei os temas enfocados nessas imagens. Após a segunda estada em campo, no verão de 1998, tinha feito 3600 fotografias. O fichamento temático das fotos me auxiliou na edição de 800, que ampliei num formato 7,5 X 11,4 cm[23], as ampliações, embora pequenas, possibilitavam-me uma melhor visualização de cada imagem e me auxiliavam na escolha das melhores fotos. Essas 800 fotografias foram separadas em blocos temáticos, sendo que cada cópia recebeu a anotação do número do filme, do número do fotograma e da data em que foi feita. Além das fotografias, fiz também anotações referentes às situações fotografadas num caderno de campo. As fotografias eram posteriormente analisadas, juntamente com as anotações feitas a respeito da cena registrada.

Na montagem de *Balinese Character*, todas as fotografias foram apresentadas em forma de seqüências com no mínimo 6 fotografias em cada prancha. Para se diagramar em uma única página seis fotografias, estas teriam de ser apresentadas em um tamanho pequeno, fato que pode dificultar a sua leitura. Isso me incomodava um pouco quando olhava o livro. Desejava ver algumas fotos num tamanho maior. A seqüência, em alguns casos, é extremamente eficiente na transmissão de informações,

[23] Utilizo este tamanho para a montagem das fotografias nas pranchas. Monto as seqüências fotográficas num papel branco, 240 gramas, com 275X389 mm. Depois de montadas nesse formato, as seqüências fotográficas são reduzidas para o formato A4 em máquinas de fotocópias coloridas. Obtive assim, uma melhor qualidade na reprodução mecânica das fotos e também um custo mais baixo.

mas em outros, uma única fotografia ou um número menor do que seis imagens pode resolver a transmissão de determinado aspecto do comportamento ou das técnicas materiais e corporais. Com menos fotos em cada página, há mais espaço para cada uma. Antes de montar as seqüências, é preciso avaliar com muito cuidado com quantas fotos é possível transmitir o assunto ou as informações em questão. Na montagem do trabalho sobre os caranguejeiros, utilizei de uma a oito fotos na montagem das pranchas.

Uma diferença básica do trabalho que realizei em Vitória com relação ao trabalho que Mead e Bateson realizaram em Bali foi o fato de eles terem trabalhado juntos em campo enquanto em Vitória estive o tempo todo só. Isso certamente limitou a minha capacidade de apreensão dos fatos. Concordo com Bateson e Mead quando dizem que *"para um trabalho desse tipo é essencial ter pelo menos dois trabalhadores em cooperação aproximada. A seqüência fotográfica é quase sem valor sem o relato verbal do que ocorreu, e não é possível fazer anotações completas enquanto se manipula câmeras"*[24]. O ideal para uma pesquisa desse tipo realmente é haver duas pessoas trabalhando juntas. Sempre que acabava de fotografar as cenas, procurava fazer anotações sobre o que tinha fotografado, mantendo também o hábito de anotar o que fotografava em cada filme, de modo que, depois de revelados os filmes, não tinha dificuldade de cruzar as informações. Porém, é diferente a forma através da qual se observa uma cena quando se está fotografando e quando se está escrevendo. Se tivesse havido uma outra pessoa comigo, observando não só as cenas que estava fotografando mas também a minha interação com os sujeitos, o meu enfoque, e tudo aquilo que estava além do enquadramento do visor da câmara, este trabalho poderia conter uma maior riqueza de detalhes.

D. OUTRAS CONSIDERAÇÕES QUANTO AO TRABALHO DE CAMPO

Um fator que ajudou bastante a minha inserção e aceitação por parte dos caranguejeiros dessa comunidade foi o fato de ter participado efetivamente do seu cotidiano de trabalho. Seguindo o conselho de Bronislaw Malinowski, ... *"recomenda-se ao etnógrafo que de vez em quando deixe de lado máquina fotográfica, lápis e caderno, e participe pessoalmente do que está acontecendo"*.[25] Em alguns dias de trabalho, pendurava o equipamento numa árvore do mangue e ia tirar caranguejos junto aos

[24] BATESON & MEAD, 1942, p. 50.
[25] MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção "Os Pensadores", XLIII. Abril Cultural: São Paulo, 1976, p. 35.

caranguejeiros. Deitar na lama e enfiar o braço nos buracos dos caranguejos pode parecer para muitos algo nojento, mas para mim foi um prazer, uma maneira de literalmente conhecer e aprender esse ofício. Essa atitude de pegar caranguejos com eles ajudou-me a melhor compreender as técnicas utilizadas para a captura e a nos aproximarmos mais enquanto pessoas.

O processo de inserção na comunidade é um dos mais importantes passos na pesquisa de campo na área das ciências sociais, e, em especial, na antropologia visual. Como o pesquisador fotografará as pessoas se elas não o querem ali junto a elas? Ou, mesmo se o aceitem, e se a sua presença causa constrangimentos? Não podemos chegar simplesmente com uma câmara fotográfica, dizer que vamos fazer um documentário etnográfico e começar a fotografar. É necessário, principalmente caso se queira que os sujeitos fotografados participem do processo de elaboração dos dados etnográficos, que para eles esteja muito claro o motivo pelo qual estamos ali, e para que se pretende utilizar aquelas imagens.

Mas como explicar para eles o que eu pretendia ali? As primeiras tentativas foram de falar da pesquisa através de palavras. Começava, então, todo um discurso sobre a pesquisa que estava fazendo, sobre a minha intenção de registrar as técnicas que eles utilizavam para a captura do caranguejo e a forma como se relacionavam com o manguezal. Por mais que tentasse explicar, sempre achava que não conseguia fazer-me entender. Percebi que entendiam melhor o que pretendia quando, além das palavras, levava imagens para verem, imagens de outros caranguejeiros que já havia fotografado e fotos do manguezal.

Antes de iniciar essa pesquisa de mestrado, já tinha o hábito de fotografar as pessoas e de sempre devolver as imagens para elas. A devolução das imagens, especialmente no caso de um trabalho etnográfico, é fundamental. Além de uma retribuição mínima pela disponibilidade dessas pessoas de estarem transmitindo informações para o pesquisador, as fotografias podem ajudá-las a melhor entender o foco da pesquisa e, até mesmo, podem propiciar importantes sugestões.

Muitos dos caranguejeiros não sabem ler. Não tinha como mostrar os textos que estava escrevendo para essas pessoas. As imagens permitiram uma interface entre os dados obtidos e sua leitura pelos membros da comunidade. Uma vez percebidos os objetivos da pesquisa, pessoas que antes manifestavam um certo receio com relação à minha presença nessa comunidade transformaram-se em importantes informantes,

como foi o caso de Joel Felix, que em nosso primeiro encontro me fez a seguinte colocação: *"Já veio muita gente fazer pesquisa aqui, as pessoas aparecem, dizem que vão pesquisar, conseguem as informações que precisam, falam que vão voltar, mas nunca mais voltam".* Atualmente Joel passou não só a acompanhar as etapas da pesquisa mas também a opinar e participar das mesmas.

A proposta que faço, de realizar imagens, apresentá-las aos meus protagonistas, e a partir da maneira como eles pensam a sua realidade, traçar o "fio condutor" da pesquisa, na verdade não é nenhuma novidade. Robert Flaherty, em 1922, já desenvolvia experiências desse tipo quando realizou o filme *Nanook*, onde nos mostra, sob o ponto de vista dos Inuit, a forma como viviam os esquimós naquela época. Ele filmava durante o dia e à noite revelava as imagens, projetava-as para os esquimós e discutia-as com eles. *"O acesso dos protagonistas à visão de sua imagem registrada, bem como o direito dos mesmos de opinarem sobre a realização das seqüências representam uma autêntica antropologia compartilhada".*[26]

Além de um retorno dos dados para a comunidade, as fotografias quando utilizadas em entrevistas ou em conversas informais, podem funcionar como verdadeiras "muletas da memória", ajudando o entrevistado na lembrança de fatos ou provocando nos grupos, através da projeção dessas imagens, "um ativar coletivo da memória grupal".[27] No caso desta pesquisa sobre os caranguejeiros da Ilha de Vitória, o processo de discussão constante dos dados (informações verbais e fotos) e dos problemas sócio-ambientais enfrentados pelo grupo, culminou em uma maior organização social dessas pessoas. As primeiras pranchas apresentadas nesta dissertação, nas páginas seguintes, mostram um pouco desse contato dos caranguejeiros com *suas* imagens e dos bastidores dessa pesquisa.

---

[26] GERVAISEAU, Henri. *"Nanook of the North"*. In *Cadernos de Antropologia e Imagem*. n.º 1, UERJ, Rio de Janeiro, 1995.

[27] VON SIMSON, Olga R. "Som e Imagem na Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: Reflexões de Pesquisa". In *Boletim do Centro de Memória UNICAMP*, n.º 5 de 1991.

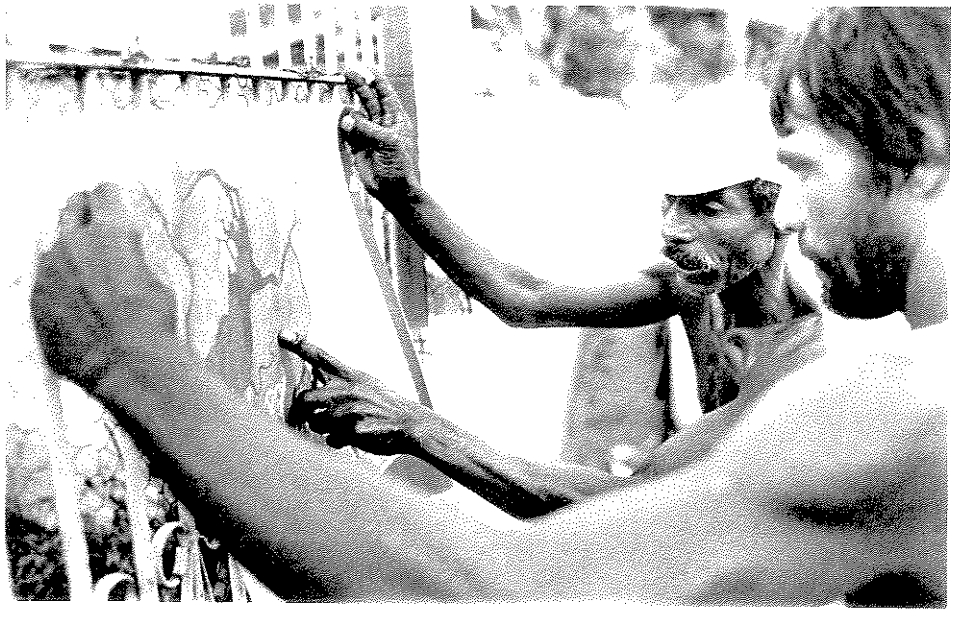
UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA
(Prancha 01)

Como já foi dito neste primeiro capítulo, a fotografia foi utilizada, nesta pesquisa, desde a tomada dos dados até sua apresentação. As imagens tiveram um papel fundamental no meu processo de inserção no grupo dos caranguejeiros como uma forma de retornar-lhes os dados obtidos e de debatê-los com eles.

Foto 1 - Valdemar das Neves e Sérgio Fortunado localizam em uma fotografia aérea dos manguezais da Baía de Vitória o local onde estavam pegando os caranguejos nesse dia. Ilha das Caieiras, "*Bar do Lilico*", 10 de fevereiro de 1997, Filme n.º 21, foto 1a.

Foto 2 - Marcos César Gomes Loreto e Marcelo Fernandes de Araújo observam fotografias sobre as técnicas de captura do caranguejo.
"*Trevo de Goiabeiras*", 29 de janeiro de 1997, Filme n.º 11, foto 22.

Foto 3 - Joel Felix Pereira, Jaciro Felix Pereira e Antônio Carlos Alves dos Santos (Gringo) observam as fotografias que eu havia feito de Joel e Gringo na semana anterior. Nesse momento estava dando-lhes as fotografias. Sempre que fotografava um caranguejeiro, logo depois de reveladas e ampliadas as imagens, dava algumas cópias para ele. Todas as pessoas retratadas nessa monografia, com raríssimas excessões, têm cópias das fotografias aqui presentes.
"*Trevo de Goiabeiras*", fevereiro de 1997, fotografia feita por Lisa Akahori.



1

2

3

REUNIÕES REALIZADAS COM OS CARANGUEJEIROS
(Prancha 02)

No decorrer da pesquisa de campo, ouvi atentamente os comentários, as reclamações e sugestões dos caranguejeiros com relação à problemática sócio-ambiental na qual estavam inseridos. Quando cheguei em Vitória no verão de 1998, o grupo de caranguejeiros do "Trevo de Goiabeiras"[28] havia procurado a Prefeitura Municipal para pedir ajuda na solução de alguns problemas que estavam enfrentando. Os problemas que esse grupo enfrentava eram os mesmos que os demais catadores de caranguejo de Vitória. Sugeri, então, que fizéssemos uma reunião com representantes de todos os caranguejeiros do município, para a qual convidaríamos também os órgãos públicos que fiscalizavam e geriam o manguezal.

A primeira reunião aconteceu no dia 16 de fevereiro de 1998, estando presentes 26 caranguejeiros, e representantes da Polícia Ambiental, das Secretarias Municipais de Meio Ambiente da Serra e de Vitória, da Secretaria estadual de Meio Ambiente e da Universidade Federal do Espírito Santo. O IBAMA foi convidado mas não mandou nenhum representante. Os pontos principais em torno dos quais giraram as falas dos caranguejeiros nas três reuniões realizadas, estavam relacionados basicamente à captura de fêmeas ovadas, ao uso da redinha e à entrada de caranguejos de outros manguezais, principalmente da Bahia e de São Mateus no comércio de Vitória (esses assuntos serão discutidos mais detalhadamente ao longo dessa dissertação). As reuniões foram um sucesso. os caranguejeiros colocaram de uma forma muito simples e clara qual eram os problemas que estavam enfrentando no mangue e os orgãos de gestão ambiental estavam lá para ouvi-los. Foi realmente uma experiência interessante. Tiramos no final da primeira reunião uma comissão, na qual estavam presentes representantes do grupo de caranguejeiros e desses órgãos públicos. Essa comissão planejou uma ação conjunta para impedir a captura de fêmeas ovadas durante a desova e elaborou uma Portaria Municipal para normatizar a captura do caranguejo nos manguezais da Baía de Vitória.

Através dessa experiência, que, embora de curta duração, mostrou-se extremamente eficiente, deu para perceber a importância de as comunidades tradicionais serem ouvidas e de participarem dos processos de decisão sobre os ambientes nos quais estão inseridas. Acredito profundamente que a gestão dos nossos recursos naturais só pode se efetivar concretamente se as pessoas que dependem desses recursos no seu dia-a-dia fizerem parte do processo de criação das normas para a sua utilização. Os caranguejeiros e outros grupos de pescadores artesanais, espalhados ao longo do Brasil, sobrevivem do manguezal há séculos. Se pensarmos que muitos deles descendem de indígenas[29], o conhecimento e a relação que desenvolveram com esse ambiente vem se acumulando há milhares de anos. É no mínimo uma falta de respeito não ouvir essas pessoas antes de decidir sobre as formas de exploração desses ambientes ou de criar normas que restrinjam o seu uso.

Foto 1 - Primeira reunião dos caranguejeiros do município de Vitória, realizada no Bar do Lilico, Ilha das Caieiras, no dia 16 de fevereiro de 1998. Estando presentes 26 caranguejeiros.
Filme nº 65, foto 6.

Foto 2 - Segunda reunião dos caranguejeiros do município de Vitória, realizada no Bar do Lilico, Ilha das Caieiras, no dia 02 de março de 1998. Estando presentes 30 caranguejeiros.
Filme nº 69, foto 16.

---

[28] São cerca de 30 catadores de caranguejo, que representam, sem dúvida, dentre os caranguejeiros que sobrevivem dos manguezais da Baía de Vitória, o grupo mais organizado. Possuem um ponto de comércio em Maria Ortiz e desenvolveram uma série de normas que regem o funcionamento interno do grupo, no dia 25 de março de 1998, fundaram inclusive uma associação registrada em cartório.

[29] No Espírito Santo, o grupo de caranguejeiros que reside em Maria Ortiz têm uma ligação de parentesco com a tribo dos Tupiniquins, localizada no município de Aracruz, a menos de cem quilômetros ao norte de Vitória. Especialmente as famílias de Joel Felix e de José Mario de Araújo (Vice-Presidente da Associação dos Caranguejeiros).

1

2

E. NOTAS TÉCNICAS

Para a realização deste trabalho fotográfico utilizei duas câmaras Nikon FM, um Motor-drive MD -12, um fotômetro manual Gossen Lunasix, as objetivas Nikkor 20, 24, 35, 55 e 85 mm e uma teleobjetiva Tokina de 300 mm (para algumas das fotos dos animais). A maior parte das fotografias em preto e branco foram feitas com o filme Kodak TRI-X; utilizei também o filme Ilford HP5, ambos de ISO 400 e o T-MAX 3200. Para as reproduções das fotos históricas, utilizei o Ilford Pan-F ISO 50. As fotos em cor foram feitas com os slides Fujichrome Velvia e Provia ISO 100.

Pensava, inicialmente, fazer todos os registros fotográficos em cor. Quando comecei a fotografar, percebi que os filmes coloridos (slides) não eram capazes de registrar a variação de intensidade de luz encontrada no interior da floresta de mangue. A baixa latitude desses filmes fazia com que se obtivesse detalhes na alta ou na baixa luz, mas não em ambas. Percebi também que a cor não era tão necessária para registrar as técnicas materiais e corporais dos caranguejeiros. Interessava-me mais o registro das formas, das texturas e das expressões corporais. Depois de alguns testes, fotografando as mesmas situações em cor e em preto e branco, conclui que a fotografia em preto e branco era mais eficiente para o trabalho que pretendia realizar.

Além da questão estética, a fotografia em preto e branco proporciona um custo menor, já que eu mesmo revelo os filmes e amplio as fotografias. O fato de estar revelando as fotografias permitia-me um fino ajuste tonal das mesmas. Revelo fotos desde os meus 13 anos de idade e gosto muito de um laboratório de revelação em preto e branco. Usei reveladores de grão fino (Microdol da Kodak e ID-11 da Ilford) para os filmes de ISO 50 e 400 e o revelador T-MAX para os filmes de ISO 3200, os quais, além de proporcionarem imagens mais nítidas, permitem um maior registro de tons nas altas e baixas luzes. Expus os filmes de ISO 400 para ISO 200 e revelei 20% a menos do que o tempo normal, conseguindo, assim, um maior registro nas baixas luzes. Minha preocupação com o registro da baixa luz está no fato de a lama do mangue (que predomina em muitas fotos) ser quase negra e de outras regiões nas fotografias serem quase ou até mesmo brancas.

Passei então a utilizar a fotografia em preto e branco para registrar as atividades dos caranguejeiros no manguezal, nos bairros onde residem e nos pontos de comércio do caranguejo. E a fotografia em cor para registrar os aspectos biológicos do mangue e as comparações de fotos históricas com fotos atuais.

Os filmes em preto e branco foram revelados nos laboratórios da Agência Vix, em Vitória, gentilmente cedido por Humberto Capai. Sou muito grato a ele e a toda a equipe da Agência por todo apoio que deram a esta pesquisa. O fato de ter um laboratório à disposição em Vitória permitia que as fotografias fossem reveladas, muitas vezes, no mesmo dia em que eram feitas, possibilitando-me uma avaliação constante dos resultados do trabalho e uma organização dos negativos em provas de contato. As fotografias foram ampliadas tanto no laboratório da Vix quanto no laboratório do Instituto de Artes - UNICAMP. Os filmes coloridos (slides) foram revelados em laboratórios profissionais de Vitória e de São Paulo. As cópias dos slides utilizados na dissertação foram feitas no processo direto, no laboratório da Fuji Foto Filme, em São Paulo.

As fotografias apresentadas na dissertação, seguindo o modelo proposto por Mead e Bateson, recebem uma identificação do local, data, do número do filme e do negativo da fotografia, e, sempre que possível, do nome das pessoas retratadas. Para identificar os locais, utilizei os nomes que os próprios caranguejeiros dão a cada parte do mangue (ver mapa III na página 77). Os slides foram identificados apenas com o mês e/ou ano em que foram feitos. Nas fotografias em preto e branco, cada imagem recebeu a anotação do número do filme, data em que foi feita e do número do negativo. Dessa forma, quando me referir, por exemplo, à foto 35 - 07, estarei dizendo que ela está no filme 35 e o seu negativo é o de nº 07. Por uma questão de economia, a maior parte dos filmes que utilizei nesse trabalho foram rebobinados e, por isso, nem sempre existe uma ordem lógica na numeração das fotografias, ou seja, nem sempre a primeira foto é a de número 01 e a última 36.

"Maré alta, maré baixa
Caranguejos pra valer,
em cima do verde mangue
uma cidade a nascer."
Graça Andreata

Capítulo 2
A OCUPAÇÃO DOS MANGUEZAIS DO MUNICÍPIO DE VITÓRIA

Objetivo:

O objetivo deste capítulo é situar os caranguejeiros em um quadro referencial histórico. A maior parte deles reside atualmente em bairros de periferia, que foram construídos sobre florestas de mangue derrubadas e aterradas nas últimas três décadas. Serão apresentados a seguir um breve histórico do processo de ocupação dos manguezais do município de Vitória e algumas pranchas contendo mapas e fotografias[30] que, espera-se, possam levar o leitor a visualizar e compreender ao menos parte do processo de ocupação dos manguezais da Baía de Vitória.

[30] Sou extremamente grato aos fotógrafos David Protti, Vítor Nogueira e Rogério Medeiros por terem colocado à minha disposição cerca de 4000 negativos, dos quais editei as imagens apresentadas neste capítulo.

A. Apresentação descritiva geral

O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DOS MANGUEZAIS DA BAÍA DE VITÓRIA: BREVE HISTÓRICO

(Mapas I e II e pranchas 03 a 14)

As primeiras ocupações humanas dos manguezais da Baía de Vitória foram, sem dúvida, realizadas pelos indígenas. Cunha[31], em 1968, numa pesquisa realizada a partir de fotografias aéreas, localizou nove sambaquis nos manguezais da Baía de Vitória. Em 1972, estudos realizados por Perota[32], indicam, através da escavação de sítios arqueológicos, a presença de comunidades indígenas que utilizavam os manguezais há 2000 anos antes de Cristo. Eram provavelmente várias tribos: homens coleores e caçadores, que devem ter desenvovido um amplo saber sobre esse ambiente. Um acervo cultural, transmitido de geração em geração, que se viu ameaçado em 1535, quando aporta em Guananira[33] a primeira caravela trazendo os colonizadores portugueses. [34]

Uma vez instalados, os colonizadores iniciam o processo de ocupação dessa ilha coberta de Mata Atlântica, repleta de morros e cercada por manguezais, que eram amplamente utilizados pelos indígenas como fonte de alimento, argila e pigmento.[35] Em 1576, a Capitania do Espírito Santo contava com uma população de 900 habitantes[36], crescendo num ritmo lento. Os manguezais passaram a ser explorados pelos portugueses como fonte de madeira e de tanino,[37] que era utilizado no curtume de couro.

No início do século XIX, Vitória possuía uma população de 4.725 habitantes.[38] O crescimento da população, aliado ao desejo de progresso da sociedade dessa época, deu início aos primeiros aterros em áreas de manguezais. Mas foi no século XX, com a

---

[31] CUNHA, E. S. "Contribuição da aerofotogrametria na pesquisa dos sambaquis de Vitória (Espírito Santo)". *Revista Brasileira de Geografia*, 1968, pp. 117-119.

[32] PEROTA, C. e *alii*, 1987 citado por FERREIRA. *Os Manguezais da Baía de Vitória (ES). Um Estudo de Geografia Física Integrada*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. USP, 1989, p.121.

[33] Denominação dada pelos indígenas e que significa Ilha do Mel, hoje chamada de Ilha de Vitória, capital do Espírito Santo. VALLE, 1971 citado por FERREIRA, Renata D., 1989, p. 213.

[34] Este histórico foi feito com base no trabalho de FERREIRA, Renata D. *Os Manguezais da Baía de Vitória (ES). Um Estudo de Geografia Física Integrada*. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. USP, 1989. (não publicada).

[35] FARIA, Willis e *alii*. Manguezais: florestas de estuários. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial, 1985. p. 1.

[36] FEU ROSA, Francisco C. "A Baía de Vitória na história econômica do Brasil", in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo*, número 17. Vitória: Departamento de Imprensa Oficial, 1957, p.21.

[37] Substância extraída da casca do mangue vermelho, *Rhizophora mangle*, e também de outras árvores e arbustos, muito utilizada no curtume de couro e no tingimento e impermeabilização das panelas de barro capixaba.

[38] FEU ROSA, 1957, p. 16.

explosão demográfica da população de Vitória, que praticamente todas as áreas de manguezais existentes na ilha foram aterradas. [39]

A população de Vitória saltou de 45.212 habitantes em 1940, para 207.560 habitantes em 1980. Esse enorme contingente de pessoas, provenientes do interior do Espírito Santo, da Bahia e de Minas Gerais, migraram para Vitória em busca de emprego. A principal causa dessa migração foi a crise do café na década de 60, aliada à instalação de grandes projetos industriais nas proximidades de Vitória, tais como a Companhia Siderúrgica de Tubarão, a Companhia Vale do Rio Doce e a Aracruz Celulose. A construção dessas empresas atraiu um imenso contingente de mão-de-obra. Logo após a conclusão das obras, grande parte desses trabalhadores se viram desempregados e sem terem onde morar.[40]

Como os manguezais desde a chegada dos colonizadores eram tidos como áreas insalubres e sem valor, grande parte da população que migrava do campo para a cidade foi morar sobre as florestas de mangue. Muitas vezes em condições sub-humanas: catando lixo, morando em palafitas construídas sobre a lama do mangue e o esgoto de suas próprias casas. De 1970 a 1995 foram cortados e aterrados, em Vitória, uma área de aproximadamente 760 hectares de manguezais,[41] quase metade da área que existe atualmente: 1800 hectares[42].

Grande parte dessa população que veio do interior pouco ou nada sabia a respeito do ambiente sobre o qual estava morando. Para os catadores de caranguejo e pescadores artesanais, o manguezal representava a fonte de subsistência de suas famílias. Para os novos habitantes, esse ambiente não significava muito mais que um pedaço de terra, lama, ou lixo, onde poderiam montar seus barracos e começar a vida na capital.

Parece, portanto, que para as pessoas que sobrevivem da cata do caranguejo na Ilha de Vitória, existiram, grosso modo, dois momentos distintos. Um primeiro foi marcado por uma época pré-invasão dos manguezais. Nessa época, para pegar caranguejos "não precisava ir muito longe", bastava sair de casa e andar um pouco para estar em um mangue com fartura desse crustáceo. Existiam poucas famílias que sobreviviam da cata do caranguejo e uma menor concorrência no comércio. Essas

[39] FERREIRA, 1989, p. 279.
[40] COSTA, Silvio. "Uma Cidade Ocupada". In *Revista Espírito Santo AGORA*. Vitória, setembro de 1981, p. 28.
[41] CARMO, Tania M. S. e alii. "Os Manguezais da Baía de Vitória, Espírito Santo: um ecossistema ameaçado", in *Revista Brasileira de Biologia*, 55 (4), 1995, p.816.
[42] FERREIRA, 1989, p.205.

famílias concentravam-se em dois grandes grupos. O primeiro localizava-se no noroeste da ilha, nos bairros hoje chamados de Inhanguetá e Estrelinha; o outro grupo localizava-se mais ao norte, no bairro hoje chamado de Jabour.

A invasão dessas regiões onde moravam os caranguejeiros e dos mangues próximos às suas casas começou em 1977, com o bairro de São Pedro I, e não parou até 1989, quando a Prefeitura Municipal desenvolveu um projeto de contenção das invasões e de preservação do manguezal. Podemos considerar este um segundo momento na história desse grupo. Os locais de onde antigamente os caranguejeiros tiravam o caranguejo tinham agora sido aterrados e transformados em bairros. Eles tiveram que ir cada vez mais longe para achar áreas onde o caranguejo ainda podia ser encontrado com fartura.

Além da questão da substituição das florestas de mangue por áreas residenciais, emergem nessa época dois outros fatores que contribuíram para uma diminuição do estoque pesqueiro dos caranguejos no mangue.

O primeiro foi um aumento no número de pessoas que sobrevivem de atividades relacionadas à extração de recursos naturais do manguezal; muitas das pessoas que migraram estavam desempregadas e a cata do caranguejo representava-lhes uma alternativa de sobrevivência. Lentamente, essas pessoas foram aprendendo sobre o manguezal com os habitantes locais.

O segundo fator foi o surgimento da "redinha", em 1986. Segundo Valdemar das Neves, a redinha foi introduzida nos manguezais da Baía de Vitória por dois baianos que residiam no bairro de São Pedro. Essa armadilha utilizada para a captura dos caranguejos, cuja manipulação é muito mais fácil do que a utilização das técnicas tradicionais, foi rapidamente incorporada pelos novos caranguejeiros e posteriormente também pelos antigos. A redinha aumenta a produtividade do trabalho dos caranguejeiros, mas o seu uso logo começou a causar problemas.

A diminuição das áreas de manguezais, o aumento do número de pessoas sobrevivendo da cata dos caranguejos e a utilização de uma armadilha classificada pelos próprios caranguejeiros como predatória, tudo isso fez com que em pouco mais de dez anos o estoque de caranguejos existente nos manguezais de Vitória caísse assustadoramente, a ponto de muitos caranguejeiros, os mais antigos em especial,

estarem abandonando essa atividade por não encontrarem nela, atualmente, condições dignas de sobrevivência.[43]

AGONIA NO MANGUEZAL
(foz do rio Paraíba do Sul)

As mentes insensatas
Da falsa desilusão
Ainda não entenderam o sentido da criação
Pouco a pouco destroem uma beleza singular
Que a natureza levou tanto tempo para organizá
Em pouco conseguem desmantelar
Deixando o mar a bravejar
E os rios em lágrimas a sangrar
Ficando órfão o manguezá
Os frutos da santa maré
Um dia vão acabar
Não sobrarão bocas para contar
Se tudo continuar

Waldemar Vergara Filho, 1994.

[43] A questão do surgimento da redinha e da transformação pela qual vem passando o grupo dos caranguejeiros será melhor discutida no Capítulo 3, na parte que trata das técnicas de captura do caranguejo.

Aterros em áreas de manguezais da Baía de Vitória, até 1993.[44]

Mapa I - Grande parte dos bairros que atualmente circundam a Baía de Vitória foram construídos sobre florestas de mangue. As regiões que estão numeradas neste mapa representam os bairros onde residem a maior parte dos caranguejeiros do grupo pesquisado:

1. Inhanguetá, Estrelinha e Grande Vitória.
2. Região da Grande São Pedro.
3. Maria Ortiz e Jabour.
4. Jardim Carapina.

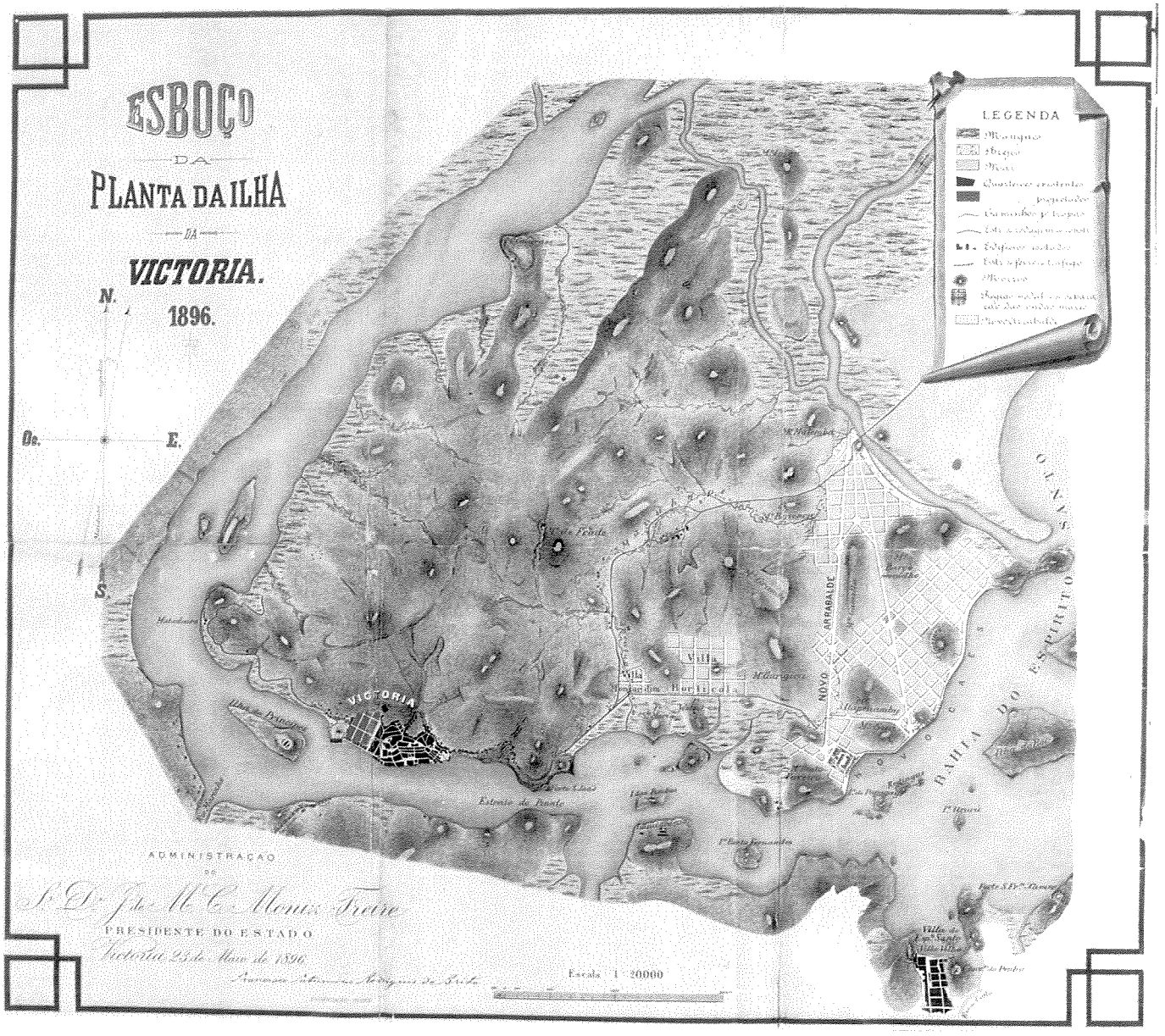
[44] Adaptado a partir do mapa "Evolução dos Aterros na Grande Vitória 1817-1986" (FERREIRA, 1989, p. 218).

Local onde reside um caraguejeiro.

Distribuição dos manguezais da Baía de Vitória em 1993.

Mapa II - A maior parte dos caranguejeiros moram justamente nos locais que foram invadidos e aterrados nas últimas três décadas. Alguns deles habitavam essa região muito tempo antes do início das invasões. Note que eles se concentram nos bairros de Inhanguetá, Estrelinha, Grande Vitória, Resistência, Maria Ortiz, Jabour e Jardim Carapina.

B. Análise fotográfica



VITÓRIA EM 1896
(Prancha 03)

Este mapa representa o *Novo Arrabalde*,[45] um projeto de expansão urbana da cidade de Vitória realizado no governo Muniz Freire (1892-1896). Tal projeto planejou a ocupação do lado leste da Ilha de Vitória, prevendo sextuplicar o tamanho da cidade (área colorida em rosa no mapa).

Nessa época, Vitória tinha uma população de apenas 10.000 habitantes, fato que pode ser visualizado, no mapa, na região preta e vermelha onde se lê *Victoria*.

A área do *Novo Arrabalde* compreende o que são hoje os bairros Barro Vermelho, Praia do Canto, Santa Lúcia, Santa Helena, parte da Praia do Suá e Jucutuquara. Esse projeto representa a primeira grande investida do Governo do Estado no sentido de expandir a malha urbana de Vitória. Marca também o início de uma longa história de aterros dos manguezais que circundavam a Ilha de Vitória e que se estenderá ao longo do século XX.

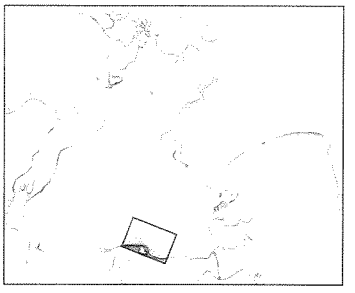
---

[45] A fonte dos dados apresentados sobre o *Novo Arrabalde* é o estudo realizado por CAMPOS JÚNIOR, Carlos. *O novo arrabalde*. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996. A reprodução do mapa foi feita do original que se encontra no Arquivo Público Estadual.

VITÓRIA EM 1993
(Prancha 04)

Este levantamento aerofotogramétrico realizado pela Maplan para a Secretaria Municipal de Meio Ambiente retrata o município de Vitória em 1993. Através da comparação deste mosaico fotográfico com o mapa de 1896 apresentado na página ao lado, pode-se observar que a cidade cresceu consideravelmente no decorrer deste século.

A Ilha de Vitória não possuía uma topografia favorável à expansão urbana. Era rodeada por mangues e brejos e possuía uma densa vegetação de Mata Atlântica que cobria as poucas planícies e os muitos morros. Mesmo assim, constituiu-se na Capital do Estado do Espírito Santo. Como todas as outras capitais do país, cresceu num ritmo acelerado, especialmente no século XX. As poucas áreas planas foram rapidamente ocupadas e para o crescimento da cidade só restavam como opção os morros, os brejos e os mangues.



ATERRO DOS BAIRROS DE BENTO FERREIRA,
MONTE BELO e ILHA DE SANTA MARIA

(Prancha 05)

A foto 1 (realizada na década de 1940) registra a região onde ocorreu um dos maiores aterros em áreas de manguezais na Ilha de Vitória. Essa região atualmente é ocupada pelos bairros de Bento Ferreira, Monte Belo, Ilha de Santa Maria e parte de Jucutuquara.

A foto 2 foi realizada em 1997. Nota-se através da comparação das duas fotografias que em pouco mais de 50 anos ocorreram grandes transformações nessa paisagem. Os manguezais e canais que aparecem na foto 1 foram aterrados para a construção desses bairros. Esse foi o primeiro grande aterro em áreas de manguezais realizado em Vitória, os habitantes desse bairro são atualmente da classe média, não existem caranguejeiros morando nesse local.

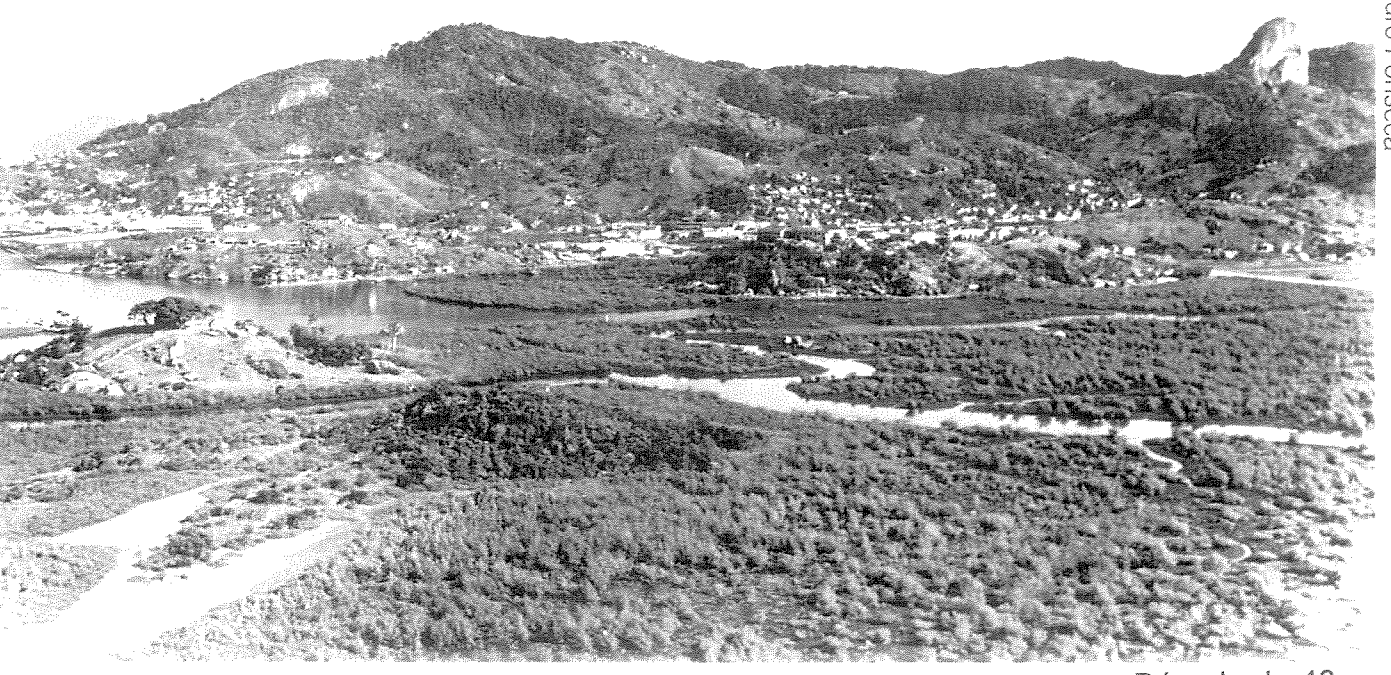
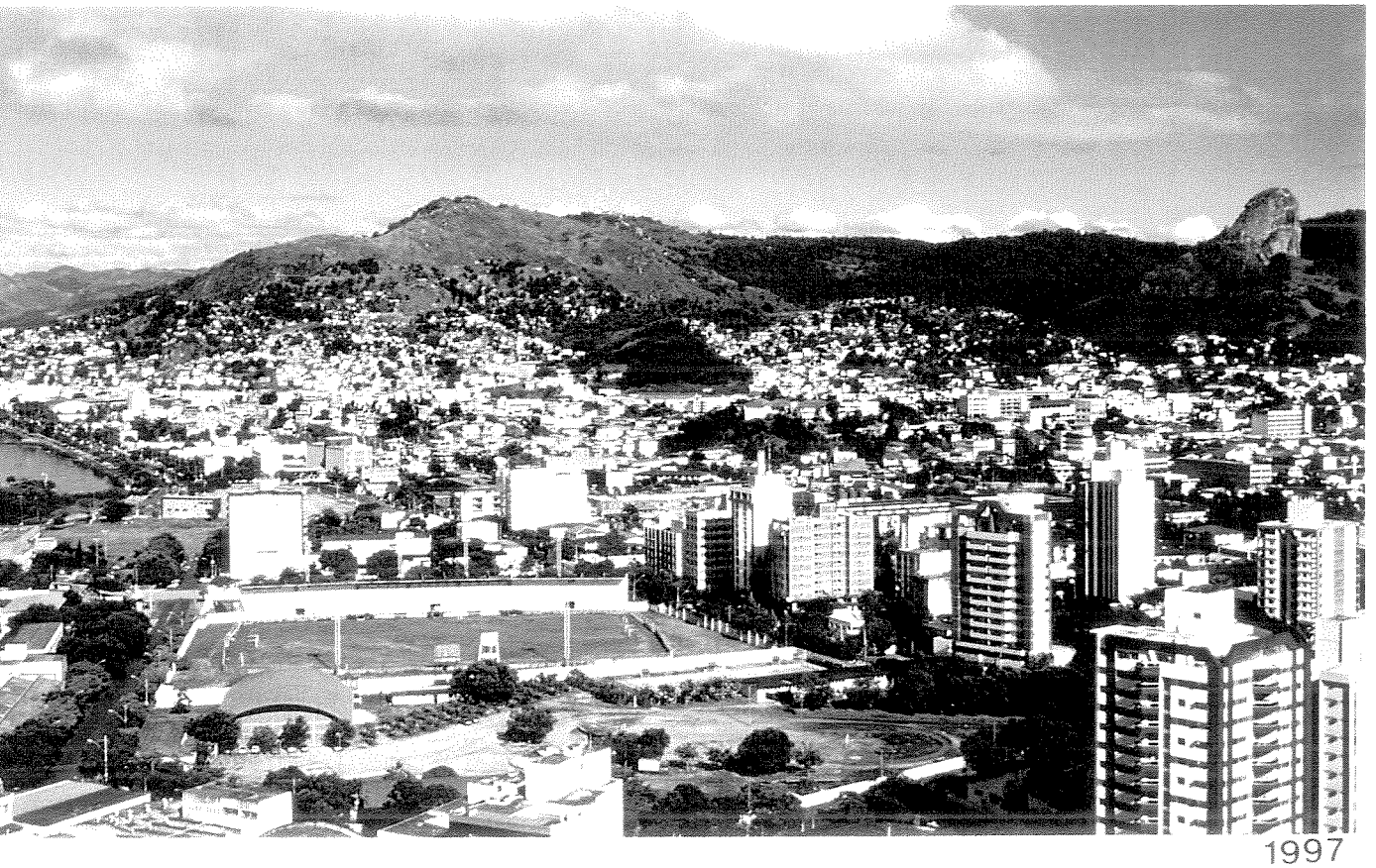


Foto: Pedro Fonseca

Década de 40



1997

ATERRO DOS BAIRROS DE GRANDE VITÓRIA, ESTRELINHA E INHANGUETÁ

(Prancha 06)

A foto 1 retrata um trecho da região noroeste da Ilha. Era o início da invasão dos bairros que atualmente são chamados de Grande Vitória, Estrelinha e Inhanguetá.

Em 1997 (foto 2), nota-se que essa região já havia sido aterrada. As palafitas que aparecem no canto esquerdo da foto 01 atualmente são casas de alvenaria, construídas não mais sobre a lama, mas sim sobre um aterro realizado pela prefeitura municipal da época.

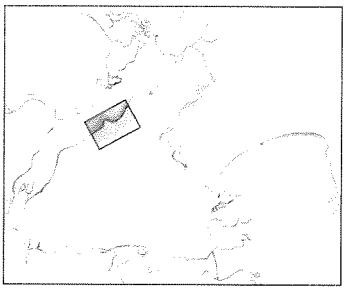
1

1985

Foto: Vitor Nogueira

2

1997



ATERRO DA REGIÃO DA GRANDE SÃO PEDRO

(Prancha 07)

Estas fotos representam um outro trecho do noroeste da Ilha, onde atualmente estão construídos os bairros de São Pedro, Santo André, São José e Ilha das Caieiras. O bairro de Ilha das Caieiras (em forma circular na parte inferior das fotografias) era uma ilha até 1940, quando foi ligado à Vitória por um aterro.

Segundo informações dos moradores mais antigos, que foram provavelmente passadas por seus ancestrais, existia na Ilha das Caieiras uma tribo de índios.

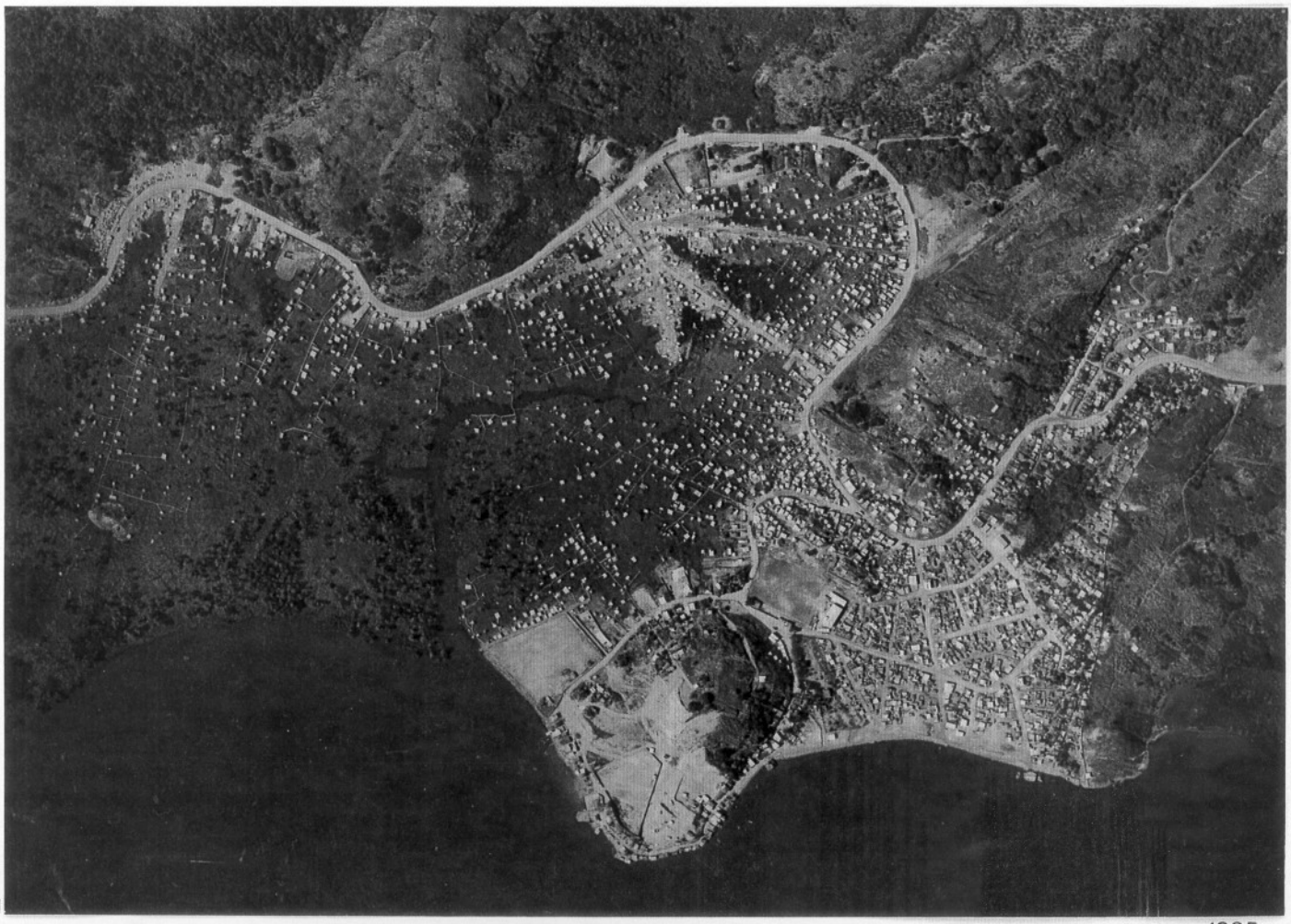
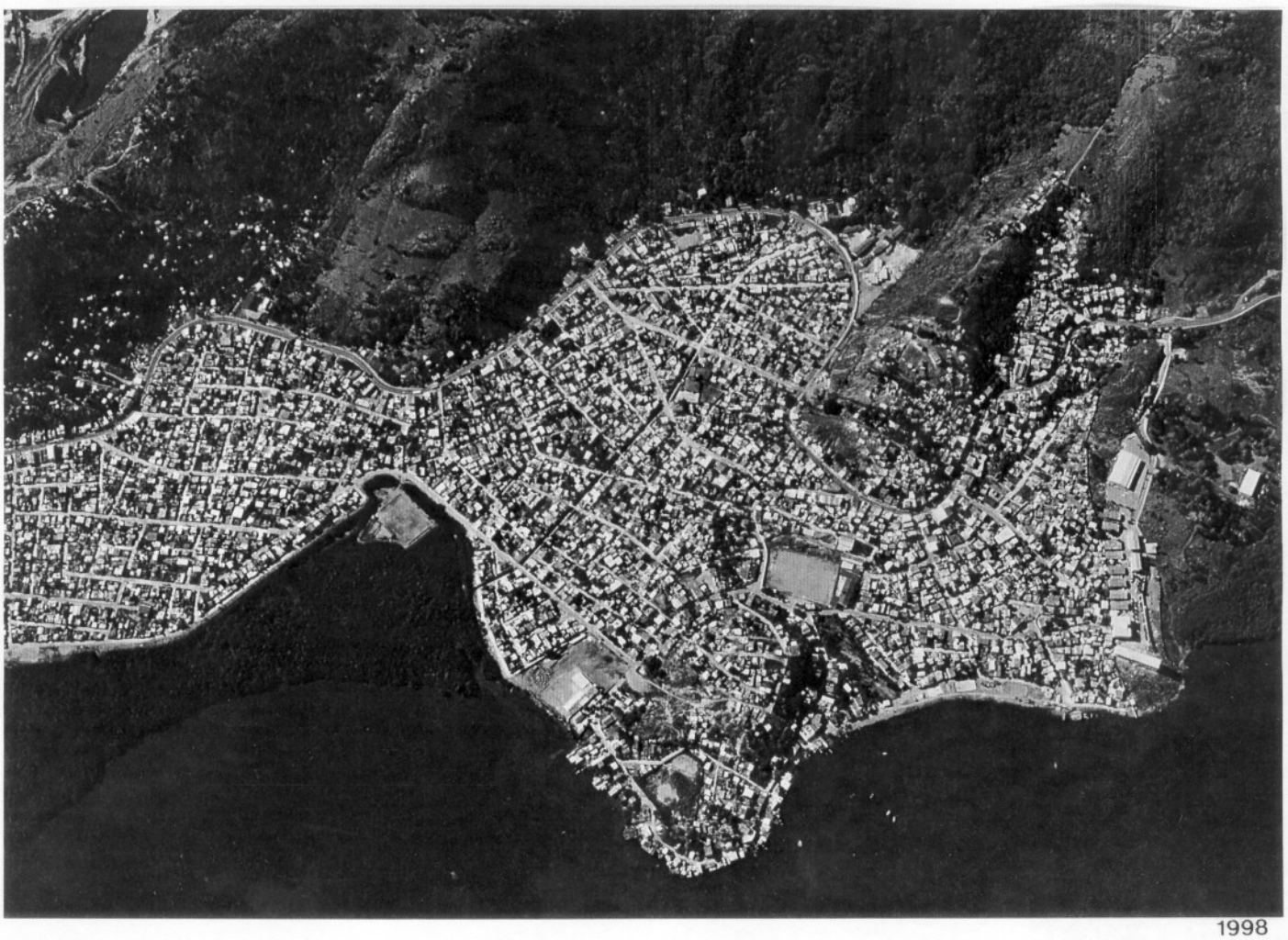


Foto: Vitor Nogueira

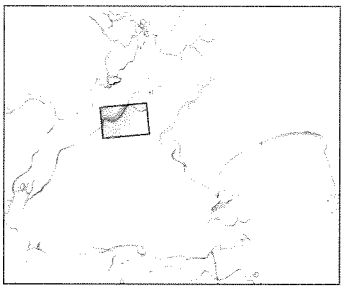
1

1985



2

1998

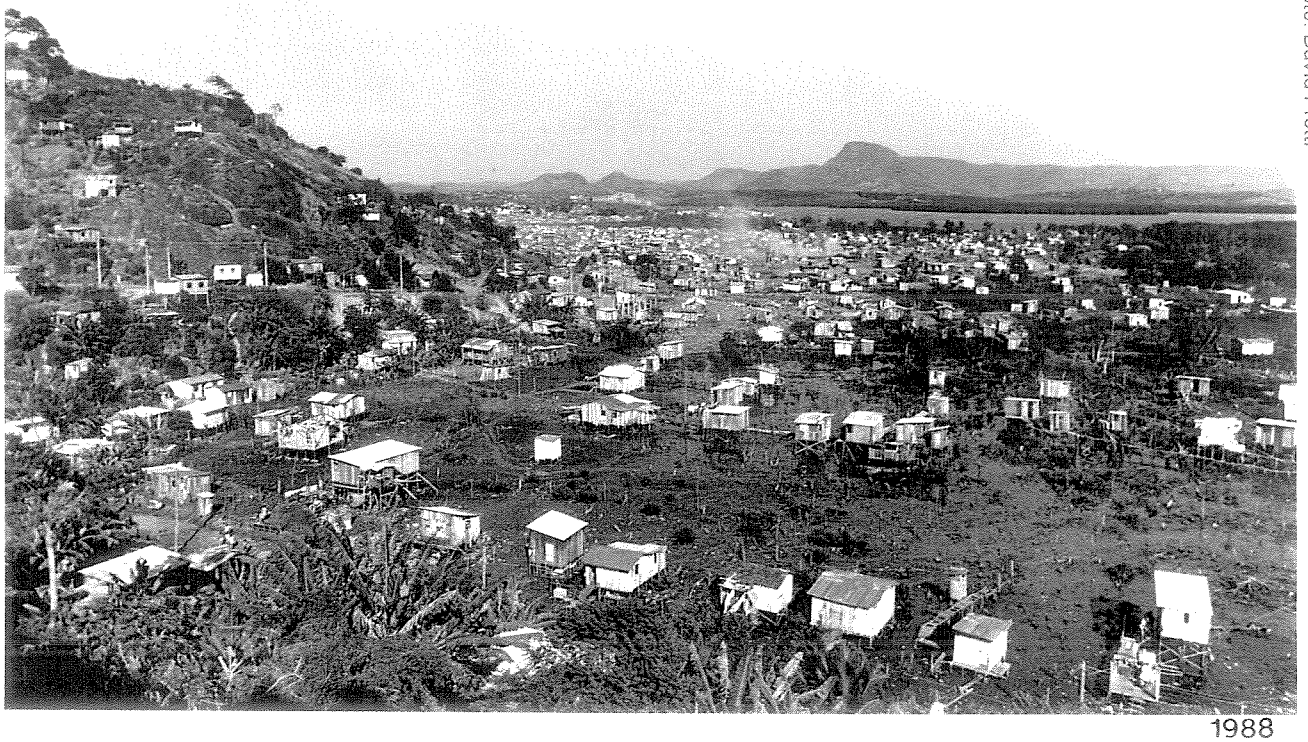


ATERRO DO BAIRRO DE NOVA PALESTINA

(Prancha 08)

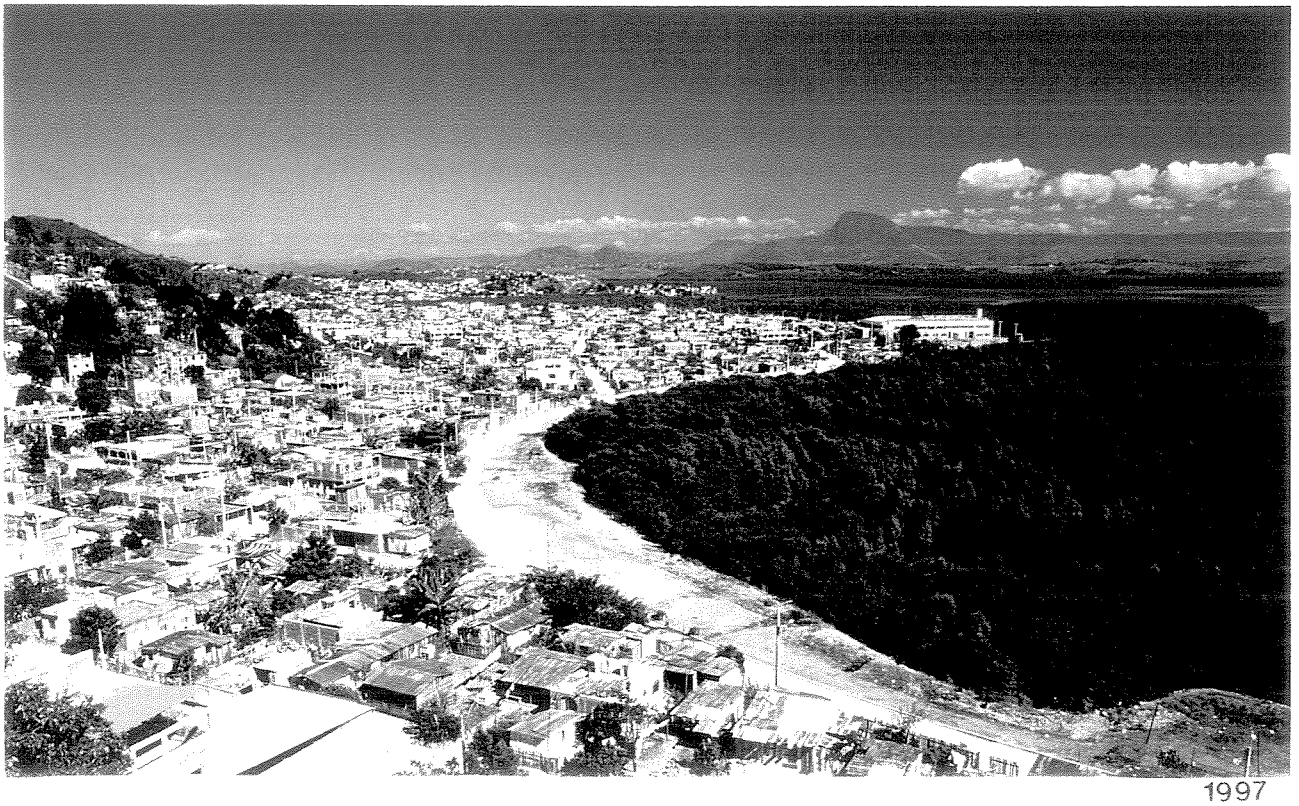
Essa região foi uma das últimas a ser invadida ao redor da ilha. Em 1989, a Prefeitura Municipal de Vitória iniciou um trabalho de contenção das invasões, retirou várias famílias que moravam nos barracos que aparecem do lado direito da foto 1 e as transferiu para o aterro (lado esquerdo da foto 2). Foi construído então um cinturão de terra e pedras de granito que delimitava os bairros em volta do mangue. A Prefeitura passou a fazer uma fiscalização intensa para impedir novas invasões. Note que depois da delimitação as árvores do mangue voltaram a crescer na região onde haviam sido cortadas.

Foto: David Protti



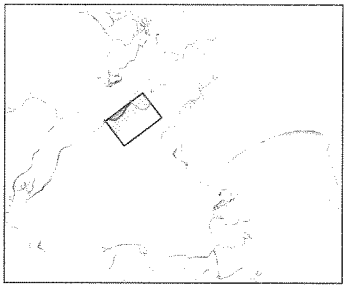
1

1988



2

1997



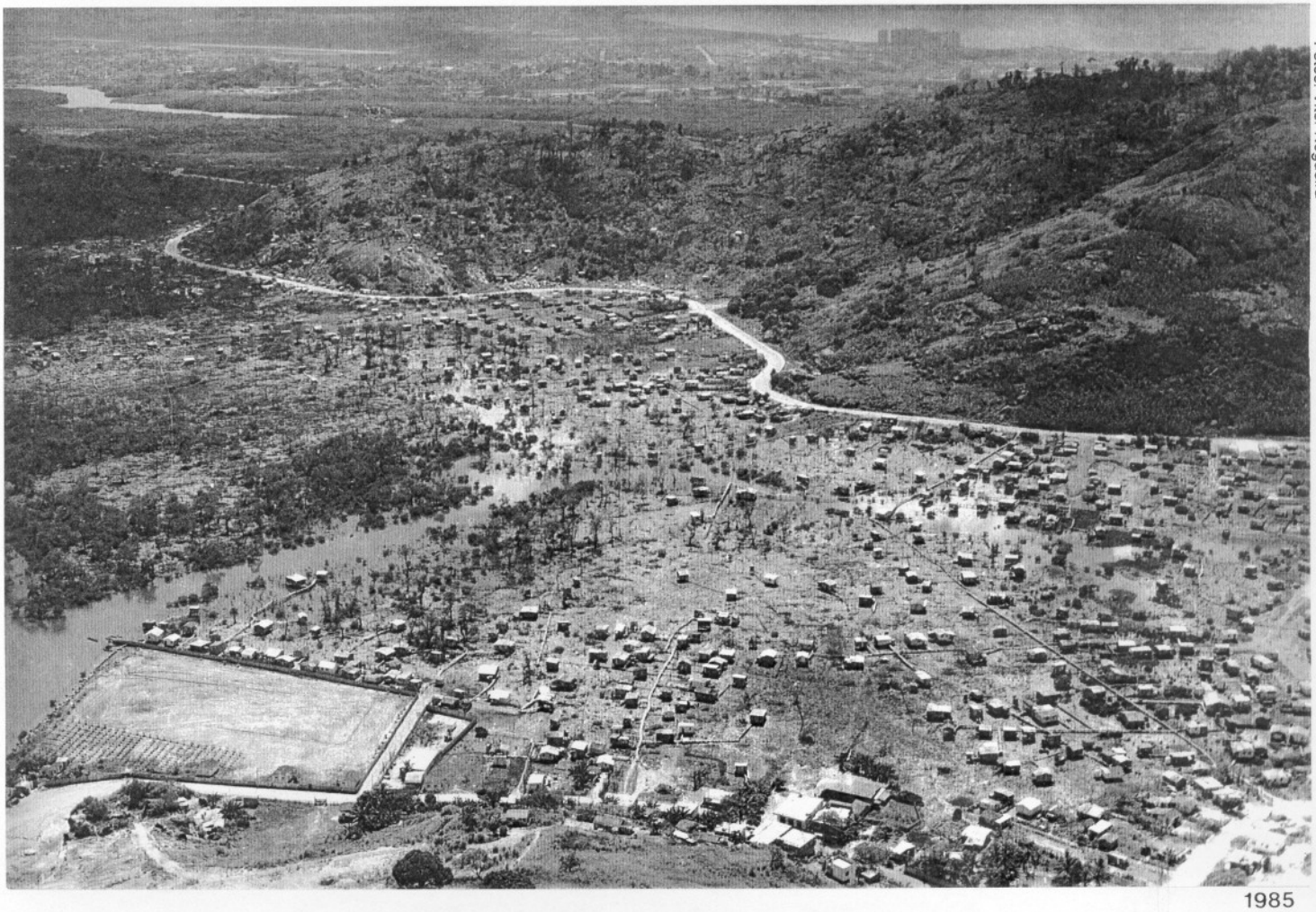
PALAFITAS I

(Prancha 09)

Nestas fotografias pode-se visualizar melhor as palafitas mostradas nas pranchas anteriores. Elas mantêm sempre um mesmo padrão de crescimento: uma pinguela (ponte de tábuas construída sobre a lama do mangue) de onde vão se ramificando as casas. As fotos retratam o início da invasão da região da Grande São Pedro, formada por um conjunto de 13 bairros onde moram atualmente cerca de 47.000 habitantes, em um área urbanizada de 300 hectares. [46]

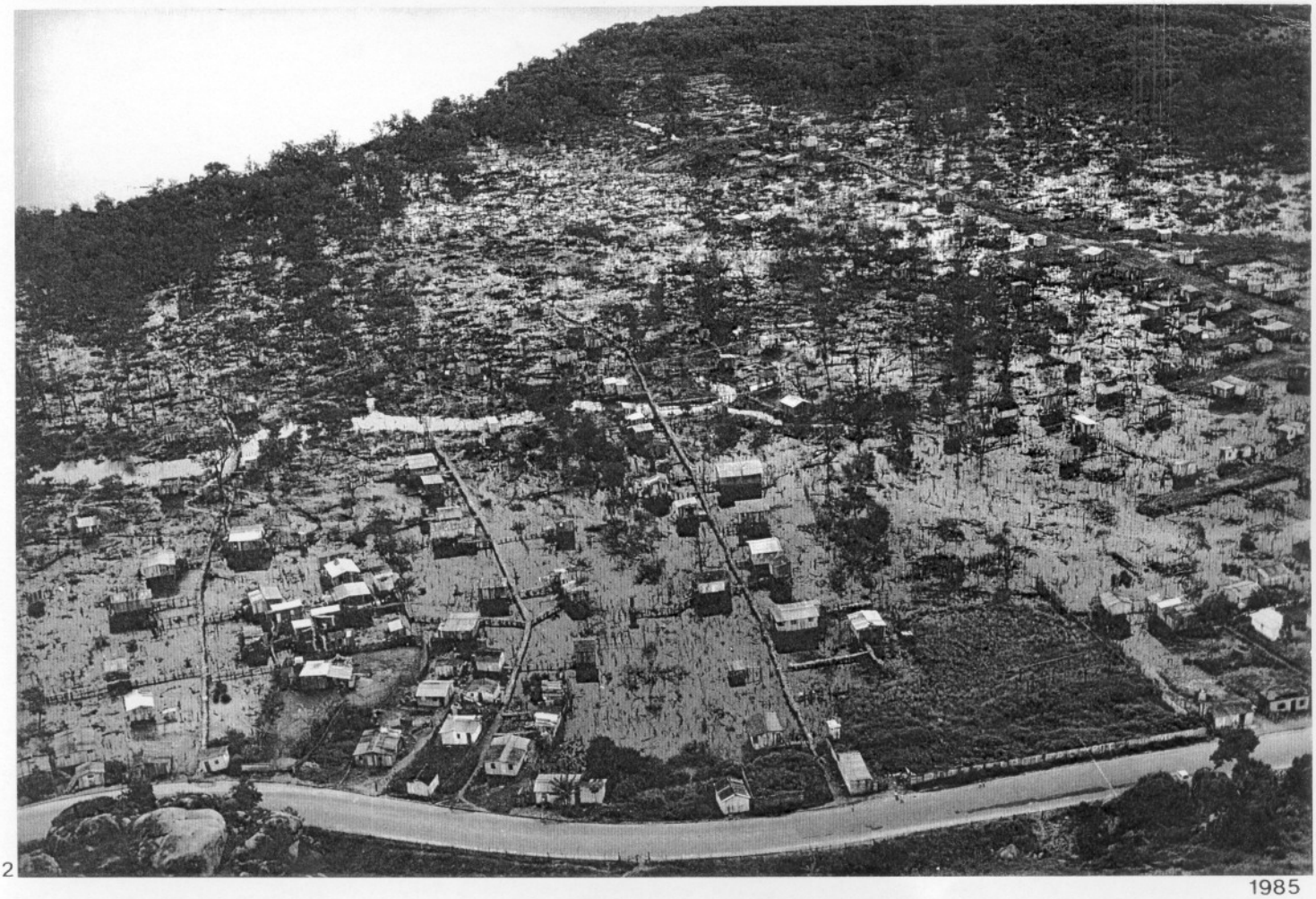
[46] Informação encontrada em um folder institucional da Prefeitura Municipal de Vitória que divulga o projeto de urbanização da região da Grande São Pedro, 1997.

Fotos: Vitor Nogueira



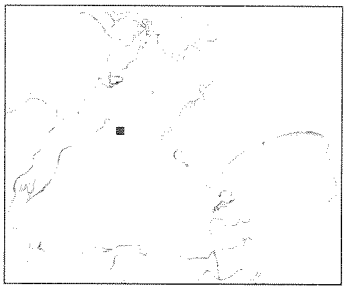
1

1985



2

1985



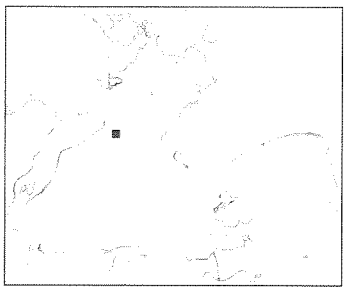
PALAFITAS II

(Prancha 10)

A vida nesses bairros não era nada fácil: morava-se sobre a lama em um local sujeito à influência da maré, aos mosquitos, à falta de água encanada, de rede de esgoto; enfim, sem condições mínimas de sobrevivência. A ocupação de áreas na periferia da ilha refletia a situação socialmente marginalizada daquelas pessoas.

Foto: Vitor Nogueira

1985



LIXÃO I

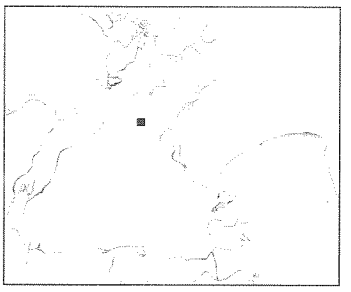
(Prancha 11)

Se morar sobre a lama do mangue não era fácil, imagine então morar sobre a lama do mangue aterrada com lixo. Os moradores das invasões pediram à prefeitura que aterrasse o que havia restado do mangue. A prefeitura municipal colocou como única opção para os moradores aterrar essa área com o lixo gerado pela cidade. Encontrou-se então uma "solução" não apenas para o aterro do mangue, mas também para o lixo de uma capital com aproximadamente 300.000 habitantes. Em 1978 começou o aterro de São Pedro I.[47]

[47] Ver ANDREATTA, Graça. *Na lama prometida a redenção*. São Paulo: O Recado, 1987.

Foto: Vitor Nogueira

1986

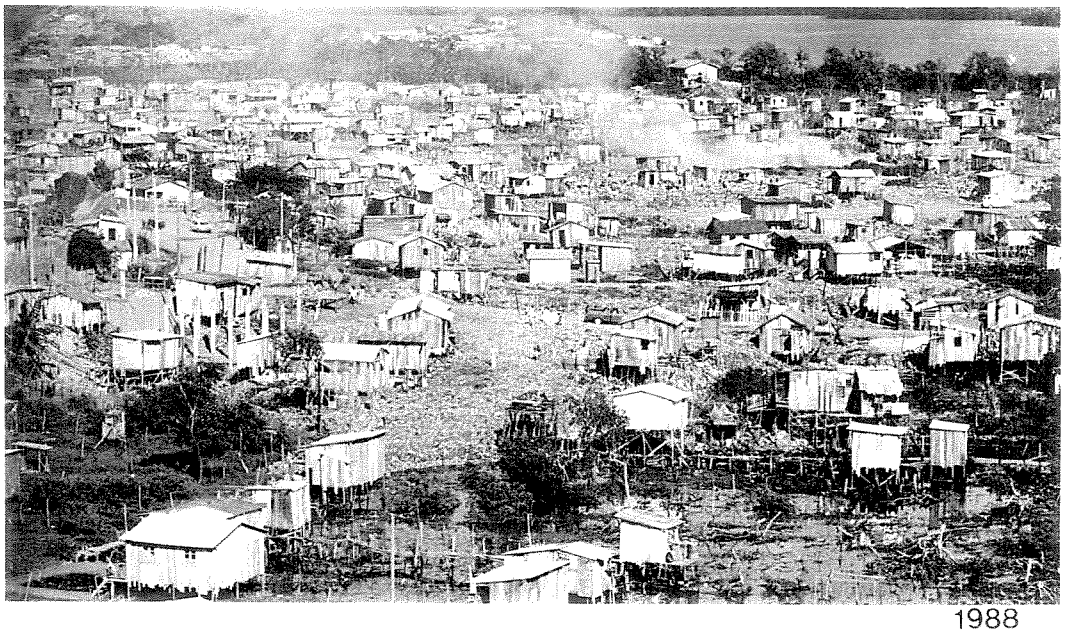


LIXÃO II

(Prancha 12)

Com a implantação do lixão (chamado pela prefeitura de "aterro sanitário"), quase toda a região da invasão virou um grande depósito de lixo. Nesse cenário moravam milhares de pessoas que haviam migrado do interior em busca de emprego na capital.

Nos bairros vizinhos às invasões, tais como a Ilha das Caieiras, Estrelinha, Inhanguetá e Maria Ortiz, residiam os caranguejeiros mais antigos (muitos dos quais já falecidos), que parecem ter transmitido o saber sobre o mangue e sobre as técnicas para muitos dos migrantes que são atualmente caranguejeiros.



Fotos: David Protti

1

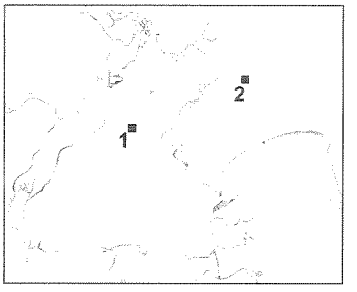
1988

2

1988

3

1988



LIXÃO III

(Prancha 13)

Somente depois de a região da Grande São Pedro estar quase que totalmente aterrada com o lixo da Capital (12 anos de aterro), é que o lixo foi coberto com terra. Toneladas de terra foram derramadas sobre o lixo, tornando-o invisível e inexistente para o olhar de um passante, enterrando assim um triste pedaço da história de Vitória. Mas o lixo continua lá. As substâncias tóxicas por ele geradas contaminam o solo, os mananciais de água e o manguezal como um todo.

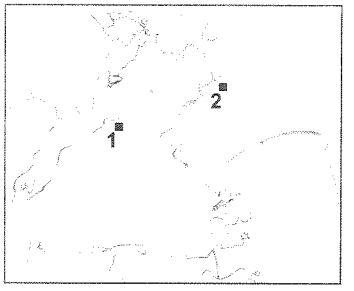
É provável que todo esse lixo de mais de uma década esteja atualmente contaminando o mangue e que continue a contaminá-lo por muito tempo. Os resíduos que saem desse lixão vão diretamente para o manguezal - o mesmo mangue onde se pesca grande parte do peixe, siri, camarão, ostras, mexilhões e outros frutos do mar consumidos pela população de Vitória.

Foto: Vitor Nogueira

1989

2

1990



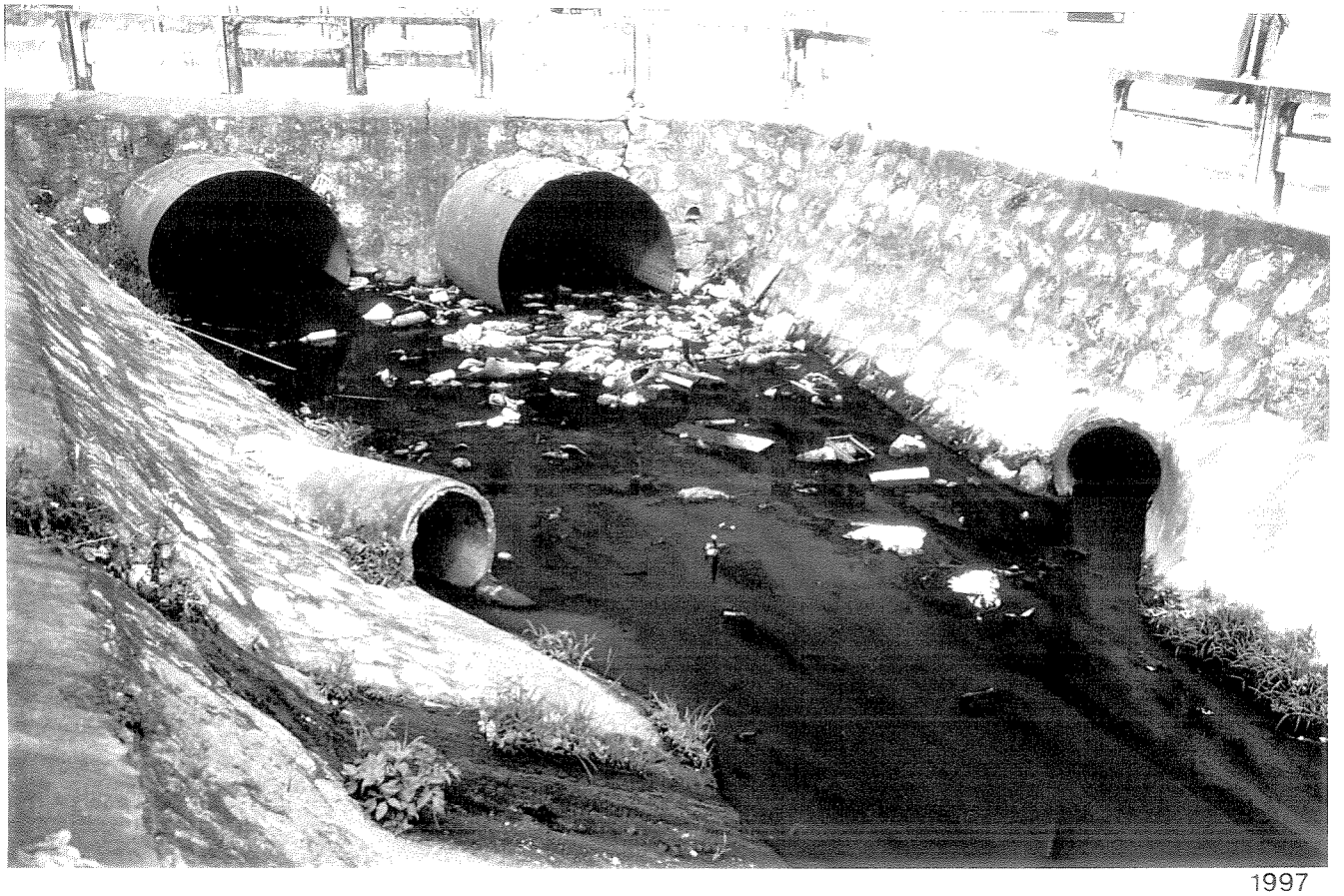
LANÇAMENTO DE ESGOTOS NO MANGUE

(Prancha 14)

Além dos problemas gerados pelo lixo, toneladas de esgoto doméstico produzido nos bairros construídos sobre o mangue, e também no restante da cidade, passaram a ser lançadas diretamente no manguezal, o que agravou mais ainda o problema de contaminação das águas, principalmente por bactérias. Alguns animais, como por exemplo o siri-açu (informação fornecida pelos caranguejeiros), são muito sensíveis a essas alterações na qualidade da água e desaparecem das regiões próximas de onde o esgoto é lançado. A Prefeitura Municipal de Vitória e o Governo do Estado estão desenvolvendo, separadamente, projetos de construção de estações de tratamento para o esgoto doméstico produzido em Vitória. Quando forem finalizadas, essas estações de tratamento vão ajudar bastante na diminuição dos índices de contaminação das águas.

Foto 1 - Esgoto produzido na região da Grande São Pedro e lançado no manguezal em frente ao bairro de Santo André.

Foto 2 - Esgoto produzido na região da Grande Goiabeiras e lançado diretamente no manguezal em frente ao bairro de Maria Ortiz.



1

1997

2

1996

A CIDADE

O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
Não importa se são ruins, nem importa se são boas
E a cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações
Coletivos, automóveis, motos e metrôs
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs
A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
A cidade se encontra prostituída
Por aqueles que a usaram em busca de saída
Ilusora de pessoas de outros lugares
A cidade e sua fama vai além dos mares
No meio da esperteza internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos
A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce
Eu vou fazer uma embolada, um samba, uma maracatu
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubu
Num dia de sol Recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior

Chico Science
Chico Science & Nação Zumbi
Da lama ao caos

Nosso patrão é a maré,
primeiramente a maré."
Valdemar das Neves

Capítulo 3
OS ARGONAUTAS DO MANGUE

Após ter delineado no capítulo 2 o nosso "terreno", com um enfoque no processo crescente de ocupação dos manguezais do município de Vitória no decorrer dos últimos anos, podemos enfim penetrar nele. Teremos neste capítulo central dessa pesquisa, dois novos propósitos.

Num primeiro momento evocar o conhecimento que os caranguejeiros têm sobre o manguezal; essa "ciência do concreto"[48] que desenvolveram a respeito da bioecologia dos caranguejos e desse ecossistema. Em seguida procurar desvendar a sua "convivência" com o manguezal, enfocando, em especial, suas estratégias de locomoção nas florestas de mangue e as diversificadas técnicas de captura do caranguejo que souberam desenvolver para retirar o sustento material desse ambiente, para transportá-lo e comercializá-lo.

Fiel aos moldes metodológicos de *Balinese Character*, no início deste capítulo há um comentário geral (*escrito* sobre os blocos de "pranchas"), que visa "ambientar" o leitor e permitir-lhe um melhor aproveitamento do conjunto de "pranchas" que se sucedem e, nas quais, as fotografias e sua legendas precisas se revezam na tentativa de revelar os argonautas do mangue.

[48] Claude Lévi-strauss dedica um capitulo do seu livro, *O pensamento selvagem*, ao que ele chama de uma *Ciência do concreto*. Nesse capítulo, ele discute a forma como as "sociedades selvagens" elaboram e sistematizam o conhecimento sobre o meio biológico, a taxonomia e o comportamento das espécies. LÉVI-STRAUSS. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989, pp. 15-49.

A. Apresentação descritiva geral

O MANGUEZAL

Navegando-se do Oceano Atlântico em direção à Ilha de Vitória observa-se, à esquerda da ilha, a entrada de uma larga Baía. Ao penetrarmos nesta Baía cercada de morros, passamos sob pontes por bairros que se edificaram às suas margens, pelo porto e pelo centro de Vitória. As águas tornam-se cada vez mais calmas e avista-se uma floresta cujas árvores possuem troncos retorcidos e crescem sobre um solo mole e lamacento. Após navegarmos cerca de dez quilômetros, chegamos ao final da Baía de Vitória e ao início das florestas de mangue.

As florestas de mangue ou manguezais são consideradas um dos ecossistemas marinhos mais produtivos do planeta.[49] Encontradas nas regiões Tropicais e Subtropicais, entre os trópicos de Câncer e Capricórnio, funcionam como verdadeiros berçários do mar, locais onde se reproduzem e se desenvolvem inúmeras espécies marinhas e estuarinas. São florestas diferentes das demais por se desenvolverem em ambientes com água salobra, ou seja, formada pela mistura de água salgada com água doce, em lugares protegidos das ondas do mar e sobre um solo mole e lamacento.

O litoral brasileiro abriga de 10.000[50] a 25.000[51] quilômetros quadrados de florestas de mangue, dependendo da fonte consultada. Toda a fartura de alimento existente nessas florestas há milênios já atraía os seres humanos que viviam próximos ao litoral. Sabe-se, depois da descoberta de sambaquis nesses locais, que grupos indígenas coletavam moluscos e crustáceos e pescavam nos manguezais desde pelo menos 2000 anos antes de Cristo.[52]

Milhares de anos se passaram e os manguezais permanecem como um dos ambientes costeiros mais importantes em termos de produção de recursos naturais (sururu, ostra, mexilhão, camarão, peixe, caranguejo etc.) para as cidades litorâneas. A pesca ou coleta desses recursos constitui uma fonte de subsistência, muitas vezes a única, para milhares de famílias ao longo do litoral brasileiro.[53]

---

[49] MYERS, Norman (Ed.). "Ocean, Gaia", in *An Atlas of Planets Management*. Garden City, NY: Anchor Press, 1984, p.74-75.
[50] HERZ, Renato. *Manguezais do Brasil*. São Paulo: Instituto Oceanográfico USP - CIRM, 1991, p. 95.
[51] SAENGER, P. e *alii*, 1983 citado por SCHAEFFER-NOVELLI. Manguezais Brasileiros. São Paulo: Instituto Oceanográfico USP, 1991, p. 3.
[52] PEROTA, Celso e *alii* citado por FERREIRA, 1989, p. 121.
[53] MARQUES, José G. W. "Etnoecologia, educação ambiental e superação da pobreza em áreas de manguezais". In *Anais do I Encontro Nacional de Educação Ambiental em Áreas de Manguezais. Salvador*: Pró-reitoria de Extensão da UFBA, 1993.

Apesar de sua grande importância sócio-ambiental, os manguezais distribuídos ao longo do litoral brasileiro vêm sofrendo sérios impactos. Toneladas de lixo, esgoto doméstico e industrial produzidas pelas cidades foram ou continuam sendo lançadas nos manguezais. A poluição e a contaminação, aliadas à especulação imobiliária e à pesca predatória, fazem com que diversas comunidades tradicionais, que sempre sobreviveram da pesca ou da coleta de mariscos, sejam obrigadas a abandonar esse ambiente e buscar outras fontes de subsistência.

NAMORO NA MARÉ

Esta que começo a contar
Ouvi dos povos do mar.
Um dia o rio desceu a serra
E veio beijar o mar.
Deste namoro surgiu o manguezá
Na beira do litorá.
Aí foi chegando os vegetá
Começou este mundo a se formá.
Pra reforçá
Entra dia
Sai dia
Os ciclos se perpetua
Nessa sinfonia.

Waldemar Vergara Filho, 1994.

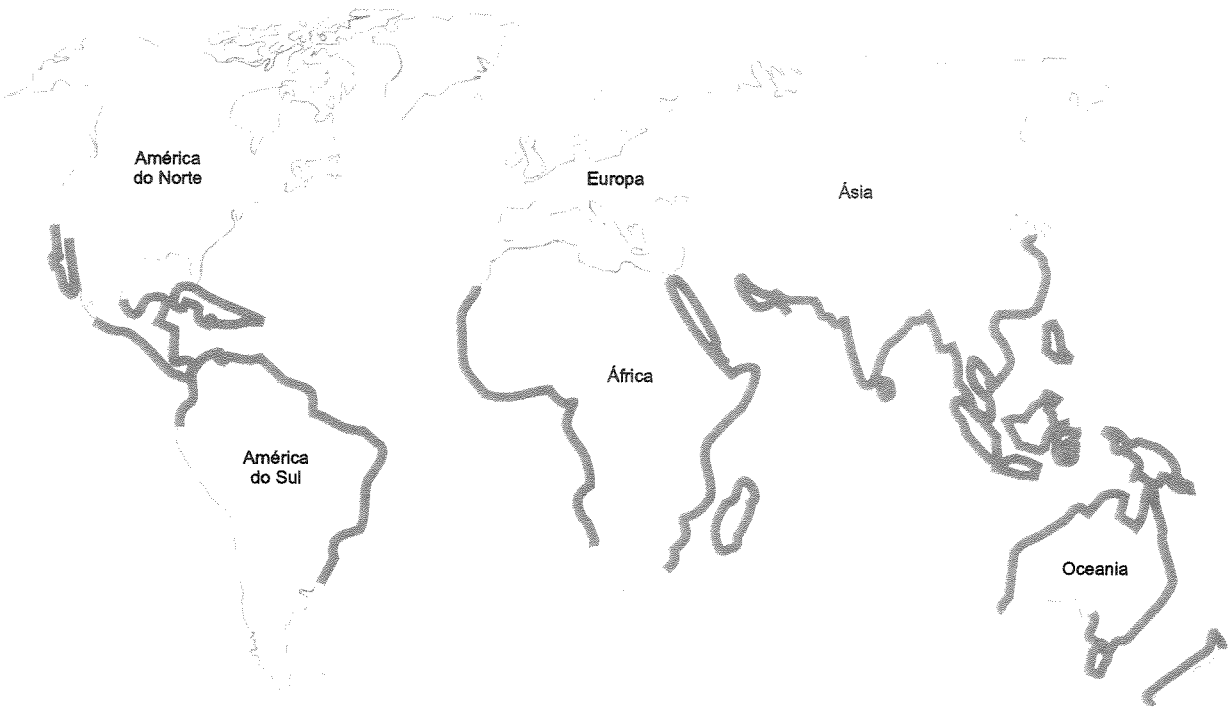


Ilustração I - Distribuição mundial dos manguezais [54]

"Os manguezais apresentam maior desenvolvimento na faixa entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio (23°27'N e 23°27'S). Ocasionalmente se estendem até latitudes de aproximadamente 32°N e 39°S, quando apresentam menor desenvolvimento devido ao clima mais rigoroso. O desenvolvimento estrutural máximo dos manguezais tende a ocorrer próximo à Linha do Equador." [55]

"Diversos autores consideram os detritos originados das árvores de mangue [folhas, frutos, galhos] *como a mais importante fonte de energia nas águas costeiras."* [56]

"Os manguezais estão entre os principais responsáveis pela manutenção de boa parte das atividades pesqueiras das regiões tropicais. Servem de refúgio natural para reprodução e desenvolvimento (berçário) assim como local para alimentação e proteção para crustáceos, moluscos e peixes de valor comercial." [57]

---

[54] Fonte: CHAPMAN (1975), citado por Nair Sumie Yokoya em SCHAEFFER-NOVELLI, Yara e *alii*. *Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar*. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, p.9. Esta publicação representa uma das mais completas coletâneas de artigos já publicada no país sobre os manguezais. Ela abrange desde as teorias sobre a origem desse ecossistema, há milhões de anos atrás, passando por sua importância sócio-ambiental e finalmente chegando aos impactos que vem sofrendo na atualidade. Foi concebida e coordenada por Yara Shaeffer-Novelli.

[55] *Ibid*, YOKOYA, Nair S., p.9.

[56] *Ibid*, MENEZES, Gisela V., p.39.

[57] *Ibid*, LEITÃO, Sigrid N., p.27.

Ilustração II - Distribuição dos manguezais ao longo da costa brasileira e localização da área de estudo.

"Dos estados litorâneos [brasileiros] que perfazem os 7.408 km de contato com o Oceano Atlântico, apenas o Rio Grande do Sul não registra a presença de cobertura vegetal típica de manguezal. (...) As maiores extensões de bosques de mangue em território nacional são encontradas no extremo norte, ao longo do litoral do Amapá até o Golfão Maranhense." [58]

[58] SCHAEFFER-NOVELLI, Yara. *Manguezais Brasileiros*. São Paulo: Instituto Oceanográfico USP, 1991, p. 3.

Bairro
Jardim Carapina
Concheiro
Canal do Veiaco
Barranco
Pau do Urubu
Enferrujado
Guanandi
Ilha dos
Coqueiros
Manilha
Valão da Carapina
Valão do Jacuí
Sununga
Passarinho
Molembá
Sapá
Siribeira
do Valadares
Esteiro Grande
Valão da Margarida
Ilha dos
Coqueiros
Coroas
Três Barras
Batinga
Ilha da
Margarida
Chiqueiro
Canal das Três Barras
Mariuçu
Robalo
Rio Santa Maria
Costa do Convento
Samambaia
Esteiro dos Ossos
Volta do Ká
Esteiro do Toco
Atalho do Mané João
Costa Grande
Pó-de-Serra
Esteiro do Siri
Batinga
Porto das
Pedras
Rodrigo
Areinha
"Bosteiro"
Rio Morto
Bairro Maria Ortiz
Ilha do
Meio
Lamerão
Ilha do
Gaspar
Apicu
Caju
Tinguara
Canal da Passagem
Costa do Caburé
"Bosteiro"
Região da
Grande São Pedro
Canal do
Apicu
Bairro
Goiabeiras
Ilha das
Caieiras
Mangue da UFES
N
O
L
S

Mapa III

O CARANGUEJO

Existem diversas espécies de caranguejos e siris nos manguezais da Baía de Vitória. Mas somente quatro são capturadas e comercializadas pelos caranguejeiros: o goiamum (*Cardisoma guanumi),* o aratu (*Goniopsis cruentata),* o siri-açu (*Callinectes exasperatus),* e o caranguejo (*Ucides cordatus).* Este último representa um dos recursos naturais mais explorados nos manguezais brasileiros. Embora existam outras espécies de crustáceos capturadas e comercializadas, tratarei, nesta dissertação apenas do *Ucides cordatus,* pois este representa o centro das atividades dos caranguejeiros, é a espécie da qual dependem para sobreviver. Portanto, sempre que me referir ao caranguejo, estarei me referindo a esta espécie.

Os caranguejeiros possuem um conhecimento altamente elaborado sobre a biologia do caranguejo. Possuem também uma verdadeira "ciência do concreto" no tocante à influência da lua e dos ventos nas marés e no manguezal. Para sobreviver da cata desse crustáceo, foi necessário desenvolver e transmitir, ao longo de gerações, um saber sobre a ecologia, o comportamento e a taxonomia dessa espécie. Tentarei, sempre que possível, usando a lógica e as palavras utilizadas pelos caranguejeiros, expor o que pude aprender sobre o manguezal e sobre os caranguejos ao longo desta pesquisa. As palavras por eles utilizadas estão entre aspas no texto. Os nomes que aparecem entre parênteses após a transcrição das falas são os nomes dos caranguejeiros que me deram as informações.

O caranguejo, *Ucides cordatus,* vive unicamente nos manguezais e pode ser encontrado, no litoral brasileiro, de Santa Catarina ao Amapá. É um animal semi-terrestre, pois passa parte de sua vida (fase larvária) dentro d'água. Alimenta-se principalmente de folhas das árvores do mangue que caem na lama. Ao serem armazenadas nas tocas, as folhas são atacadas por fungos, entrando em processo de decomposição e transformando-se numa pasta recoberta de fungos. "Isso leva a supor que os caranguejos provavelmente se alimentam não das folhas e sim dos fungos ou das proteínas produzidas por eles".[59]

---

[59] NASCIMENTO, Solange A. *Biologia do Caranguejo-uça* (*Ucides cordatus*). Aracaju: ADEMA, 1993, p.21. Além das informações fornecidas pelos caranguejeiros, pesquisei também alguns trabalhos científicos sobre a biologia do caranguejo, em especial, este aqui citado.

O ciclo de vida do caranguejo repete-se ano a ano. As diversas fases desse ciclo influenciam diretamente no ritmo, na quantidade e na qualidade do caranguejo capturado e comercializado pelos catadores. Existe uma estreita ligação entre o ciclo de vida dos caranguejos e o ritmo da vida dos caranguejeiros. Esse ciclo consiste resumidamente nas seguintes etapas: o ano começa com a "andada", período de reprodução dos caranguejos (janeiro a abril). Nesse período os caranguejos e "caranguejas" "cruzam", e as fêmeas "desovam".

A "andada" acontece normalmente na primeira lua de janeiro (lua cheia ou nova). É anunciada cerca de uma semana antes pelos machos que começam a "espumar". Eles produzem uma espuma branca que sai pela boca e que cobre a abertura dos seus buracos na lama. O cheiro dessa espuma se espalha por todo o mangue. "*Quando o caranguejo está para andar o mangue solta um cheiro muito bom.*" (Laerte Pinto)

No "dia da lua" os caranguejos e "caranguejas" abandonam as suas tocas e vagam pelo mangue por aproximadamente cinco dias. Nos dois primeiros dias, andam as fêmeas; nos três últimos, os machos. É como se estivessem no cio, embriagados pela "força da lua". Perdem completamente o instinto de direção e de defesa, a ponto de, em alguns locais, os caranguejos invadirem até mesmo as casas das pessoas que vivem ao redor do manguezal.[60]

Se a primeira lua do ano for uma lua nova, o caranguejo vai andar também na lua nova nos próximos meses; se for cheia, andará na cheia nos próximos meses. A andada vai normalmente de janeiro a abril, sendo que, no mês de maio, as fêmeas que ainda têm "ova" desovam "dentro dos buracos", finalizando um ciclo reprodutivo que só volta a se iniciar no mês de janeiro do próximo ano. Cada fêmea põe, em cada desova, de 200.000 a 800.000 ovos. Logo depois de nascer, os futuros caranguejinhos passam cerca de dois meses dentro d'água, na fase larvária, e só depois desse período tomam a forma de um caranguejo, saem da água e passam a viver na lama. Do total de ovos, somente uma pequena porcentagem consegue sobreviver devido a vários fatores naturais.[61]

---

[60] Nos meses da andada, fica mais fácil pegar os caranguejos. Nesse período, além dos catadores profissionais, diversas pessoas que moram próximas ao mangue vão catar esses crustáceos. Discutirei melhor a questão da captura durante a andada quando for tratar das técnicas de captura do caranguejo.

[61] NASCIMENTO, 1993, p. 30.

Logo após o período de reprodução os caranguejos começam a "se tapar". Eles cavam buracos mais fundos, armazenam folhas e tapam os buracos com montes de lama. Abrem somente um pequeno "respiro". Para um observador desatento fica difícil imaginar que ali, embaixo de um monte de lama, possa haver um buraco de caranguejo. Quando as folhas armazenadas acabam, ele destapa o buraco, carrega para dentro mais um bocado de folhas e volta a tapá-lo.

Nessa época é necessário conhecer muito bem o comportamento do caranguejo para poder apanhá-lo. O conhecimento sobre a bioecologia do caranguejo serve como uma espécie de trunfo dentro do grupo, e muitas vezes não é repartido com outros catadores. Como me disse Antônio Carlos Alves dos Santos (Gringo), "o pulo do gato a gente não ensina não". O conhecimento desses segredos permite a esses caranguejeiros, por exemplo, sobreviver da cata do caranguejo no inverno, época em que se torna mais difícil a captura desses crustáceos.

O caranguejo começa a se tapar em maio e permanece tapado até o mês de agosto. Durante esse período, quase não se locomove e engorda bastante. Um antigo comprador me disse certa vez que os melhores meses para se comer esse crustáceo são aqueles que não têm R, ou seja, maio, junho, julho e agosto, pois nesses meses o caranguejo está "mais gordo". O caranguejo "sema", como é chamado pelos caranguejeiros nesse período, é o mais difícil de capturar e o mais gostoso de comer.

No final de agosto ou início de setembro, os caranguejos começam a se preparar para "ficar de leite".Nessa época acontece uma espécie de "andada fora de época", quando uma grande quantidade de caranguejos abandonam seus buracos no interior do mangue e migram em direção ao "sapá" - área de transição entre o mangue e a terra firme. Nesse local eles vão cavar novas tocas e passar os próximos meses até o momento em que trocam de casco e crescem.

Segundo os caranguejeiros, o "caranguejo de leite" não deve ser comido, especialmente por mulheres grávidas. Pode causar diarréia ou, no caso das grávidas, seqüelas ao bebê. O "leite" é um líquido de coloração esbranquiçada, produzido pelo caranguejo um pouco antes de ele trocar de casco. Esse líquido fica entre o casco velho e o novo que começa a se formar. A época em que os caranguejos estão "de leite" é uma das piores para os caranguejeiros, pois eles têm dificuldade para encontrar e vender o produto. Os compradores mais antigos conhecem também o ciclo de vida do caranguejo e não consomem o crustáceo nesse período.

Mas os caranguejeiros não param completamente a captura nessa época. Como os caranguejos não ficam "de leite" de uma só vez em todo o manguezal, ou seja, existem regiões do mangue onde ficam de leite primeiro e outras depois, e como muitos dos caranguejeiros acompanham todo esse processo atentamente, mesmo nessa época eles conseguem capturar caranguejos que ainda não ficaram "de leite" ou que já trocaram de casco. *"No mangue de areia o caranguejo fica de leite primeiro porque esquenta muito. Como ele não agüenta cavar muito, o buraco é raso e na lama ele consegue afundar mais e fica mais frio."* (Zé Maiado, José Schimidel de Oliveira). Porém, para capturar caranguejos nessa época, eles gastam mais tempo e capturam quantidades menores do que em outras épocas. Existem também os caranguejeiros que se aproveitam da falta de conhecimento dos fregueses sobre o ciclo de vida do caranguejo e vendem os caranguejos "de leite". Essa atitude é normalmente censurada pelos caranguejeiros mais antigos, que temem perder a confiança dos fregueses nos pontos de venda.

Nos meses de setembro, outubro e novembro acontece a troca de casco. O caranguejo fica no fundo do buraco, seu casco racha no meio e ele sai de dentro do casco velho. Nesse momento, o caranguejo está totalmente mole, como se fosse uma gelatina. O seu corpo absorve água e "incha". O casco novo começa a endurecer e dentro de uns cinco dias vai estar duro. O único momento em que o caranguejo cresce em tamanho são nesses dias durante os quais sai do casco velho e espera o novo endurecer. Quando pequenos, eles trocam de casco mais de uma vez por ano. Depois de adultos, só fazem uma troca por ano, crescendo, portanto, somente uma vez a cada ano.

Os caranguejeiros calculam que um caranguejo leve cerca de sete anos para ficar grande.[62] A pressão de captura no manguezal de Vitória está tão intensa que os caranguejos estão sendo capturados e comercializados antes de chegarem ao tamanho considerado como ideal para o consumo pelos próprios caranguejeiros. Com essa sobrepesca, a tendência é haver uma queda na população de caranguejos, fato que já pode ser observado: *"Cada ano que passa o caranguejo tá ficando menos, tá ficando menor"* (Gringo, Antônio Carlos Alves dos Santos).

---

[62] Em março de 1998, quando fiz as fotos dos caranguejos macho e a fêmea, apresentadas na prancha 19, p.117, procurei, nos pontos de venda e nas casas dos caranguejeiros, uma fêmea e uma macho grandes, que pudessem representar bem a espécie. O maior macho que consegui encontrar tinha 5,5 cm de comprimento e 7,5 cm de largura de carapaça e a fêmea 5,7 x 7,0. Tive que andar muito para encontrá-los. A média do tamanho dos caranguejos comercializados atualmente em Vitória tem sido bem menor.

CORDEL DO CARANGUEJO UÇÁ

Vive num lugar chamado manguezá
Ele o caranguejo uçá
Agora sua vida eu vou contar
Espera a primavera chegar
Para de leite ficar
E o casco trocar
Só cresce assim
Dezembro chegou
No céu relampejou
É a reprodução
Anda em toda direção
Numa verdadeira procissão
De noite e de dia são quase quatro dias
Em Janeiro tudo se repete
Chegou a época das fêmeas desová
Aumentando próximo ao carnavá
Não sei se é na beira do rio ou da maré
Para tudo se perpetuá
No ciclo do caranguejo uçá
Só basta o mangue restar.

Waldemar Vergara Filho, 1994.

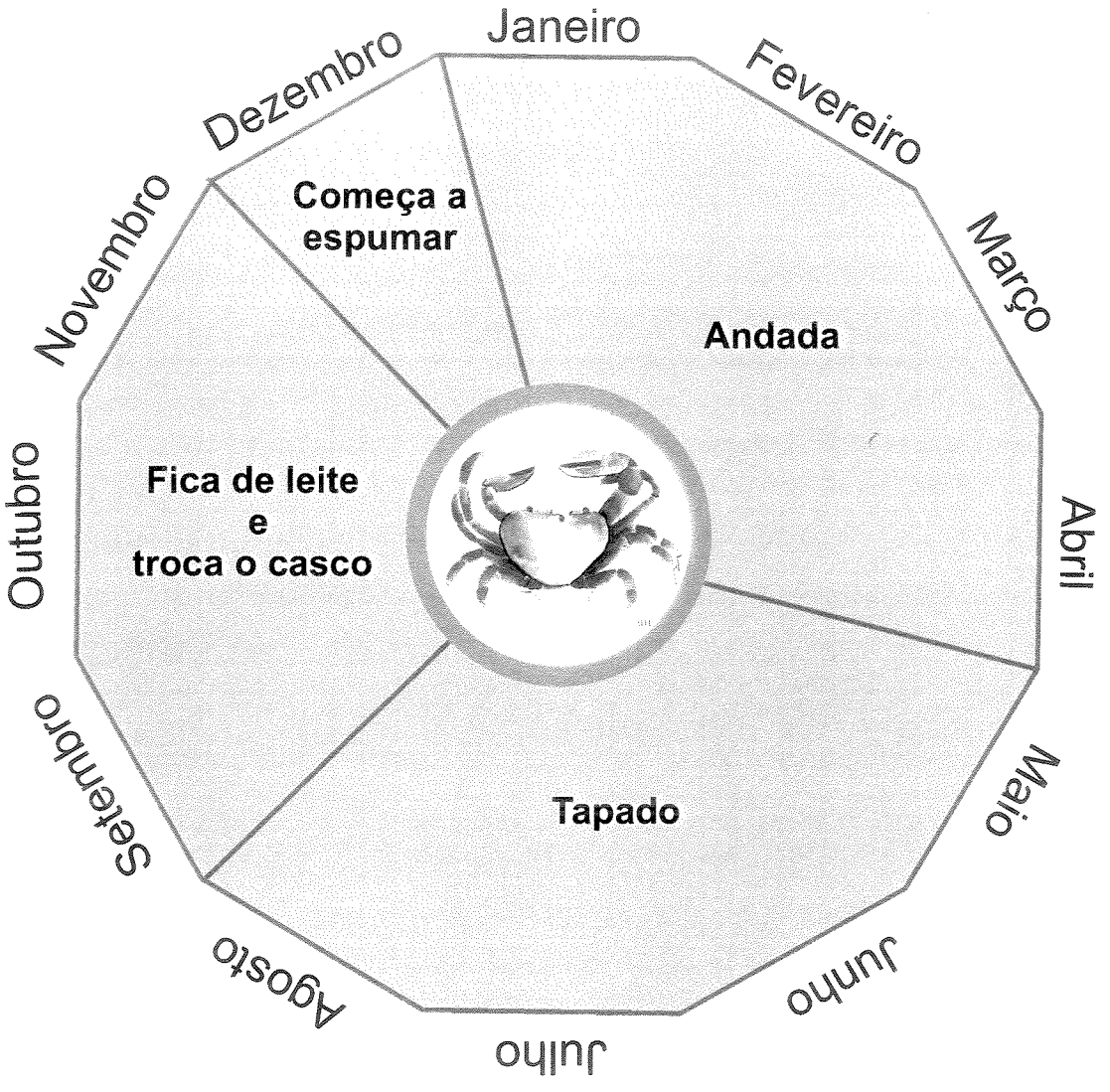


Diagrama I - Ciclo de vida do caranguejo, *Ucides cordatus*, segundo o saber dos caranguejeiros do município de Vitória - ES.

A LOCOMOÇÃO NA FLORESTA DE MANGUE

As florestas de mangue são ambientes de transição entre a água e a terra firme. São irrigadas por uma infinidade de pequenos canais diariamente inundados pelas marés. Durante as marés altas, é possível navegar através desses canais no interior da floresta. As embarcações de pequeno porte são ideais para navegação no mangue. Quanto menor o barco, mais se consegue penetrar no emaranhado de raízes.

Até o início do século XX, as embarcações eram confeccionadas a partir da escavação de um único tronco, chamadas pelos caranguejeiros de canoas "de um pau só". Como o corte de madeira da Mata Atlântica está proibido há algumas décadas, as toras que antigamente eram utilizadas para entalhar tais canoas não podem mais ser cortadas, e, atualmente, as embarcações são feitas com tábuas, e chamadas de "botes".

A distância dos locais de onde os caranguejeiros saem para o mangue com as canoas até o local onde vão trabalhar é bastante variada, já que na captura dos caranguejos faz-se constantemente um rodízio das áreas exploradas nas florestas de mangue. O tempo necessário para chegar aos locais de trabalho varia de alguns minutos a até mais de uma hora "de remo".

Os caranguejeiros que residem nos bairros situados no lado noroeste da Ilha de Vitória (Região da Grande São Pedro), vão para o mangue remando, e na volta é muito comum utilizarem, para impulsionar as embarcações, velas confeccionadas a partir de sacos de ráfia. Essa variação na técnica de navegação é possível porque o vento nordeste, predominante na região, sopra exatamente do mangue em direção aos bairros onde residem. O fato de o vento conduzi-los na volta compensa, em parte, a grande distância que têm de remar para chegar aos locais de trabalho. Os caranguejeiros que residem em Maria Ortiz, Jabour e Jardim Carapina vão para o mangue tanto de barco quanto a pé. Eles moram mais próximos das áreas nas quais trabalham, e nessa parte do manguezal é mais fácil o acesso por terra.

O início do "expediente" no mangue não é marcado pelo ponteiro de um relógio, mas sim pelo movimento da maré. Alguns caranguejeiros, especialmente os mais antigos, mantêm, em pleno final do século XX um íntimo contato com a natureza e uma grande sabedoria em relação aos fatores naturais que regem o funcionamento do manguezal.

Para os caranguejeiros, a lua e o vento são os elementos que vão determinar a variação das marés. Na lua cheia e na nova as marés vão ser "grandes", na lua minguante e crescente vão ser "mortas". Nas marés grandes, o manguezal é totalmente inundado, nas marés mortas, o nível d'água sobe menos e só são inundadas as regiões do manguezal mais baixas, próximas aos canais, a água não chega até as regiões mais altas, próximas da terra firme. Em Vitória, as maiores marés do ano podem subir até pouco mais de 2,0 metros, no Maranhão essa variação pode chegar a até 7,5 metros.[63] Se o vento permanece na mesma direção, seis horas depois da maré encher, ela vai vazar. Temos assim duas marés cheias e duas marés baixas em 24 horas.

A cada dia a maré atrasa cerca de 50 minutos, ou seja, se a maré cheia hoje foi às 7:00 da manhã, amanhã será às 7:50. Mas se o vento muda, o movimento da maré pode também mudar, e, dessa forma, atrasar ou adiantar um pouco. O vento nordeste predomina nos manguezais da Baía de Vitória durante quase todo ano, só no inverno há uma predominância do vento sul. O vento sul, além de trazer o frio, confunde os horários diários das marés, que podem subir antes da hora ou demorar mais tempo para vazar. *"Tem vez que a gente fica um dia, dois dias sem fazer nada por causa do vento sul." (Gringo, Antônio Carlos Alves dos Santos).*

Se a maré está cheia, não adianta o caranguejeiro ir para o mangue, pois as tocas dos caranguejos estarão cobertas pela água e ele não vai poder trabalhar. Para se capturar o caranguejo é necessário ver a abertura de sua toca na lama independentemente da técnica utilizada. Como os caranguejeiros trabalham normalmente próximos aos canais que inundam o manguezal, eles só podem ver os buracos nas marés baixas. Além disso, em dias de marés grandes o nível da água pode subir até mais de um metro no interior da floresta de mangue e dificultar bastante a locomoção. Por isso, os caranguejeiros partem para o mangue no "quarto de vazante", ou seja, quando a maré já vazou um quarto do total. Dessa forma, quando chegam aos locais de trabalho, o mangue já está "seco" e eles têm cerca de 6 horas para trabalhar até que a maré suba e inunde novamente a floresta. Como vemos, o ciclo da maré determina o horário tanto entrar quanto de sair do mangue, pois com a floresta inundada fica praticamente impossível capturar os caranguejos.

Andar no interior dessa floresta alagadiça não é uma tarefa fácil. O solo é mole e lamacento, e deve-se saber muito bem onde pisar para não ficar atolado logo nos

[63] O número de metros que a maré vai subir está relacionado principalmente à latitude: quanto mais perto da linha do equador, maiores são as marés.

primeiros passos. Os caranguejeiros e catadores de siri-açu são provavelmente os maiores conhecedores dos segredos de tais florestas. Existem algumas leis básicas que aprendi e que todos que desejam andar no mangue devem também aprender: pisar sempre próximo às raízes, manter o corpo inclinado para a frente, andar por dentro d'água ou por cima das raízes nas bordas da floresta e tomar muito cuidado com as ostras, pois elas cortam como navalhas.

Além de aprender as técnicas de locomoção, é necessário também ter um ótimo preparo físico. Andar na lama cerca de quatro horas por dia e ainda carregar um saco com até dez dúzias de caranguejo exige, além de habilidade, muito preparo físico. Uma estratégia desenvolvida pelos caranguejeiros de Vitória para amenizar o esforço na captura dos caranguejos são as "várias entradas no mangue". Eles amarram a canoa em uma árvore e dão cerca de três entradas no mangue. Cada entrada dura em torno de uma hora e nesse tempo eles capturam de duas a quatro dúzias, tendo no fim do dia de 6 a 12 dúzias de caranguejos capturados.

O esforço necessário para tirar os caranguejos da lama e até mesmo a distância percorrida durante um dia de trabalho variam bastante de acordo com a técnica de captura que está sendo utilizada. Após capturados, os caranguejos são acondicionados em sacos de ráfia ou estopa, colocados nas canoas e levados para casa ou diretamente para o comércio.

Se acompanharmos o ciclo lunar durante um mês teremos o seguinte comportamento das marés, segundo a classificação dos caranguejeiros: no dia da lua cheia a maré está "*grande*", ela inunda quase toda a floresta de mangue e permanece assim por uns dois ou três dias. Por volta do terceiro dia depois da lua cheia, a maré vai "*quebrar*". No dia em que "quebra", ela inunda somente uma pequena parte da floresta, que fica mais próxima dos canais. A cada dia ela vai inundar menos o mangue até que, no dia da lua minguante, a maré está "*morta*". Uns dois ou três dias depois da lua minguante a maré vai "*lançar*". No dia do "*lançamento*", ela inunda quase toda a floresta, e a cada dia sobe um pouco mais até ficar grande novamente no dia da lua nova. Ela começa então a diminuir um pouco a cada dia até o dia em que "*quebra*" *novamente*. Quando chega o dia da lua crescente, a maré está "*morta*", alguns dias depois ela vai lançar novamente e estará "*grande*" quando chegar a lua cheia. Esse ciclo se repete em todos os meses lunares e pode ser influenciado também pelo vento: a entrada de um vento sul, por exemplo, pode antecipar um "*lançamento*" de maré ou atrasar a sua "*quebra*". Essa variação da maré em função das fases da lua pode ser visualizada no diagrama apresentado na próxima página.[64]

[64] Esse diagrama foi inicialmente elaborado por CORDELL em 1974 quando descreveu o conhecimento de pescadores do nordeste do Brasil sobre a influência da lua nas marés. Em 1992 foi adaptado por Nivaldo Nordi, em sua tese de doutorado, para descrever, desta vez, o conhecimento que o grupo de caranguejeiros da região de Várzea Nova (PB) possuíam também sobre esses fatores. É interessante notar que os termos utilizados para classificação das marés pelos caranguejeiros de Vitória são muito semelhantes aos que os caranguejeiros estudados por NORDI na Paraíba utilizam. NORDI, Nivaldo. *Os catadores de caranguejo-uçá* (Ucides cordatus) *da região de Várzea Nova (PB): uma abordagem ecológica e social*. Tese de doutorado apresentada na Universidade Federal de São Carlos, 1992, p.46.

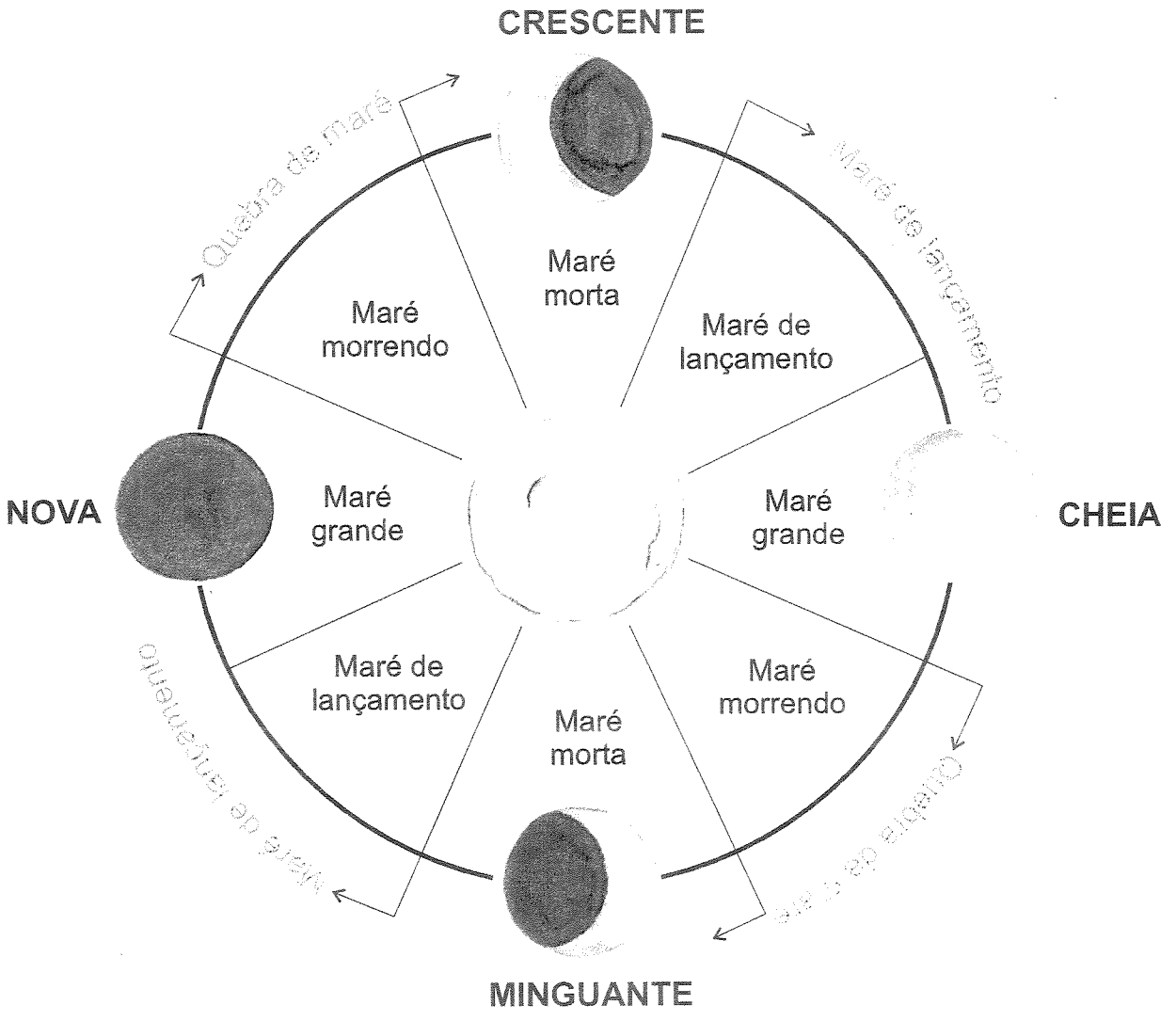


Diagrama II - Classificação das marés segundo o saber dos caranguejeiros do município de Vitória - ES.

O HOMEM DA LAMA

Acorda todo dia para se atolar
Na fábrica chamada manguezá
Ele, o homem do caranguejo-uçá
Seu relógio é a maré
E sua persistência a fé
Pra catar o bicho
Que anda de marcha a ré
Numa verdadeira batalha
Com a mão ou com o pé
Nessa jornada sem fim
Ele nem imagina
Que esteja tudo tão ruim
E olha pro seu amigo caranguejo
E diz assim:
O que aconteceu
Com o mangue meu e teu?
Ó meu Deus ...

Waldemar Vergara Filho, 1994.

AS TÉCNICAS DE CAPTURA DO CARANGUEJO

Com esta fala transcrita abaixo, Washington Almeida das Neves abriu, no dia 26 de março de 1998, a primeira das reuniões realizadas entre os caranguejeiros e os órgãos públicos que gerem os manguezais da Baía de Vitória. Filho de Valdemar das Neves (que tralhalha no mangue há 36 anos), Washington conseguiu, em alguns segundos, condensar toda a atual problemática pela qual os caranguejeiros estão passando.

> *"Essa redinha aí tá por fora, isso aí não tá valendo não, isso aí não tá vencendo não, isso aí também tá acabando comigo. Porque eu tenho família e os demais que trabalham também têm família, porque é o seguinte: tem pessoas que tão largando seus empregos, fichado em tudo quanto é lugar aí pra cair no mangue porque tá fácil demais, tá muito fácil, isso aí não tá bom não, isso tá prejudicando a gente que somos profissional, tá prejudicando demais, uma dúzia de caranguejos hoje em dia era prá valer dez reais, hoje tá valendo cinco contos uma dúzia, se a gente quiser parar para vender direitinho, a gente nem a três a gente não vende não, porque o caranguejo nosso é até menor, é menor do que muitos da redinha, porque da redinha você só pega escolhido e às vezes as fêmeas que fica lá eles nem panham, deixa lá pra morrer lá, ficam morrendo lá no mangue, às vezes prá não morrer a gente é obrigado a pegar prá não morrer, eu sou obrigado a fazer isso. E eu também só não trabalho só nisso daí não, eu faço de tudo um pouquinho, eu pego um siri-açu, eu sei tirar no braço, sei tapar um caranguejo, tiro uma moréia, de tudo eu faço um pouquinho, de tudo eu sei quando tá errado quando tá certo. Eu trabalho desde a idade de oito anos, tem meu pai que não me deixa mentir, tá ali, tá sentado ali, eu fui nascido e criado nisso, hoje em dia se for criar uma família não posso mais criar através dessa maré que está aí, eu fui nascido e criado nisso mas se for pensar dessa maneira que está aí, desse jeito que está aí, nóis não vamos mais ter nem mais mangue prá nóis trabalhar nunca mais, essa redinha tem que acabar. Tem que acabar. (Washington Almeida das Neves).*

A redinha, também chamada de laço, é uma armadilha confeccionada a partir de fitas de plástico retiradas dos sacos de ráfia. Os sacos são comprados em padarias ou em outros locais, desfiados, e os fios (aproximadamente 20) são amarrados nas duas extremidades. Esta técnica foi provavelmente inventada no Rio de Janeiro, no início da década de 80[65] e levada para Vitória, em 1986, por dois baianos que moravam em uma das invasões de mangue no bairro de São Pedro[66]. Antes da chegada dessa armadilha

[65] Segundo comunicação pessoal de Waldemar Vergara Filho, pesquisador das lendas e tradições das populações que sobrevivem dos manguezais ao longo da costa brasileira, feita em 1994.
[66] Comunicação pessoal de Valdemar das Neves, catador de caranguejos no mangue de Vitória há 36 anos.

os caranguejeiros utilizavam diversas técnicas para "tirar" os caranguejos: "no braço", "com o pé", "tapando", "com cavadeira" (chamarei estas de **técnicas tradicionais**). Das técnicas tradicionais, a mais utilizada em Vitória sempre foi a "no braço". As demais funcionam normalmente como variações desta primeira e são utilizadas especialmente no inverno quando o buraco do caranguejo está mais fundo e o braço não pode alcançá-lo. Essas variações consistem em tapar o buraco do caranguejo com lama (utilizando o pé, a mão ou a cavadeira) ou com folhas. Aproximadamente 45 minutos depois que o buraco foi tapado, o caranguejo sobe para destapá-lo.[67] Nesse momento, introduz-se o braço no buraco e pega-se o caranguejo. Outra opção utilizada quando o caranguejo não pode ser alcançado com o braço é enfiar a perna na lama e puxá-lo com o pé. [68]

Embora essas técnicas apresentem variações entre si, ambas exigem do caranguejeiro um maior esforço físico e conhecimento sobre o ambiente. Exigem sobretudo o domínio de um saber que vem sendo transmitido há séculos no qual o corpo ainda é o principal "instrumento" utilizado para a captura desses crustáceos. Quem quisesse se tornar um caranguejeiro antigamente tinha que aprender uma ou mais dessas técnicas e o aprendizado normalmente se dava através de uma convivência dentro do grupo e da transmissão oral do conhecimento sobre a bioecologia do caranguejo e sobre as técnicas de captura. A redinha muda completamente a relação dos caranguejeiros com o manguezal. Com essa armadilha, o corpo, que antes era utilizado para alcançar o caranguejo, agora é substituído por um punhado de fios de plástico, e o convívio social já não é mais necessário para o aprendizado dessa técnica. *"Antes da redinha - eu boto redinha também, comigo não tem miséria não - o caranguejo tinha muito valor certo? Mas agora você encontra gente no mangue de gravata, terno e palito, pegando o caranguejo com a redinha porque não suja a mão"* (Benedito). Essa armadilha diminui o contato do caranguejeiro com o ambiente e parece que a perda desse contato traz também uma perda dos valores e da ética que regiam a captura antes da introdução da redinha. *"Agora até uma criança pode pegar caranguejo, é só ir ali, colocar a redinha no buraco, esperar o caranguejo embolar e depois ir apanhar"* (Champão).

Com a introdução da redinha no manguezal de Vitória, inicia-se uma mudança na quantidade e na qualidade do caranguejo capturado. Essa armadilha possibilitava uma

[67] Segundo os caranguejeiros ele fica sem ar e sobe para respirar.

[68] Ao consultar o trabalho realizado por NORDI, 1992, chamou-me a atenção a semelhança existente entre as estratégias de captura dos caranguejeiros em Vitória (ES) e na região de Várzea Nova (PB). Na época em que Nordi estudou esse grupo de caranguejeiros, a técnica mais usada era o "braceamento" e a redinha já havia sido inserida nesse manguezal.

maior produtividade em relação às técnicas tradicionais, principalmente para os caranguejeiros mais novos, que ainda não dominavam o uso das técnicas tradicionais, ou para as pessoas que começaram a trabalhar no mangue exatamente devido às facilidades trazidas pela nova técnica. Não podemos esquecer o contexto histórico no qual a redinha foi introduzida nos manguezais da Baía de Vitória. Em 1986, milhares de pessoas estavam em pleno processo de invasão de diversas áreas de mangue ao redor da ilha. Muitas dessas pessoas estavam desempregadas e começaram a trabalhar no mangue. As facilidades na utilização dessa armadilha fizeram também com que muitos desempregados adotassem a pesca do caranguejo como alternativa de subsistência. Além desses novos caranguejeiros, muitos dos que trabalhavam com as técnicas tradicionais passaram também a utilizar a redinha. *"O camarada tá desempregado e começa a trabalhar no mangue. Só que ele não tem o cuidado que a gente tem. Para ele o trabalho no mangue é um 'bico' como outros que faz"* (Joel Felix).

O que Joel comenta acima e Washington coloca em sua fala logo abaixo, é um dos pontos principais desse conflito. "O cara que bota redinha não é profissional. Porque o profissional é aquele que aprendeu de geração em geração. O profissional prá trabalhar não depende de redinha não. Na época passada aqui não tinha redinha não" (Washington Almeida das Neves). Existe uma nítida diferença nos valores desse grupo de profissionais (mais antigo no mangue) e do grupo mais novo. Os mais antigos pensam numa continuidade, pensam o manguezal enquanto uma possível fonte de alimento e de renda para os seus filhos no futuro, enquanto os mais novos estão interessados num ganho mais imediato, não se preocupando tanto com a conservação desse recurso para gerações futuras. Na verdade, essa crise com relação a um uso sustentável dos recursos naturais parece estar acontecendo não só no mangue mas em todo o planeta. O caso de Vitória é só mais um exemplo.

Mas porque essa armadilha está causando tantos problemas? Pelo que pude observar, são dois os motivos básicos: o primeiro foi o aumento no número de pessoas trabalhando com a cata dos caranguejos, o segundo é a forma predatória como ela vêm sendo utilizada. *"A redinha pega o pai, pega a mãe, pega o filho, pega tudo"* (Gringo, Antônio Carlos Alves dos Santos).

> *"Eu boto redinha, tem muitos aqui, eu tenho certeza, que bota redinha, mas nóis não deixa o caranguejo no mangue morrer, mas eu já entrei em mangue que tem gente que deixa o caranguejo inteiro, tudo! Tudo que ele bota deixa lá, e a maioria morto, o que fica a gente tira, então a gente tem que acabar com essas pessoas que faz isso. A redinha prejudica*

numa parte pra quem tira de braço, pra quem tapa, eles chegam numa ponta de mangue e não topa nada entendeu? Mas em outra parte o que prejudica mais é você botar sua redinha, tirar o que caiu, e o que não caiu você deixar lá, largado: precisei até aqui, daqui para adiante eu não preciso mais. Com isso eu não concordo. A redinha tira o caranguejo maior, mas isso é uma facilidade, graças a Deus hoje nóis temos a redinha pra colocar, mas nós temos que ter a consciência de tirar também a redinha do buraco dos caranguejos que não caíram (José Francisco Azevedo Júnior).

Quando estão utilizando as técnicas tradicionais, os caranguejeiros voltam do mangue no final do dia com o produto do seu trabalho. Os caranguejos que eles conseguiram apanhar são levados para casa ou diretamente para o comércio, os que eles não conseguiram pegar permanecem no mangue. Com o uso da redinha isso mudou. As armadilhas normalmente são colocadas num dia e retiradas no outro. Para localizá-las no dia seguinte costuma-se fazer uma marcação, descascando parte das árvores com um facão ou colocando um punhado de lama em uma raiz próxima ao local onde está a redinha. Eles utilizam como orientação também os rastros deixados na caminhada do dia anterior, mas, especialmente para as pessoas que têm menos tempo de trabalho no mangue, é muito difícil localizar todas as armadilhas que foram colocadas, muitas não são encontradas. Os caranguejos mais cedo ou mais tarde vão se embolar nessas armadilhas abandonadas, e, se não forem encontrados dentro de alguns dias por outra pessoa vão morrer. Caminhando pelos manguezais da Baía de Vitória é comum encontrarmos grandes quantidades de caranguejos mortos ou embolados há vários dias em redinhas que foram abandonadas. "*Se você entrar no mangue e armar 150 redinhas você não acha as 150. Você não acha. Prá você achar só se você for bom de mangue, se trabalhar no mangue bem. Vamos supor que você tire 10 dúzias, e as outras três que sobrou, vai prá onde? Vai por água abaixo, vai morrer o caranguejo.*" (Gringo, Antônio Carlos Alves dos Santos)

Além do problema das redinhas perdidas existe também o das redinhas intencionalmente abandonadas. Um caranguejeiro coloca, em média, 150 redinhas em um dia de trabalho, dessas, aproximadamente 120 vão capturar caranguejos. Quando ele vai recolher as armadilhas no dia seguinte, muitas vezes não retira as 30 redinhas que não capturaram caranguejos, deixa-as no mangue e os caranguejos acabam se embolando nelas e morrendo. *"O problema é não tirar as redinhas do buraco, as fêmeas e os pequenos também, a minha redinha que falha, eu aproveito, eu boto na cintura e levo prá casa."* (José Francisco Azevedo Júnior). Alguns caranguejeiros levam uma

pequena faca quando vão recolher as redinhas e soltam os caranguejos pequenos e as fêmeas mas a maioria não tem essa consciência.

> *"Tem muitos garotos assim, desse tamainzinho, que vão prá maré aí pegar caranguejo. Tiram um saco, dois sacos, ainda ficam zombando das pessoas que é mais velha de mangue aí, que tira caranguejo. Eles botam a redinha no mangue lá, deixa de um dia pro outro, dali eles tiram aquela metade do caranguejo, vão pro outro mangue, bota mais redinha, o resto eles deixa lá, não pode! Vocês pode ir ali prá cima no Rio Santa Maria que tá cheio de caranguejo morto, cheio de caranguejo morto, e aquela redinha que tá ali não apodrece fácil não* [ela é feita com plástico], *o caranguejo vai se mexendo, se mexendo, até o caranguejo morrer* (Benedito da Silva).

O aumento no número de pessoas trabalhando com a cata do caranguejo gerou também um aumento na quantidade de caranguejo no mercado e, conseqüentemente, uma maior concorrência. Os preços abaixaram e, para agravar mais ainda a situação das pessoas que dependem da cata do caranguejo para a subsistência, a partir do início da década de 90 os atravessadores começaram a trazer caranguejos de manguezais do norte do Espírito Santo e do sul da Baía para serem vendidos no mercado de Vitória. Para ganhar uma quantia equivalente à que ganhavam - antes do que podemos chamar essa *sobrepesca* -, os caranguejeiros têm que capturar cada vez uma quantidade maior. Mas como capturar mais, se a cada ano a quantidade de caranguejos no mangue diminui? Eles passaram a ser menos seletivos; por mais que se procure, é difícil encontrar caranguejos grandes, começou-se então a capturar caranguejos menores e cada vez mais fêmeas. A situação é preocupante. Os caranguejeiros mais antigos, especialmente os que mais conhecem o manguezal e que poderiam estar ajudando a melhor pensar um manejo desse ambiente, estão abandonando essa atividade por não encontrarem mais condições dignas de sobrevivência e buscando emprego como vigias, pintores, pedreiros etc. *"Agora tem mais gente que caranguejo no mangue"* (Valdemar das Neves).

As técnicas tradicionais são mais seletivas e menos produtivas, e por isso proporcionam um uso mais sustentável desse recurso natural. Como atualmente existe no mangue uma menor população de caranguejos, cujo tamanho também está diminuindo, devido à seleção que os caranguejeiros fazem dos maiores machos e fêmeas, fica quase impossível capturar, utilizando as técnicas tradicionais, uma quantidade de caranguejos necessária para a subsistência. Sendo assim, o uso da redinha é praticamente imposto pela atual situação. Todos os caranguejeiros, com raríssimas exceções, passaram a utilizar essa armadilha, por uma questão de

sobrevivência, e a situação agrava-se cada vez mais. Não só nos manguezais da Baía de Vitória, mas também em muitos outros ao longo do país, já se percebeu que essa sensação inicial de maior produtividade logo se transforma em um grande transtorno e, num curto período de tempo, pode até inviabilizar a exploração comercial desse recurso natural. O uso dessa armadilha está proibido, através de portarias federias, estaduais e municipais em várias regiões do Brasil[69], mas não existe ainda uma portaria que normatize a pesca do caranguejo em nível nacional, como já existem para diversos tipos de peixes e outros crustáceos. Cabe às autoridades responsáveis pela gestão desse ambiente - em parceria com as comunidades tradicionais, de preferência - criar normas para um uso sustentável desse recurso natural.

Não sabemos ao certo quais os limites de extração que esse recurso (o caranguejo) suporta sem causar prejuízos ao seu ciclo de vida. É necessário que estudos sejam desenvolvidos, de preferência em parceria com as comunidades tradicionais que dependem desse recurso e que zelam por sua preservação. O que começamos a perceber é que algumas técnicas, as mais modernas e "produtivas" em especial, causam, em poucos anos, um grande impacto na população dos caranguejos. O número de pessoas que sobrevivem desse recurso de alguma forma deve também ser limitado. As associações ou cooperativas de caranguejeiros, como a que foi criada em Vitória, podem ser um bom caminho. Através da associação, os caranguejeiros podem criar critérios que regulamentem a captura e o comércio locais, pois, juntos, têm mais força para discutir e implementar junto com os órgãos oficiais as suas propostas de manejo da forma como acreditem que deva ser conduzida a cata desse crustáceo no mangue. Se quisermos preservar a biodiversidade temos que trabalhar com as populações dos locais onde ela está (ainda) presente. Essas pessoas, na maioria das

---

[69] Além da questão da redinha, essas portarias normatizam também outros fatores relativos à captura do caranguejo:

1- Proíbem a captura, o transporte, o beneficiamento, a industrialização e a comercialização de fêmeas (algumas também dos machos) do caranguejo *Ucides cordatus* durante os meses em que ocorre o fenômeno da "andada" para reprodução.
2- Proíbem a captura, transporte, beneficiamento, industrialização e comercialização de partes isoladas (quelas, puãs etc.) do caranguejo *Ucides cordatus*. (No Nordeste e no Norte é muito comum a captura dos caranguejos apenas para a retirada uma de suas patas maiores. O problema é que as pessoas extraem as patas de tal forma que muitos caranguejos morrem. Aproveita-se, nesse caso, somente as patas maiores e perde-se todo o restante do caranguejo). Em Vitória não existe essa prática.
3- Proíbem a captura do caranguejo *Ucides cordatus* com a utilização de qualquer tipo de armadilha e/ou produto químico. Existe uma técnica que surgiu depois da redinha, em que as pessoas utilizam o carbureto para capturar os caranguejos. Joga-se pequenas pedras de carbureto próximo aos buracos dos caranguejos e, quando a maré sobe, a água reage com o carbureto produzindo o gás acetileno; o gás asfixia os caranguejos (e todos os outros animais aquáticos das redondezas), o que faz com que eles saiam dos buracos para poder respirar, sendo nesse momento capturados. Essa é sem dúvida a mais predatória de todas as técnicas.

vezes, estão lá há muito tempo e não haveria ninguém melhor que elas para dizer como deve ser o manejo dessas áreas.

A ANDADA

Nos dias da andada, não é necessário utilizar nenhuma técnica especial para apanhar os caranguejos. Eles estão perambulando pelo mangue, saem dos buracos e perdem o instinto de direção e defesa. Para apanhá-los basta correr atrás deles e pegá-los antes que se enfiem no primeiro buraco que encontrarem pela frente. Os caranguejeiros sabem exatamente os dias em que os caranguejos vão andar (ver p. 80) e aguardam ansiosamente a chegada desses dias, pois nessa época captura-se uma maior quantidade. Além dos caranguejeiros, nos bairros vizinhos ao mangue (em Vitória são muitos) a notícia de que os caranguejos estão andando espalha-se rapidamente. As pessoas vão falando umas para as outras e rapidamente todo o bairro está sabendo da andada. No primeiro dia poucas pessoas sabem, no segundo, o número já é maior, até que nos últimos dias praticamente todo o bairro já está sabendo (o fato de muitas pessoas saírem do mangue com sacos de caranguejos nas costas ou na cabeça é um dos fatores que torna visível a andada, é freqüente também os caranguejos saírem do manguezal e andarem pelas ruas dos bairros. Quando a andada coincide com um final de semana, dias nos quais grande parte dos trabalhadores estão de folga, o manguezal fica repleto de pessoas apanhando caranguejos.

Se por um lado capturar caranguejos durante a andada se transforma numa forma de lazer para muitas pessoas, por outro causa um grande impacto no ciclo de vida desses crustáceos. A andada é a época de reprodução do caranguejo. Os machos andam para encontrar as fêmeas com as quais vão copular, e depois as fêmeas andam para desovar. Embora a maior parte dos caranguejeiros capturem somente os machos nessa época, essas centenas de pessoas que vão para o mangue no dia da andada capturam tanto os machos quanto as fêmeas. As ovas das "caranguejas" são muito apreciada como tira-gosto. É difícil calcular a quantidade de fêmeas ovadas que são capturadas durante a andada, mas já é possível perceber que a população de caranguejos está diminuindo rapidamente. *"Na andada dos caranguejos é só não pegar as caranguejas fêmeas que já é o bastante. Uma carangueja fêmea vai botar uma carreira de caranguejo cheinha"* (Paru - Jeferson).

LAMENTOS NO AR

Antigamente eu entrava no manguezá
Para catar o caranguejo uçá
Pegava com minha mão
Saía numa boa
Tirava o que queria
Retornava com o caranguejo todo dia
Só os graúdos,
Que dava gosto de ver
Tampava no inverno
E no verão era com a mão
Nunca de leite não
Chegava a andada
Eu só tirava o graúdo
As fêmeas ovadas nem pensar
Como é que os outros vão se criar?
O tempo foi passando
Todo mundo coletando
E o caranguejo tá escasseando
Os que eu capturo vendo todo dia
Mas não sei o que faço
Hoje já aprendi a utilizar o laço
E acho que tá indo tudo pro espaço.

Waldemar Vergara Filho, 1994.

O COMÉRCIO

Para se ter uma idéia do quanto o caranguejo, *Ucides cordatus*, é apreciado pelos moradores e turistas, no verão de 1997 foram comercializadas, por semana, no município de Vitória, cerca de 2000 dúzias de caranguejo[70]. Comer caranguejos é um hábito cultural dos habitantes da cidade "é difícil um capixaba de Vitória que não gosta de um caranguejo" (Benedito da Silva). O consumo do aratu, *Goniopsis cruentata*, e do goiamum, *Cardisoma guanumi,* é muitíssimo inferior; é raro encontrá-los nos pontos de comércio e sua captura normalmente é feita por encomenda. As razões para a desigualdade no consumo são várias: a população de caranguejo é bem maior do que a de goiamuns e os aratus são caranguejos pequenos e extremamente ariscos. Além disso, o caranguejo é um produto de venda fácil, já os outros, talvez por não serem tão conhecidos, são mais difíceis de serem comercializados.

Os caranguejeiros, além do domínio das técnicas de captura e do conhecimento sobre o manguezal, para sobreviver da cata desse crustáceo tiveram que desenvolver também uma habilidade para a comercialização, pois, além de capturar os caranguejos, na maioria das vezes são eles próprios ou parentes que os comercializam. Eles convivem com realidades de tempo e espaço completamente diferentes: de um lado o manguezal e do outro a cidade. O fato de eles venderem os caranguejos direto para o consumidor proporciona uma renda maior; se os caranguejeiros fossem vender o produto para atravessadores, estes pagariam a metade (ou menos) do que aqueles ganham vendendo direto para os consumidores. Os dias preferidos para a venda são o sábado e o domingo, quando muitas famílias e grupos de amigos organizam as tradicionais caranguejadas.

Existem dois grandes grupos de caranguejeiros na cidade de Vitória (ver mapa II na página 46). Um localiza-se na Região da Grande São Pedro, mais especificamente nos bairros de Inhanguetá, Estrelinha e Grande Vitória, onde estão cerca de 29 catadores,[71]. O outro grupo localiza-se mais ao norte, nos bairros de Maria Ortiz, Jabour e em Jardim Carapina, que, embora pertença politicamente ao município da Serra, é

[70] Essa estimativa foi feita através de um censo que realizei durante os meses de janeiro e fevereiro de 1997. Passava nos pontos de comércio e perguntava a cada caranguejeiro a quantidade que havia capturado naquela semana. A maior parte dos caranguejos é vendida nos dias de sábado e domingo. Esse número inclui também o caranguejo trazido por atravessadores. Nesse caso, perguntava aos vendedores a quantidade que tinham vendido naquela semana.

[71] Esse número varia de acordo com a época do ano.

residência de muitos caranguejeiros do grupo do "Trevo de Goiabeiras"[72]. Esse grupo é atualmente o mais organizado de Vitória, tendo cerca de 30 catadores. Recentemente eles fundaram uma Associação de Caranguejeiros.

Os caranguejeiros da região da Grande São Pedro vendem a maior parte dos caranguejos que capturam no mercado da Vila Rubim e na feira do Aribiri. Os caranguejeiros de Maria Ortiz, Jabour e Jardim Carapina vendem no Trevo de Goiabeiras. Os demais catadores comercializam o caranguejo nas feiras livres, nas peixarias, na beira das estradas, nas praias ou na sua própria casa.

O momento do comércio é um dos poucos em que o grupo se encontra; é quando os caranguejeiros vão apresentar para os fregueses e também para os outros catadores o resultados do seu dia ou de sua semana de trabalho. Quem pega os maiores caranguejos, em maior quantidade e mais machos do que fêmeas tem um certo destaque dentro do grupo. Não só porque consegue preços maiores e vende o seu caranguejo com mais facilidade, mas também porque é considerado mais "macho". Existe uma certa disputa entre eles. Por outro lado, o catador que chega ao ponto de comércio com poucos caranguejos, pequenos e com muitas fêmeas é quase sempre alvo de gozações: existe uma espécie de controle social,[73] em relação ao tamanho do caranguejo capturado e à proporção machos/fêmeas.

Aproximadamente metade dos caranguejos comercializados em Vitória é capturados nos manguezais que circundam o município. A outra metade vem do norte do Espírito Santo e do sul da Bahia.[74] A entrada no mercado de Vitória de caranguejos vindos de outros locais deve-se basicamente a dois fatores. O primeiro é o aumento do número de consumidores. No verão, quando uma grande quantidade de turistas vem passar as férias no Espírito Santo, o caranguejo retirado dos manguezais da Baía de Vitória não é suficiente para abastecer o mercado da Grande Vitória. O segundo é a degradação ambiental desses manguezais. A grande quantidade de aterros realizados com lixo, o esgoto da cidade lançado diretamente na baía, as técnicas predatórias de captura, a captura de fêmeas ovadas e o aumento do número de pessoas

[72] Esse trevo fica no cruzamento da Av. Adalberto Simão Nader com a Av. Fernando Ferrari.

[73] Devido à problemática que surgiu com a utilização da redinha e com a entrada dos atravessadores, esses códigos sociais, que no fundo visam um uso mais seletivo e sustentável do ambiente, estão se transformando. Hoje, devido ao estado de degradação do manguezal, nem mesmo um caranguejeiro "macho" consegue encontrar muitos caranguejos grandes no mangue.

[74] No norte do Espírito Santo, dos manguezais de Santa Rosa, no município de Aracruz, e do Nativo, no município de São Mateus, e no sul da Bahia, das cidades de Caravelas, Nova Viçosa e Mucuri.

vivendo da cata do caranguejo são fatores que vêm diminuindo, a cada ano, a quantidade e a qualidade desses crustáceos.

Esses fatores, dentre outros, facilitaram a entrada dos atravessadores no comércio no final da década de 80. As leis de mercado da cidade influenciam, e muito, a relação dos caranguejeiros com o manguezal. A pressão que os atravessadores começaram a fazer no mercado com a entrada de grandes quantidades de caranguejo por um preço menor do que o praticado pelos caranguejeiros fez com que eles tivessem que aumentar a quantidade de caranguejos capturados para obter ao mesma renda anterior. Além disso, os atravessadores começaram a colocar vendedores exatamente nos pontos de venda tradicionais de Vitória, nos locais onde os catadores da ilha vendem a sua produção há décadas. Isso aconteceu em quase todos os pontos de venda de Vitória menos no Trevo de Goiabeiras. *"Nóis que trabalha em Goiabeiras, lá quem manda é a gente mesmo"* (Breno Silva Lima). Nas primeiras tentativas que fizeram de colocar vendedores nesse ponto, os atravessadores logo desistiram. Em uma delas, o grupo se juntou, na ocasião havia mais de 15 pessoas, pegou todo o caranguejo que o atravessador tinha colocado no chão e jogaram de volta para dentro da camionete dele. *"Você pode vender caranguejo onde quiser, mais esse ponto aqui é nosso, você pode colocar seu caranguejos daqui a duas quadras, mais ali na frente, mas aqui você não vende não!"* (Darci Francisco de Jesus relatando o ocorrido).

Os caranguejeiros impediram a entrada dos atravessadores mas, dentro do próprio grupo, surgiram pessoas que começaram a comprar o caranguejo nos mangues de Santa Rosa e do Nativo para revendê-lo no Trevo de Goiabeiras. Criou-se então uma situação de conflito, pois agora eram os próprios caranguejeiros considerados membros desse grupo que estavam no papel dos atravessadores. Eles não poderiam ser simplesmente expulsos, mas também não poderiam continuar a fazer o que estavam fazendo, pois começavam a prejudicar todos os outros catadores. Depois de muitos conflitos, e até de agressões físicas, eles se reuniram e resolveram criar um regulamento para a utilização desse ponto de venda. Esse regulamento foi criado em fevereiro de 1998, e funcionou relativamente bem durante o verão. Houve pouca entrada de caranguejo "de fora" nesse ano, o limite de dez dúzias (ver o regulamento logo adiante) foi respeitado e o revezamento, segundo o qual a pessoa que vende num dia não pode vender no outro também se mostrou bastante eficiente. Dessa forma, o grupo consegue manter vendedores no ponto durante praticamente todos os dias da semana, e não se

acumulam no local grandes quantidades de caranguejo, o que faz com que o preço se mantenha estável. [75]

Como os atravessadores trabalham com grandes quantidades de caranguejo, é comum terem uma grande perda; muitos caranguejos morrem por não resistirem ao transporte e ao fato de ficarem estocados (vivos) por mais de uma semana. Às vezes vão para o comércio quase mortos, não tendo praticamente mais força para se movimentar.

A quantidade de caranguejos atravessados aumenta a cada ano. Eles são trazidos dos outros manguezais em camionetes ou caminhões com até 1500 dúzias para serem distribuídos em Vitória e nos municípios vizinhos. O caranguejo dos outros mangues geralmente é maior do que o capturado em Vitória, isso faz com que o comprador prefira o caranguejo vindo de fora ao capturado em Vitória.[76]

Se pararmos para pensar em termos da produtividade e do "lucro" que um único manguezal pode gerar, passaríamos, talvez, a cuidar desse ambiente de uma forma mais responsável. Existem muitas espécies de mariscos, crustáceos e peixes, pescados

---

[75] "*Regulamento para venda de caranguejo no Trevo de Goiabeiras:*

1º - Com relação à venda do caranguejo de Santa Rosa e de São Mateus no Trevo de Goiabeiras: cada pessoa poderá vender 10 dúzias de caranguejo de fora por dia, a partir daí a prioridade é para a venda do caranguejo de Goiabeiras. Somente no caso de não haver nenhum outro caranguejeiro no ponto o caranguejo de fora poderá ser vendido numa quantidade acima de 10 dúzias.

2º - Escala de rodízio: na venda do caranguejo cada pessoa irá trabalhar um dia e folgar outro. Somente no caso de não haver nenhum outro caranguejeiro da escala referida, um outro da escala oposta poderá vender.

3º - Sobre o caixa de emergência para os caranguejeiros: todo caranguejeiro deverá contribuir com 06 caranguejos por mês, que deverão ser entregues do dia 1º ao dia 10 de cada mês.

5º - Fica expressamente proibida a venda de fêmeas de caranguejo no local durante a andada.

6º - A pessoa que estiver na vez de vender o caranguejo poderá vender no valor atual [esse valor atual é estipulado pelo grupo e depende de vários fatores, especialmente da oferta/procura do produto, a média do preço é R$ 7,00]. *No caso da pessoa vender o caranguejo fora da vez deverá acrescentar um real no valor da dúzia. Dessa forma, nenhum dos dois perde a vez.* [para esclarecer: cada caranguejeiro tem a sua "vez" de vender, se um comprador chegar no ponto e quiser comprar o caranguejo de outro que não está na "vez" este deverá aumentar um real no preço, pois assim o comprador só vai aceitar o caranguejo dele se for maior do que o da pessoa que está na vez].

7º - Todo vendedor de caranguejo deve assinar o livro de presença ao chegar no local de venda. [isso não está funcionado muito bem; a idéia do livro, sugerida por Joel, era que o grupo tivesse um maior controle do fluxo de pessoas e das quantidades de caranguejo comercializadas, mas os catadores não têm muita intimidade com os papéis e a idéia não foi incorporada, embora tenha sido aceita pelo grupo].

8º - Caso o vendedor falte 90 dias sem justificativa, perderá o direito de trabalhar no local. Pagando o valor correspondente às faltas, ele poderá voltar novamente a utilizar o ponto."

[76] Se a captura do caranguejo, incentivada por atravessadores, nos manguezais do Nativo e de Santa Rosa continuar no ritmo crescente que se observa atualmente, em poucos anos o caranguejo deve escassear também nesses locais. Caberia às autoridades competentes regulamentar essa exploração desenfreada nos manguezais do Espírito Santo, uma vez que ela começa a prejudicar a capacidade de reciclagem desses ambientes e também as comunidades tradicionais que dependem dos seus recursos para sua sobrevivência.

no manguezal ou no oceano, que dependem do mangue para sobreviver ao menos em uma fase de suas vidas. Se o manguezal for destruído (aterrado), ou estiver em um estado muito avançado de degradação, muitos animais (na verdade estamos falando de alimento: proteína animal de altíssima qualidade) podem não mais se desenvolver nesse ambiente, o que irá gerar um grande prejuízo, não só ambiental mas também social. Vamos fazer um pequeno exercício de cálculo, apenas com relação à captura dos caranguejos.

Cada caranguejeiro pega uma média de 25 dúzias de caranguejo por semana no verão. A partir do final do outono, durante o inverno e no início da primavera essa quantidade cai para quase a metade (os caranguejos nessa época "somem" do mangue), e muitos caranguejeiros, quase metade do grupo, abandonam essa atividade, trabalhando em "bicos" como biscateiros, pedreiros, pintores, vigias etc. Se calcularmos que dos meses de dezembro a maio somente no município de Vitória, cerca de 85 pessoas estejam capturando uma média de 25 dúzias de caranguejo por semana, e no restante do ano cerca de 40 pessoas capturem 12 dúzias por semana, teremos um total de 53440 dúzias de caranguejos capturados por ano somente pelos canguejeiros do município de Vitória. Tomando como média do preço da dúzia o valor de R$ 5,00, chegamos a uma renda anual de R$ 276 200,00 para o grupo. Se contarmos também os caranguejeiros que moram nos municípios de Cariacica, Carapina e Vila Velha, esse número pode quase triplicar. Se incluirmos nesse cálculo, além da produção de caranguejo, a de siri, camarão, peixes, ostras, sururu etc., provavelmente chegaremos, em uma área de 18 Km² (área dos manguezais da Baía de Vitória) a uma cifra de mais de um milhão de dólares produzidos por ano. Ou seja, cerca de 55 000 dólares por quilômetro quadrado por ano. Essa é uma produtividade para dar inveja a muitos produtores rurais.[77] O único custo para a manutenção dessa produção seria um pouco de consciência ecológica na extração e uma regulamentação correta, por parte das prefeituras, da forma como essas áreas vão ser utilizadas. O manguezal, embora seja altamente produtivo, tem também seus limites. A extração de seus recursos deve ser feita de uma forma tal que não ultrapasse esses limites.

O que podemos perceber no caso de Vitória, em relação ao caranguejo, é que já se ultrapassou os limites de extração desse recurso. Prova disso é a diminuição acelerada da população de caranguejos. Uma forma simples de reverter essa situação e

[77] Sobre essa questão da valoração de áreas de manguezais, ver o trabalho de GRASSO, Monica. Avaliação econômica do ecossistema manguezal: complexo estuarino-lagunar de Cananéia, um estudo de caso. Tese de mestrado, São Paulo: Instituto Oceanográfico USP, 1994.

que é quase um consenso dentro do grupo é a proibição do uso da redinha. O retorno das técnicas tradicionais selecionaria as pessoas que continuariam a trabalhar no mangue, e a tendência seria que restassem apenas os "profissionais", que sabem exatamente como utilizar o ambiente sem causar tantos danos. A captura do caranguejo deve atender, antes das leis do mercado, às leis naturais do manguezal. Para isso, é fundamental que estudos científicos sobre os limites de extração desses recursos sejam desenvolvidos, e que os órgãos públicos que gerem esse ambiente assumam uma postura mais séria, ouçam as comunidades tradicionais e não deixem que a situação chegue a esse extremo a que já chegou em Vitória.

VENDEDOR DE CARANGUEJO

Caranguejo-uçá
Caranguejo-uçá
Apanho ele na lama
E boto no meu caçuá

Tem caranguejo
Tem gordo guaiamun
Cada corda de dez
Eu dou mais um
Eu dou mais um
Eu dou mais um
Cada corda de dez
Eu dou mais um

Eu perdi a mocidade
Com os pés sujos de lama
Eu fiquei analfabeto
Mas meus filhos criou fama
Pelo gosto da mulher
Eu já ia descansar
Não sujava mais os pé

Os bichinho tão criado
Satisfiz o meu desejo
Eu podia descansar
Mas continuo vendendo caranguejo

Música composta por Gordurinha,
Interpretada por Gilberto Gil no CD *Quanta*

B. Análise fotográfica[78]

[78] Os nomes dos locais onde foram feitas as fotografias que serão apresentadas nessa análise fotográfica aparecem logo após a descrição de cada imagem. Se o leitor desejar localizar esses locais no manguezal da Baía de Vitória, basta procurá-los no mapa III, na página 77. Os números no final de cada frase de identificação representam, respectivamente, o número do filme e do negativo onde aquela imagem se encontra no acervo dos negativos.

O manguezal

(Pranchas 15 e 16)

O MANGUEZAL DE VITÓRIA
(Prancha 15)

Os manguezal da Baía de Vitória possui atualmente uma área de 1800 hectares[79] e é circundados por quatro municípios: Serra, Cariacica, Vila Velha e Vitória. Somente no município de Vitória, cerca de 85 caranguejeiros retiram o seu sustento material desse ambiente. Se considerarmos os municípios vizinhos esse número deve chegar a mais de 200 pessoas. Os caranguejeiros residem normalmente em bairros próximos ao manguezal, tais como os que aparecem na parte inferior da fotografia. Do lado esquerdo da foto pode ser visualizada parte da região da Grande São Pedro e do lado direito, os bairros de Goiabeiras, Maria Ortiz , Jabour e, por último, Jardim Carapina.
Manguezal da Baía de Vitória fotografado a 2000 metros de altura em 1998.

[79] FERREIRA, 1989, p. 205.

O MANGUEZAL E SUA VEGETAÇÃO
(Prancha 16)

Os caranguejeiros classificam os mangues em dois tipos básicos:

Foto 1 - Mangue duro ou de areia cujo solo é formado por uma mistura de lama, areia e outros sedimentos. Nesses locais crescem tanto o mangue vermelho, *Rizophora mangle*, quanto o mangue preto, *laguncularia racemosa*, e as siribeiras, *Avicennia schaueriana*. No mangue de areia o solo é mais duro, facilitando a caminhada.
"*Siribeira do Valadares*", 1995.

Foto 2 - Mangue mole cujo solo é formado principalmente por lama. Nesses locais a vegetação que predomina é o mangue vermelho. O mangue mole "afunda muito", tornando a locomoção difícil.
"*Volta do Ká*", 1995.

1

2

O caranguejo

(Pranchas 17 a 20)

OS TIPOS DE CARANGUEJO I
(Prancha 17)

Foto 1 - O caranguejo, *Ucides cordatus,* vive na lama do mangue, no fundo de buracos redondos com diâmetro de 0,10 m em média, e profundidade em torno de 0,60 a 1,50 m. Alimenta-se principalmente de folhas de mangue que recolhe durante a maré baixa e armazena em sua toca.

Manguezal da Baía de Vitória, 1997.

Foto 2 - siri-açu, *Callinectes exasperatus.*
Este texto foi escrito por um caranguejeiro[80]

"É um caranguejo muito "arisco" e violento quando sente algo tocá-lo. Devido a sua força e também a formação de suas puãs (as maiores), torna a sua mordida muito perigosa que pode trazer sequelas irreparáveis para o pescador.

Sua captura dar-se-a de acordo com as estações do ano usando técnicas diferentes.

Nas épocas quentes podemos capturá-los dentro do mangue com a maré cheia usando uma "fisga" até onde a altura da água possibilitar a sua localização.

Com o mangue seco ele é encontrado nas raízes do mangue, sobre a lama, ou em poças d'água feitas pelos catadores de caranguejos.

No outono eles começam a deixar as águas do centro do mangue e procurar o fundo dos rios (raramente são encontrados pois não sobem para o mangue quando a maré começa a encher).

No inverno eles procuram buracos (abrigos) para trocarem de casco e consequentemente aumentam seu tamanho. Nessa época utilizamos só a mão para capturá-los no buraco, o que exige paciência e muita concentração pois um momento de "vacilo" pode custar muita dor e sofrimento.

O siri-açu pode também ser pescado durante todo o ano com a pesca "à linha" ou rede."

Manguezal da Baía de Vitória, 1998.

[80] Jorge Felix, tem 34 anos, trabalhou como catador de caranguejos durante 20 anos e atualmente é pintor. Um ano e meio após o início dessa pesquisa, dei um texto acompanhado de algumas fotografias para Jorge ler. Eu havia escrito sobre as técnicas de captura do caranguejo; pedi para ele ler o texto e me dar sua opinião. Quando me devolveu o texto, disse que tinha gostado, mas que eu havia esquecido de falar de um tipo de caranguejo: o siri-açu. Segundo a minha lógica de biólogo, siri não era caranguejo e nem pensava em descrever a captura do siri-açu nesta pesquisa. Jorge, através do texto que está reproduzido nesta página, me convenceu a incluir o siri-açu nesta monografia.

1

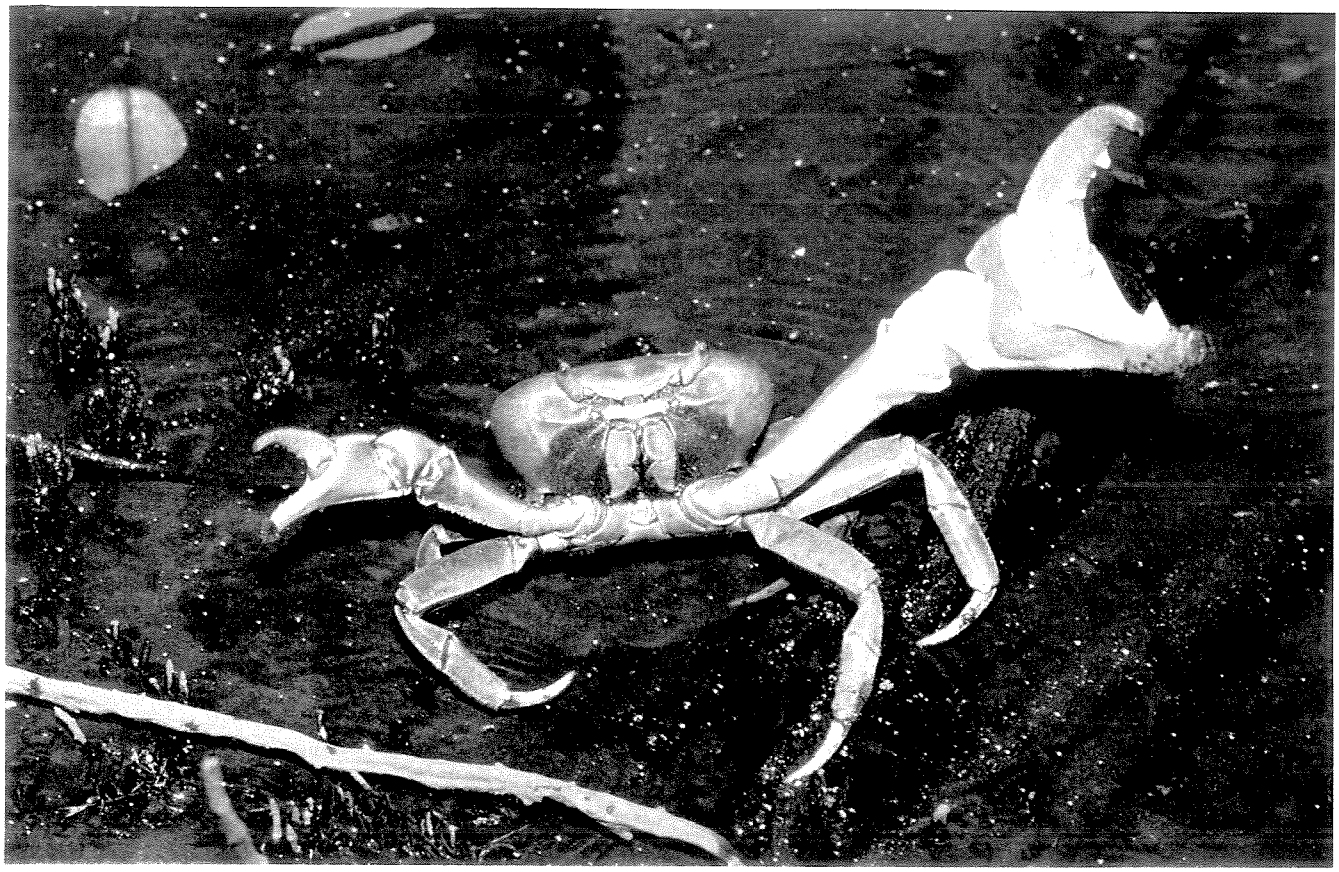
2

TIPOS DE CARANGUEJO II
(Prancha 18)

Foto 1 - O goiamum, *Cardisoma guanumi,* é o maior dos caranguejos. O macho, tal como nas outras espécies de caranguejos, possui uma das "puãs"[81] bem maior do que a outra. Vive normalmente nas áreas de transição entre o mangue e a terra firme, podendo ser encontrado em locais muito afastados do manguezal. Às vezes faz suas tocas nos quintais das casas construídas próximas ao mangue. O goiamum é "cevado" antes de ser comido, ou seja, colocado em cativeiro e alimentado com milho, frutas ou restos de comida até o momento de ir para a panela.
Manguezal da Baía de Vitória, 1994.

Foto 2 - O aratu, *Goniopsis cruentata,* é o mais ágil dos caranguejos, quando se sente ameaçado pode subir no tronco das árvores. Ele não cava buracos, durante as marés baixas anda pelo manguezal à procura de alimento. Quando a maré sobe, ele se esconde nos ocos das árvores ou nos buracos de outros caranguejos. Apesar de ser pequeno, sua carne é muito apreciada e há quem garanta que "não existe muqueca de caranguejo melhor do que uma moqueca de aratu".
Manguezal da Baía de Vitória, 1993.

[81] As "puãs" são as patas maiores do caranguejo, as quais ele utiliza principalmente para defesa e alimentação.



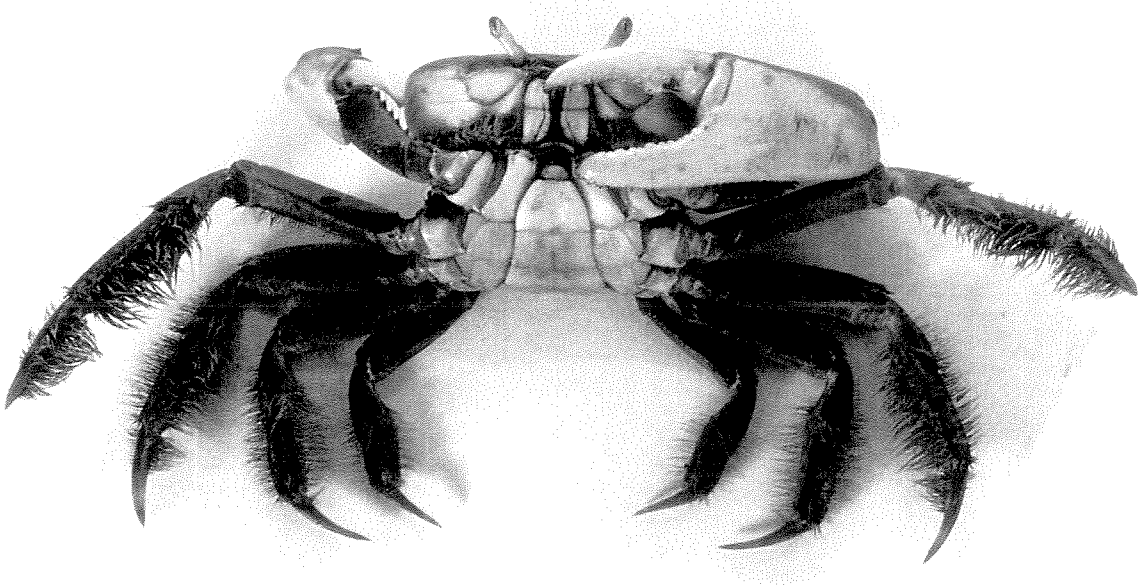
1

2

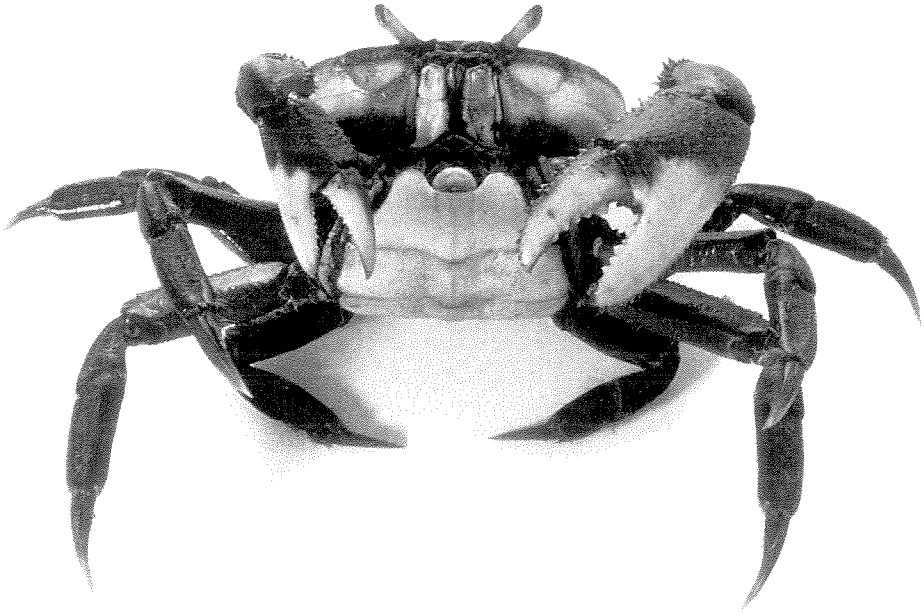
MACHO E FÊMEA
(Prancha 19)

Nesta prancha, pode-se observar um macho e uma fêmea do caranguejo *Ucides cordatus*. O macho normalmente é maior do que a fêmea, suas patas, especialmente as puãs, são também maiores e isso faz com que ele seja mais apreciado pelos consumidores. Além do tamanho, existem duas diferenças básicas entre o macho e a fêmea: o macho tem mais pêlos nas pernas e o seu abdome (esse triângulo no meio do corpo) é menor, enquanto que na fêmea é maior e arredondado. No manguezal, quando o caranguejo está escondido dentro de seu buraco, é possível saber se ele é macho ou fêmea pela forma da abertura da toca e pelo tamanho dos rastros deixados na lama. A abertura do buraco da fêmea é mais arredondada, enquanto a do macho é mais elíptica. Os rastros do macho são mais fundos e largos, pois eles possuem unhas maiores e pêlos nas patas. Para um caranguejeiro experiente, basta uma olhada rápida na abertura do buraco para saber se nele há um caranguejo e se este é macho ou fêmea.

Estúdio da Agência Vix, 1998.



1



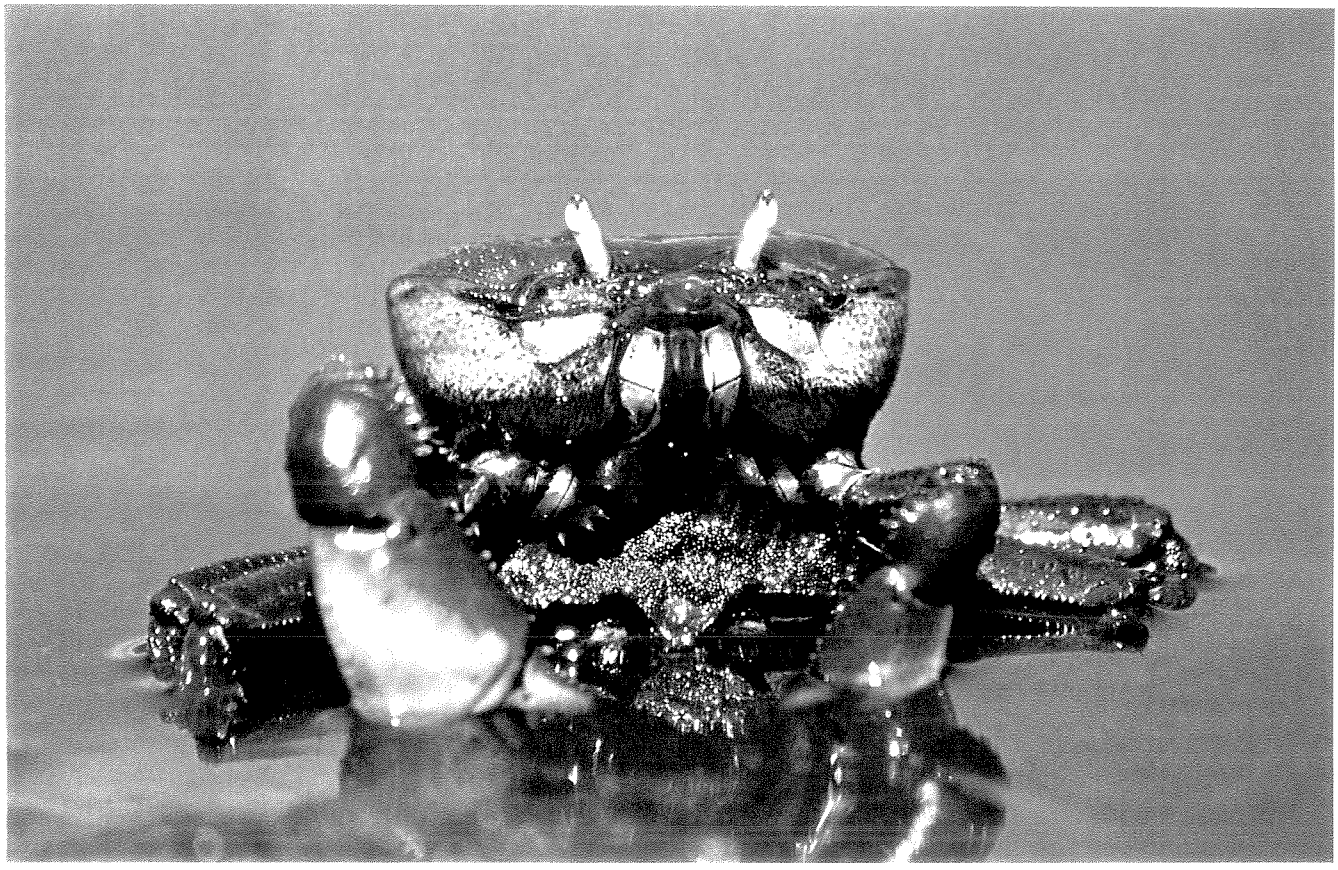
2

A ANDADA
(Prancha 20)

Foto 1 - Esta fotografia foi feita um dia após a lua nova de fevereiro de 1998. Nesse dia as fêmeas do caranguejo andaram no mangue. Esta fêmea está abaixando o abdome com as puãs (patas maiores) para que os ovos entrem em contato com a água. Cada fêmea põe de 200.000 a 800.000 ovos, sendo o número de ovos proporcional ao seu tamanho[82]. Os ovos ficam presos na parte de dentro do abdome até o momento da desova. Nesse momento "nascem" as larvas dos caranguejos. Cerca de dois meses depois as larvas transformam-se em pequenos caranguejos, saem da água e passam a viver na lama do mangue, embaixo de galhos ou dentro dos buracos dos caranguejos maiores.
"*Areinha*", 27 de fevereiro de 1998.

Foto 2 - A andada das fêmeas acontece uma vez por ano, geralmente no mês de março. É um verdadeiro espetáculo natural. Durante a vazante da maré, milhares de fêmeas migram para as margens dos canais para colocar os ovos na água. Em poucas horas a maré vai subir e espalhar as larvas que acabaram de nascer por todo o manguezal. A maior parte delas será comida por peixes ou por outros animais que vivem no mangue, mas as que sobrevivem vão se transformar em pequenos caranguejos e perpetuar a espécie. A lata no centro da parte superior da foto é um vestígio da presença humana no manguezal.
"*Esteiro do Toco*", 27 de fevereiro de 1998.

[82] NASCIMENTO, 1991, p. 30.



1

2

A locomoção nas florestas de mangue

(Pranchas 21 a 24)

EMBARCAÇÕES I
(Prancha 21)

Ao redor dos manguezais da Baía de Vitória podem ser observados diversos pequenos portos de canoas utilizados pelas pessoas que pescam profissionalmente ou por lazer no mangue. Esses dois são os mais utilizados pelos caranguejeiros. A maior parte das embarcações utilizadas atualmente são construídas com tábuas de madeira, existem ainda algumas canoas de "um pau só", entalhadas em um tronco de árvore, que hoje não são mais confeccionadas e tendem a acabar num futuro próximo.

Foto 1 - Porto de canoas do Bar do Lilico, na Ilha das Caieiras. Esse é um dos portos onde existe o maior número de canoas "de um pau só" em Vitória. Essas canoas eram construídas a partir da escavação de um único tronco e são as embarcações mais antigas encontradas no mangue. O fato de ainda existir, nesse local embarcações que muitas vezes foram construídas no começo do século, pode ser um indicativo de uma ligação mais antiga dos moradores e desse bairro com a pesca e coleta de marisco no manguezal. Esse porto é utilizado principalmente por caranguejeiros que residem na Ilha das Caieiras e na Região da Grande São Pedro.
Ilha das Caieiras, "*Bar do Lilico*", 29 de janeiro de 1997, 7 - 42.

Foto 2 - Porto de canoas localizado em frente a casa do João Preto (João Batista Anatório), em Maria Ortiz. Esse porto é utilizado pelos caranguejeiros que residem principalmente em Maria Ortiz e no Jabour. A maior parte das embarcações é construída com tábuas, algumas vezes pelos próprios caranguejeiros.
Maria Ortiz, 09 de março de 1997, 44 - 34.

1

2

EMBARCAÇÕES II
(Prancha 22)

Como pode ser observado no mapa II, na página 46, quase todos os caranguejeiros moram em bairros ao redor do mangue. Para se deslocarem de suas casas até o local de onde vão tirar os caranguejos, eles utilizam diversos meios de transporte. Alguns vão de ônibus até regiões próximas ao mangue e entram na floresta a pé; outros vão de bicicleta, e os que moram mais perto, simplesmente caminham até o mangue. Mas a grande maioria entra no manguezal por água, em pequenas embarcações. A maior parte dos caranguejeiros não possui embarcação. Por isso, é comum pegarem carona nos barcos de outros ou alugarem barcos. O aluguel normalmente é pago por um sistema de troca: uma dúzia de caranguejos, cachaça, peixe, e outros produtos retirados do mangue. Nunca presenciei um caranguejeiro pagando o aluguel de uma embarcação com dinheiro.

Foto 1 - Nas regiões mais rasas do mangue os caranguejeiros remam em pé. Os remos são fincados no fundo e empurrados para trás, e a embarcação é impulsionada para a frente.
"*Costa do Caburê*", 10 de fevereiro de 1997, 17 – 27.

Foto 2 - Nas regiões mais fundas rema-se sentado na parte de trás da canoa.
"*Mané João*", 29 de janeiro de 1997, 11 – 9.

Foto 3 - Quando existe mais de um caranguejeiro na canoa a tarefa de remar é assim normalmente dividida, um rema na frente e o outro atrás.
"*Costa Grande*", 29 de janeiro de 1997, 7 – 8.

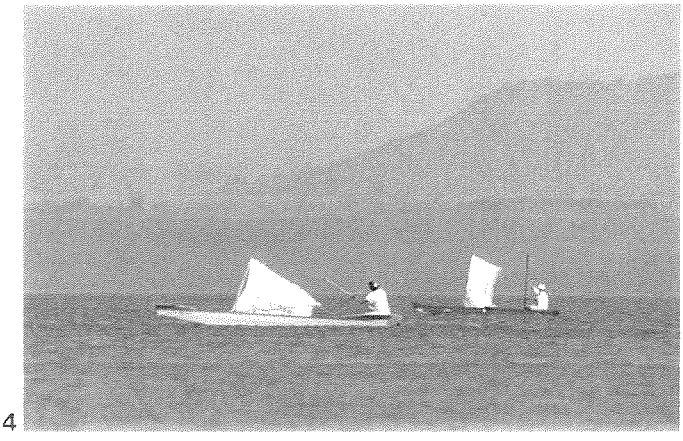
Foto 4 - Os caranguejeiros que moram no noroeste de Vitória utilizam, com freqüência, velas confeccionadas a partir de sacos de ráfia para impulsionar as embarcações. O remo, nesse caso, funciona somente como leme e dá direção para a embarcação.
"Lamerão", 1995, slide copiado em preto e branco.

Fotos 5 e 6 - O pequeno porte das embarcações facilita a penetração na floresta de mangue durante as marés altas. Quando a maré baixa, é comum ficarem secos os locais por onde se passou com o barco algumas horas antes. Nesse caso, para que o barco volte à água, existem duas opções: ou se espera a maré subir novamente ou se empurra o barco na lama até chegar à água.
"*Esteiro dos Ossos*", 25 de fevereiro de 1997, 32 – 38 e "*Mangue da Samambaia*", 24 de janeiro de 1997, 5 – 18.

1

2

3



4

5

6

CAMINHADA NA FLORESTA DE MANGUE
(Prancha 23)

A caminhada no interior das florestas de mangue é certamente uma das partes mais difíceis do trabalho. Como a quantidade de caranguejos vem diminuindo a cada ano, os caranguejeiros têm de caminhar cada vez mais para encontrar uma quantidade que compense o dia de trabalho. *"No inverno, antigamente, nóis tirava 7 a 8 dúzias de caranguejo por dia, agora, pra tirar 3 dúzias você tem que trabalhar quase 5 horas."* (Antônio Carlos Alves dos Santos, Gringo).

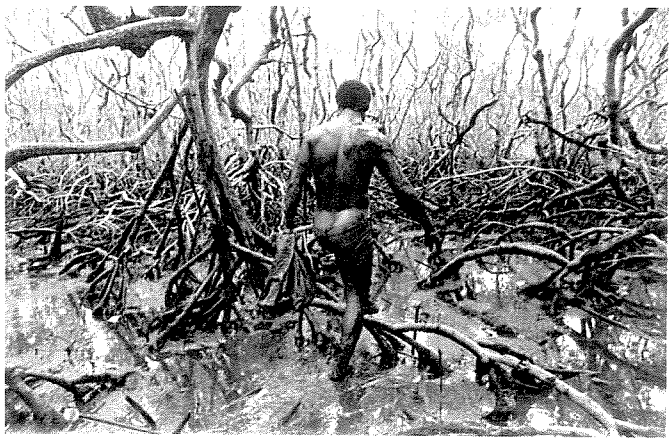
Foto 1 - Washington das Neves carrega na mão esquerda o saco onde coloca os caranguejos que capturou com o braço. Note que ele pisa próximo à raiz do mangue, região onde a lama é mais firme e não afunda tanto.
"*Mangue do Rodrigo*", 29 de janeiro de 1997, 8 – 8.

Foto 2 - Gringo (Antônio Carlos Alves dos Santos), caminha em uma região do mangue onde existem poucas árvores. Essas são as áreas mais difíceis de se atravessar pois nelas a lama é mole e costuma afundar bastante. Para atravessar essas regiões sem afundar na lama deve-se inclinar o corpo para frente (como ele faz na foto) e andar rápido. Percebi que sempre que atravessam áreas onde a lama é muito mole os caranguejeiros assumem essa postura corporal. Na verdade, aprendi a inclinar também o corpo para a frente depois de ficar atolado quase até a cintura por várias vezes.
"*Mangue do Rodrigo*", 24 de janeiro de 1997, 4 – 6a.

Fotos 3 e 4 - Na margem dos canais, próximo à água, a lama torna-se ainda mais atoladiça. Nesses locais, é mais fácil caminhar por cima das raízes do que pisando na lama. Nas duas fotos, Manel pescador (Manuel da Silva Lima) e Gringo caminham por cima das raízes.
"*Esteiro dos Ossos*", 26 de fevereiro de 1997, 37 – 42a e "*Três Barras*", 24 de janeiro de 1997, 5 – 12.

Foto 5 - Joel Felix passa por baixo de uma árvore. Note que a maré está seca, não existe água no mangue.
"*Mangue da Margarida*", 16 de janeiro de 1997, 2 – 25.

Foto 6 - Gringo anda num canal no interior da floresta de mangue. A maré nesse momento estava enchendo e já começava a alagar a floresta.
"*Três Barras*", 24 de janeiro de 1997, 5 – 13.



1

2

3

4

5

6

DE VOLTA À CANOA
(Prancha 24)

Após capturar uma certa quantidade de caranguejos, é preciso voltar para a canoa. O peso do saco de caranguejos torna a caminhada no mangue ainda mais difícil.

Foto 1 - Valdemar das Neves caminha no mangue carregando um saco com cerca de três dúzias de caranguejo.
"*Mariuçú*", 10 de fevereiro de 1997, 19 – 39.

Foto 2 - Sempre que podem, os caranguejeiros amarram a canoa nas árvores, pois assim, ao se aproximarem da embarcação eles andam por cima das raizes, evitando pisar na lama da margem dos canais que é muito mole e atoladiça.

Fotos 3 e 4 - Estávamos num dia de lua nova, numa maré grande, e a maré estava baixa no momento em que Valdemar chegou ao mangue, por isso, ele teve que amarrar a canoa a uma certa distância das árvores, o que tornou mais difícil o seu retorno.

Fotos 5 e 6 - Valdemar chega à canoa e lava o saco com os caranguejos para tirar o excesso de lama.
"*Mariuçú*", 10 de fevereiro de 1997, 20 – 2 a 6.

1

2

3

4

5

6

As técnicas de captura do caranguejo

(Pranchas 25 a 34)

CAPTURA "NO BRAÇO"
(Prancha 25)

Esta técnica consiste basicamente em localizar o buraco do caranguejo e enfiar o braço na lama para capturá-lo com a mão. Normalmente, "fura-se" a lama com o pé ou com a mão na direção do local onde imagina-se que o caranguejo esteja, e introduz-se o braço nesse "furo". Se a direção do furo estiver certa, ou seja, se o furo atingir a toca, sairá água pela sua abertura. Os movimentos têm de ser rápidos. No momento em que a lama é "furada" o caranguejo nota que algo estranho está acontecendo e corre para o fundo de sua toca. Se ele chegar ao fundo, o braço pode não alcançá-lo.

A mão deve estar fechada quando o braço é introduzido no buraco para evitar que o caranguejo agarre os dedos com as suas puãs. No momento em que a mão toca o caranguejo é rapidamente aberta e este é prensado contra a lama e puxado para a superfície. Muitas vezes, para alcançar o caranguejo dentro de seu buraco é necessário literalmente enterrar-se na lama até a metade do corpo.

Os caranguejeiros que utilizam esta técnica entram no mangue somente com um *short* ou uma bermuda e com o corpo untado de óleo diesel. O óleo serve como repelente aos maruins e às mutucas, insetos encontrados em grande quantidade no manguezal cujas picada é bastante dolorida. Eles usam um tênis velho ou uma bota de borracha cortada na altura do calcanhar como sapatos, e preferem trabalhar em áreas de "mangue mole", pois estas áreas facilitam a introdução do braço na lama.

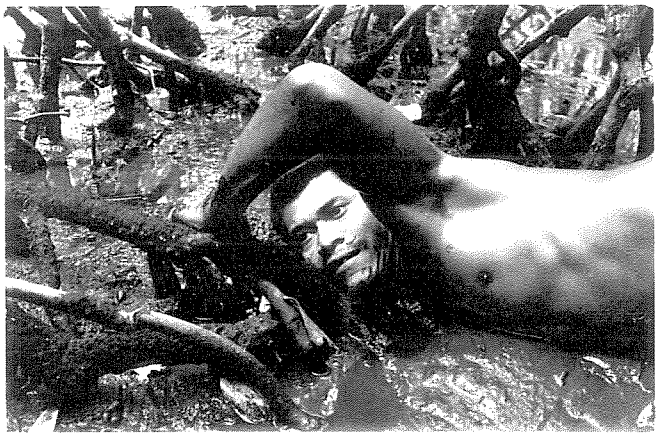
Fotos 1 e 2 - Detalhe da expressão de dois caranguejeiros (Joel Felix no lado direito da prancha e Washington das Neves no lado esquerdo) no momento em que estão puxando o caranguejo do fundo de sua toca. Esse momento exige concentração pois o caranguejo pode soltar uma ou mais pernas. Note na foto 2, preso a cintura de Joel, o frasco plástico de desodorante cuja função é a de transportar o óleo diesel.
"*Mangue do Rodrigo*", 29 de janeiro de 1997, 8 –18 e "*Mangue da Margarida*", 16 de janeiro de 1997, 2 – 13.

Fotos 3 e 4 - Note que enquanto o braço esquerdo segura o caule da árvore e sustenta o corpo, o direito é utilizado para pegar o caranguejo.
"*Mangue do Rodrigo*", 29 de janeiro de 1997, 9 – 34 e "*Mangue da Margarida*", 16 de janeiro de 1997, 2 – 31.

Fotos 5 e 6 - Para capturar o caranguejo é necessário em alguns momentos enterrar-se na lama. Note ao lado direito dos caranguejeiros o saco de ráfia utilizado para transportar o caranguejo.
"*Mangue do Rodrigo*", 29 de janeiro de 1997, 10 – 28a e "*Mangue da Margarida*", 16 de janeiro de 1997, 2 – 6.

Foto 7 - Washington coloca os caranguejos no saco de ráfia.
"*Mangue do Rodrigo*", 29 de janeiro de 1997, 8 – 4.

Foto 8 - Forma como Joel transporta até quatro caranguejos na mão esquerda enquanto pega outros com a mão direita.
"*Mangue da Margarida*", 16 de janeiro de 1997, 2 – 5.



1

2

3

4

5

6

7

8

CAPTURA "NO PÉ"
(Prancha 26)

São poucos os caranguejeiros que dominam esta técnica. Ela geralmente é utilizada quando o caranguejo está "muito fundo", a mais de um metro de profundidade, e não pode ser alcançado com o braço. Só é possível capturar caranguejos com o pé em áreas de "mangue mole", ou seja, áreas onde a lama do mangue é atoladiça e não apresenta resistência à introdução da perna. Se por um lado o mangue mole permite a introdução da perna na lama, por outro dificulta a locomoção e o trabalho. Andar nesse tipo de mangue exige preparo físico e habilidade.

A captura consiste em inserir uma das pernas na lama em direção ao caranguejo que se encontra no fundo de sua toca, até que o dorso do pé, que deve estar descalço para melhorar o tato, toque-o. O caranguejo passa a ser puxado. Esse momento é o que exige maior destreza. Se for puxado de uma só vez, a pressão da lama contra o pé pode fazer com que o caranguejo solte as pernas e perca o valor comercial.

É necessário fazer movimentos com o corpo para a frente, para trás e para os lados, a fim de amolecer a lama ao redor da perna e facilitar a passagem do caranguejo. As mãos seguram firmemente as árvores, a perna esquerda é retirada da lama e apoiada nas raízes do mangue e o caranguejo é retirado de sua toca. Algumas vezes o caranguejo é puxado com o pé até a superfície (é o caso dessa seqüência), outras, é puxado até uma altura que o braço o alcance e pego com a mão.

Foto 1 - A perna direita é introduzida no buraco em direção ao local onde se supõe que o caranguejo esteja.

Fotos 2 - "Gringo" movimenta o pé na lama até encontrar o caranguejo.

Fotos 3 e 4 - No momento em que o pé toca o caranguejo, a perna esquerda é apoiada numa árvore.

Fotos 5 e 6 - O caranguejo passa a ser puxado. Com o caranguejo preso na parte de cima do pé, "Gringo" movimenta o corpo de um lado para outro, para frente e para trás, a fim de amolecer a lama de modo que o caranguejo possa ser puxado sem que solte nenhuma de suas pernas.

Fotos 7 e 8 - Gringo dá um giro de 90 no corpo e retira o caranguejo com o pé. O frasco branco preso à cintura contém óleo diesel, utilizado como repelente.
"*Três Barras*", 24 de janeiro de 1997, 3 – 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30 e 31.

1

2

3

4

5

6

7

8

CAPTURA COM A REDINHA I
(Prancha 27)

Esse processo de captura começa com a preparação da armadilha. Geralmente no dia anterior à saída para o mangue compra-se sacos de ráfia (usados para transportar farinha de trigo ou açúcar). Desfia-se esses sacos e amarra-se nas duas extremidades cerca de 20 fios de nylon com um tamanho aproximado de 40 cm.

O passo seguinte é colocar as armadilhas no mangue. Cada caranguejeiro coloca uma média de 150 redinhas por dia. Utiliza-se um facão para cortar os galhos ou as raízes das árvores que serão utilizados para fixar as redinhas nos buracos dos caranguejos e para fazer as marcas que auxiliarão na sua localização no dia seguinte. Normalmente as redinhas são colocadas num dia e retiradas no outro.

No dia seguinte, quando os caranguejeiros retornam para recolhê-las, encontram aproximadamente 80% delas com caranguejos "embolados" na sua trama. Mesmo com a marcação, fica difícil, especialmente para os menos experientes, localizar todas as armadilhas e algumas acabam sendo deixadas para trás.

Seu Manel Pescador (Manuel da Silva Lima) e sua esposa, dona Lia (Maria José da Silva) percorrem atentamente as regiões marcadas para não deixarem nenhuma redinha para trás, retiram dos buracos as redinhas que não capturaram caranguejos e soltam as fêmeas capturadas.

Os caranguejeiros que utilizam essa técnica normalmente entram no mangue vestidos com calça e blusa de manga comprida, e não passam óleo diesel no corpo para espantar os insetos. Preferem trabalhar nas áreas de "mangue de areia", onde a lama quase não atola e a locomoção é mais fácil. A maior parte dos caranguejeiros de Vitória são homens, mas existem duas mulheres que trabalham junto aos seus maridos utilizando as redinhas para a captura dos caranguejos. Uma delas é dona Lia, registrada nestas pranchas.

Foto 1 - Manel prepara as redinhas antes de sair para o mangue.
"*Ilha do Meio*", 25 de fevereiro de 1997, 32 – 28.

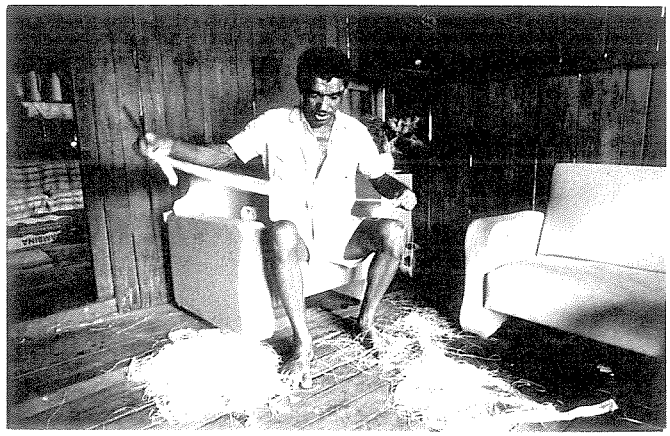
Foto 2 - Manel e dona Lia partem de sua casa em direção ao manguezal.
"*Ilha do Meio*", 25 de fevereiro de 1997, 32 – 35.

Fotos 3 e 4 - Manel e dona Lia colocam as redinhas nos buracos dos caranguejos.
"*Mangue da Margarida*", 25 de fevereiro de 1997, 32 – 10 e 34 – 30.

Fotos 5 e 6 - As árvores são marcadas para que no dia seguinte possa-se fazer o mesmo percurso e localizar os caranguejos "embolados".
"*Mangue da Margarida*", 25 de fevereiro de 1997, 33 – 17 e 34 – 1.

Foto 7 - Forma como a redinha é colocada no buraco. Ela é fixada na lama com dois pedaços de galhos ou raízes cortados das árvores do mangue e enfiada para dentro do buraco. Quando o caranguejo sai, se embola nos fios de nylon.
"*Mangue da Margarida*", 25 de fevereiro de 1997, 32 – 44.

Foto 8 - Num dia chuvoso, após colocar as redinhas, eles voltam para casa.
"*Canal das Três Barras*", 25 de fevereiro de 1997, 34 – 13.



1

2

3

4

5

6

7

8

CAPTURA COM REDINHA II
(Prancha 28)

Foto 9 - Em casa, após o almoço, Manel dorme enquanto os filhos assistem TV.
"*Ilha do Meio*", 26 de fevereiro de 1997, 37 – 16a.

Foto 10 - No dia seguinte, os caranguejos encontram-se "embolados" nas redinhas.
"*Mangue do Rodrigo*", 29 de janeiro de 1997, 9 – 2.

Foto 11 - Dona Lia leva o seu filho Douglas para ajudá-la a carregar o saco com os caranguejos.
"*Esteiro dos Ossos*", 26 de fevereiro de 1997, 35 – 33.

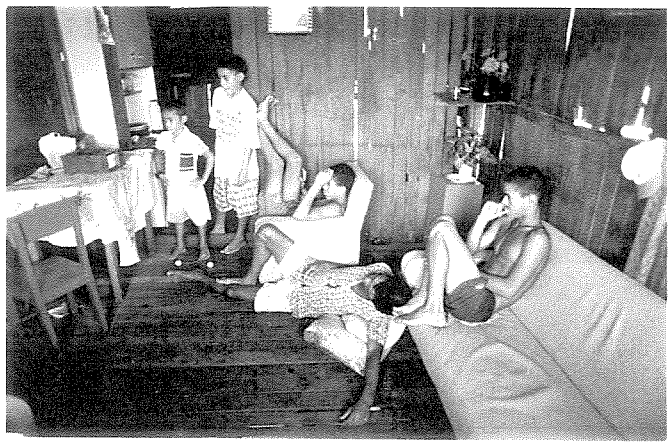
Foto 12 - Dona Lia coloca os caranguejos recolhidos no saco que o seu filho carrega.
"*Mangue da Margarida*", 26 de fevereiro de 1997, 36 – 18.

Foto 13 - Detalhe de uma fêmea sendo libertada da redinha. Muitos caranguejeiros não soltam as fêmeas e os caranguejos pequenos que são capturados. Isso está contribuindo para uma diminuição da população dos caranguejos.
"*Mangue da Margarida*", 26 de fevereiro de 1997, 36 – 2a.

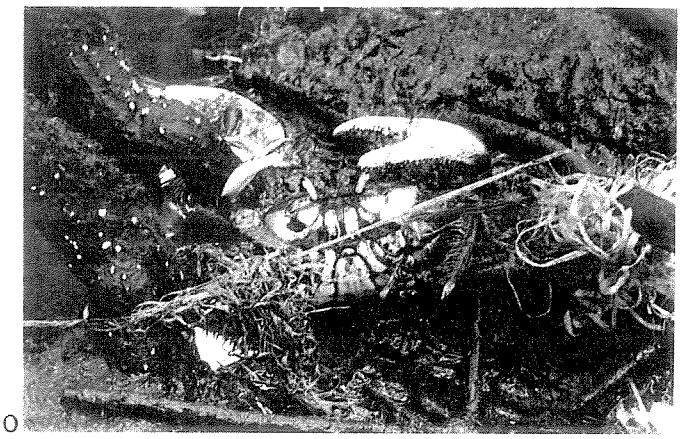
Foto 14 - Detalhe de uma redinha que não tinha capturado caranguejo e foi retirada do buraco, evitando assim que o caranguejo possa embolar-se posteriormente e morrer Normalmente elas são retiradas e jogadas na lama do mangue ou em cima das raízes.
"*Mangue da Margarida*", 26 de fevereiro de 1997, 37 – 32a.

Foto 15 - Dona Lia e Douglas chegam primeiro ao bote e logo após chega o Manel.
"*Esteiro dos Ossos*", 26 de fevereiro de 1997, 37 – 36a.

Foto 16 - Dona Lia limpa as unhas após sair do mangue; em poucos minutos estarão em casa. À tarde, o filho Douglas vai vender os caranguejos que capturaram no Trevo de Goiabeiras.
"*Canal das Três Barras*", 26 de fevereiro de 1997, 37 – 6a.



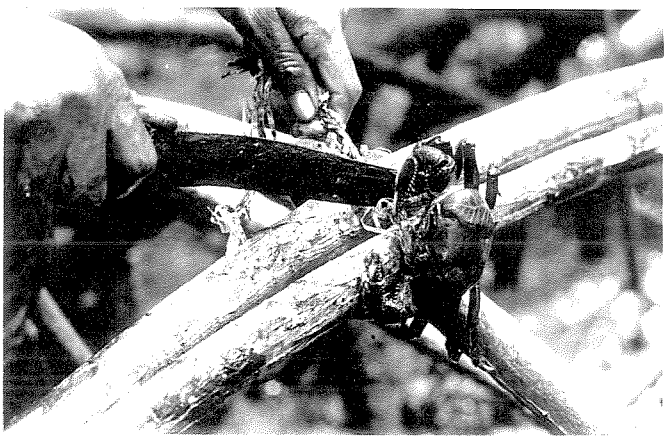
9



10

11

12



13

14

15

16

CAPTURA COM REDINHA III
(Prancha 29)

A redinha foi introduzida no estado do Espírito Santo quase na mesma época em que os atravessadores começaram a invadir o mercado dos caranguejeiros de Vitória: no final da década de 80. Como essa armadilha possibilita uma maior produtividade e os atravessadores pagam pouco pela dúzia de caranguejos, os caranguejeiros cuja produção era comprada pelos atravessadores rapidamente incorporaram essa técnica. Os caranguejeiros passaram a capturar cada vez mais caranguejos, e os atravessadores, a trabalhar, a cada ano, com maiores quantidades. Mas o caranguejo é um animal que deve ser vendido vivo e não pode ser estocado como se estoca batatas. O que acontece muitas vezes é que centenas de caranguejos morrem durante essas transações e são simplesmente jogados fora.

Foto 1 - O grupo de caranguejeiros do Trevo de Goiabeiras, através de informações de uma pessoa que trabalhava com os atravessadores, descobriu o local onde dois atravessadores estavam jogando os caranguejos mortos. Observe a quantidade de caranguejos que foi desperdiçada somente no verão de 1998.

Foto 2 - Note que toda essa safra de caranguejos foi capturada com a redinha.
Terreno baldio no bairro do Civit, Município da Serra, março de 1998. Slides copiados em preto e branco.

1

2

CAPTURA DO CARANGUEJO NA ANDADA I
(Prancha 30)

Durante quase todo o ano, a captura do caranguejo exige grandes deslocamentos no interior da floresta de mangue e o domínio das técnicas de captura. Na época da andada eles ficam mais vulneráveis e fáceis de apanhar, andam por todo mangue e perdem o extinto de defesa e direção, aproximam-se muitas vezes dos bairros que foram construídos sobre o mangue. Esses dias representam para as crianças uma espécie de iniciação. Sozinhos, com os amigos ou com parentes, eles vão para o mangue pegar os caranguejos que estão andando. Sua captura durante a andada vira uma espécie de brincadeira, de divertimento, para pessoas de todas as idades. Nesta seqüência, Índio (Sérgio Fortunado), leva o seu filho, (Romerito Fortunado dos Santos), para apanhar caranguejos no dia da andada. Índio e Romerito vão em uma canoa, e eu e Valdemar vamos em outra. Enquanto Valdemar e Índio entram juntos no mangue, Romerito entra só (eu o acompanho). O seu pai recomenda que ele ande pela beirada do mangue, sem se afastar muito das canoas. Índio não é caranguejeiro, ele trabalha na pesca do siri, mas, no dia da andada, assim como muitas pessoas que exercem outras profissões (não necessariamente ligadas ao manguezal), vai para o mangue capturar caranguejos.

Foto 1 - Índio amarra a canoa no remo fincado na lama, enquanto Romerito se prepara para entrar no mangue.
"*Mangue do Pó-de-Serra*", 10 de fevereiro de 1997, 19 – 19.

Foto 2 - Com o auxílio de um pedaço de pau, Romerito prende um caranguejo contra a lama.
"*Mangue do Pó-de-Serra*", 10 de fevereiro de 1997, 18 – 16.

Foto 3 - Meio sem jeito, ele pega o caranguejo pela ponta da pata e joga-o dentro do saco.
"*Mangue do Pó-de-Serra*", 10 de fevereiro de 1997, 18 – 8.

Foto 4 - Índio chega no bote e chama Romerito. Com o pedaço de pau numa mão e o saco com os caranguejos na outra, ele volta para o barco.
"*Mangue do Pó-de-Serra*", 10 de fevereiro de 1997, 18 – 12.

Foto 5 e 6 - Ao chegar na embarcação, logo entrega o saco com os caranguejos para o pai. Parece que ambos, pai e filho, ficaram orgulhosos pelo resultado da "caçada".
"*Mariuçú*", 10 de fevereiro de 1997, 18 – 14 e 15.

1

2

3

4

5

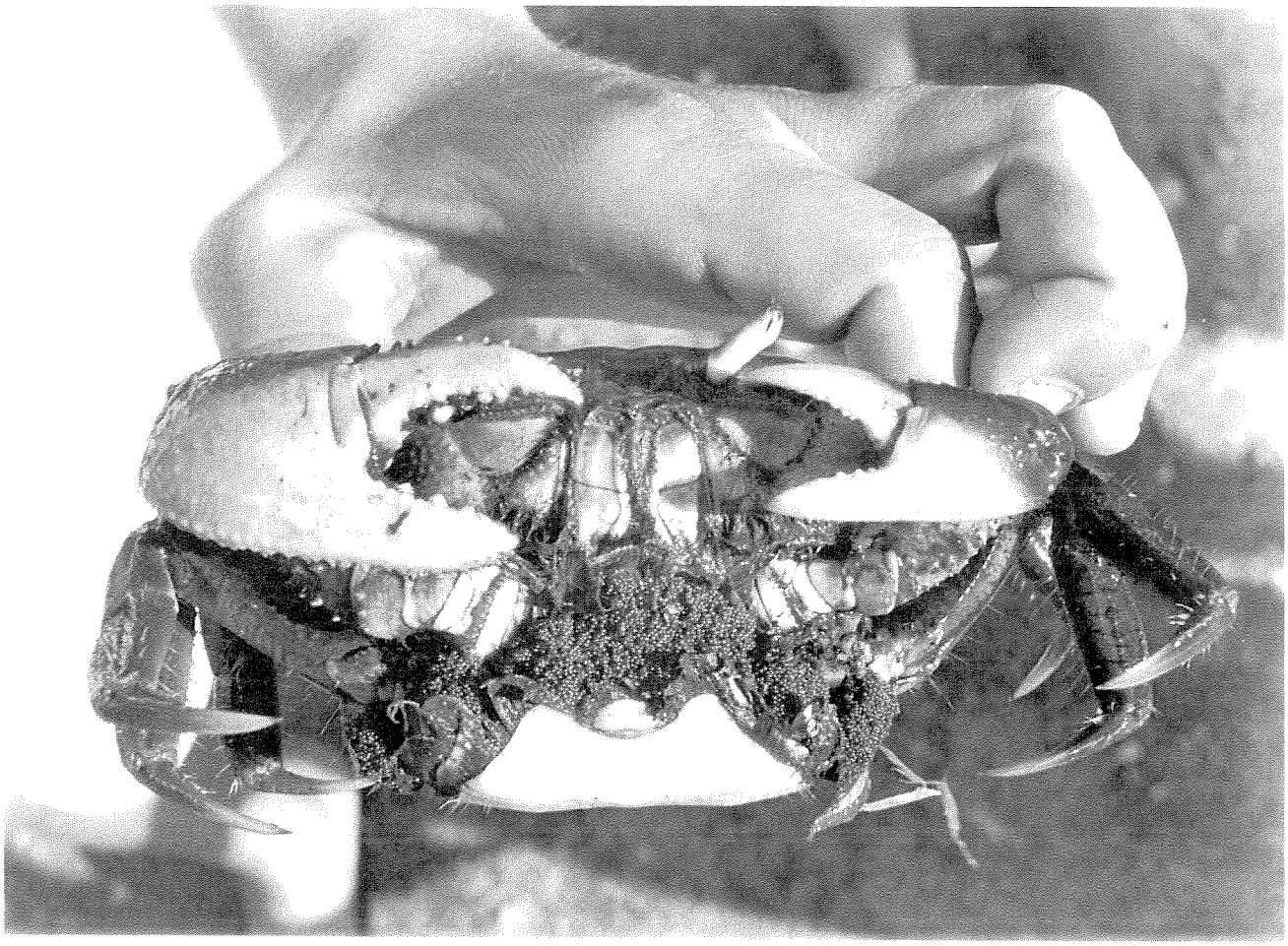
6

CAPTURA DO CARANGUEJO NA ANDADA II
(Prancha 31)

Se por um lado a andada proporciona divertimento para os moradores dos bairros vizinhos ao mangue, por outro, gera um grande impacto no ciclo de vida desses crustáceos. É difícil calcular a quantidade de fêmeas que são capturadas em plena época de reprodução, mas já é possível sentir que a população de caranguejos está diminuindo rapidamente. Os caranguejeiros apontam a captura de fêmeas ovadas e o uso da redinha como os dois principais fatores de diminuição da quantidade de caranguejos no mangue.

Foto 1 - Esta é uma das formas seguras de se pegar um caranguejo, segurando-o pelos lados da cabeça. Dessa forma, as puãs não podem alcançar os dedos e não há risco de se levar uma "mordida". O menino mostra uma "carangueja" que havia capturado. Essas pequenas bolinhas presas ao corpo dela são os ovos.

Foto 2 - Este menino observava os seus amigos pegarem os caranguejos enquanto eu os fotografava. Perguntei a ele porque não pegava também os caranguejos. Ele disse que sua mãe lhe havia proibido, e pediu dois caranguejos emprestados aos colegas para me mostrar que sabia também pegá-los. Note que são duas fêmeas.
Maria Ortiz, 09 de março de 1997, 44 – 20 e 28.



1

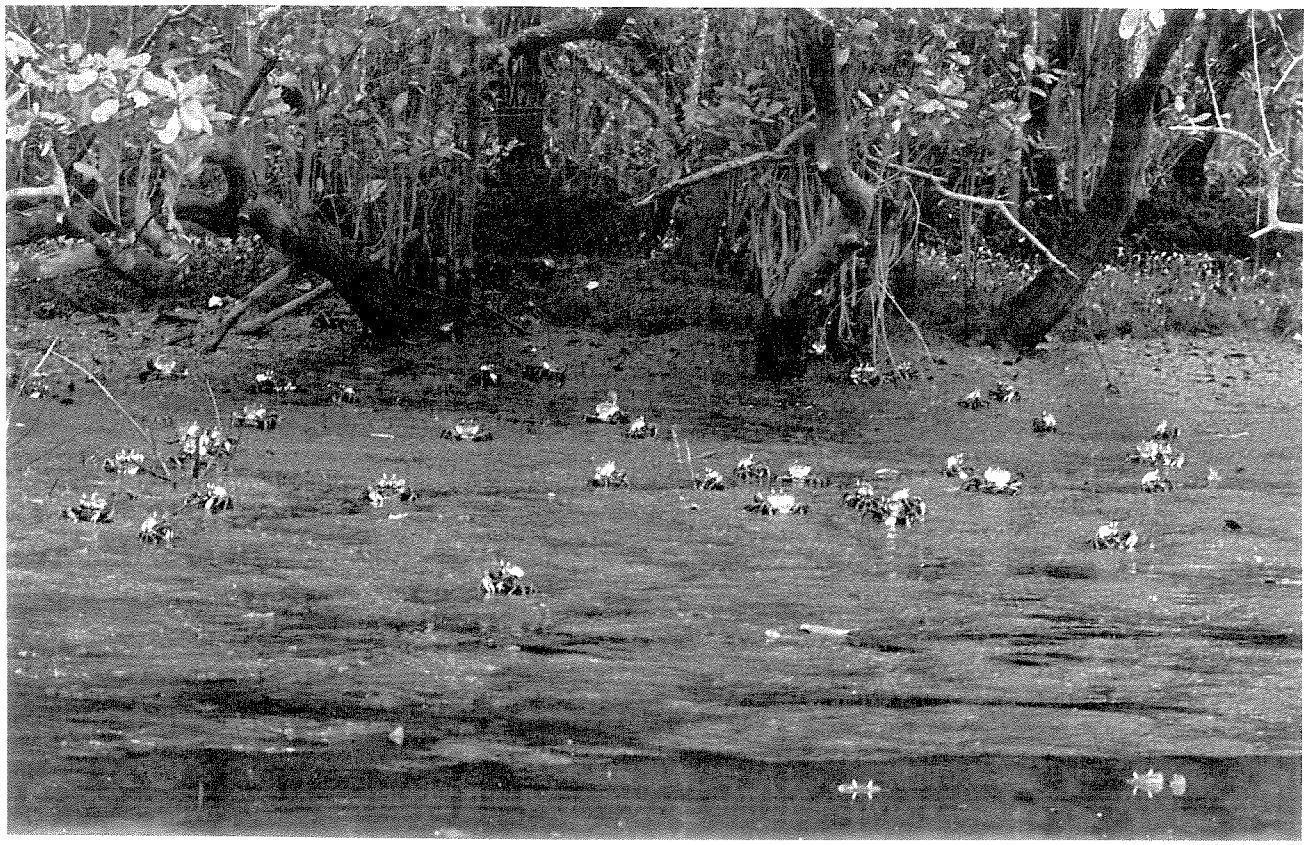
2

CAPTURA DO CARANGUEJO NA ANDADA III
(Prancha 32)

Os caranguejeiros também capturam caranguejos durante a andada. Embora a maior parte deles selecione somente os machos e não pegue as fêmeas, sempre há os que pegam e até comercializam as fêmeas, inclusive as ovadas. A maior parte acha que durante a andada deveriam ser capturados somente os machos, e é quase um consenso que as fêmeas não devem ser capturadas. Existe ainda uma pequena parte dos caranguejeiros que acha que sequer se deveria ir ao mangue nesses dias, pois entendem que, se os caranguejos se reproduzirem livremente, estarão aumentando em quantidade e, dessa forma, haverá mais caranguejos para capturar durante todo o ano.

Foto 1 - No dia da andada das fêmeas, elas procuram as margens dos canais para colocarem os ovos na água.

Foto 2 - No meio das fêmeas sempre existem alguns machos. Sérgio Nascimento Almeida anda pela margem do mangue e captura os machos que encontra pela frente. Note que a beirada dos canais é a parte em que mais atola, ele está afundado na lama até a cintura. "*Canal das Três Barras*", 09 de março de 1997, 41 – 2 e 15.



1

2

O TRANSPORTE DO CARANGUEJO I
(Prancha 33)

Os caranguejeiros que capturaram o caranguejo "no pé" e no "braço" dão cerca de três "entradas" no mangue. A cada entrada, quando já têm uma quantidade satisfatória de caranguejos, eles voltam à canoa para guardá-los. Dessa forma, eles podem descansar um pouco entre uma entrada e outra.

Fotos 1 e 2 - Joel Felix e Antônio Carlos dos Santos (Gringo) retornam para o bote após uma entrada no mangue.

Foto 3 - Após lavarem o saco com os caranguejos, eles caminham para o bote.

Foto 4 - Os caranguejos capturados nessa entrada são colocados em um saco maior e depois guardados na canoa.
"*Mariuçu*", 24 de janeiro de 1997, 4 – 23, 27, 29 e 30.

Fotos 5,6,7 e 8 - Joel e Gringo vendem o caranguejo no Trevo de Goiabeiras. Os caranguejeiros que utilizam esse ponto de venda costumam sair do mangue e ir direto para o comércio. Esse ponto é bastante tradicional em Vitória, e eles têm um grande número de antigos fregueses, especialmente no verão.
Maria Ortiz, 24 de janeiro de 1997, 5 – 28,31 e 35 e "Trevo de Goiabeiras", 24 de janeiro de 1997, 6 – 34.

1

2

3

4

5

6

7

8

TRANSPORTE DO CARANGUEJO II
(Prancha 34)

Estas fotografias foram feitas no dia da andada do caranguejo. Nesses dias costuma-se capturar uma quantidade maior do que em outras épocas.

Foto 1 - Dois sacos contendo aproximadamente 14 dúzias de caranguejos. Essa foi a produção de Genildo (Formiga) no dia da andada.

Foto 2 a 5 - Valdemar das Neves (foto 2) e Valdemir Felix da Silveira (Seu Guarda) [foto 3] transportam a sua produção no dia da andada: cada saco contém cerca de dez dúzias de caranguejos. Os caranguejos podem ser estocados na casa dos caranguejeiros, na sombra, nos próprios sacos em que são trazidos do mangue por até uma semana antes de serem vendidos.
Ilha das Caieiras, "*Bar do Lilico*", 10 de fevereiro de 1997, 21 – 34a, 37a, 39a, 40a, e 38a.

1

2

3

4

5

O comércio

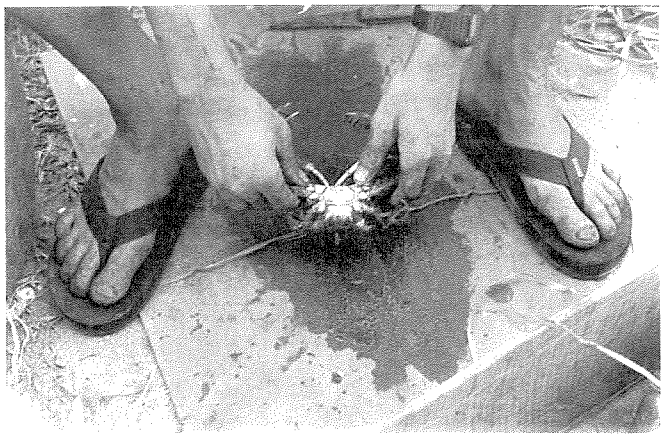
(Pranchas 35 a 43)

AMARRAÇÃO DOS CARANGUEJOS
(Prancha 35)

Até a década de 80, os caranguejeiros da Ilha de Vitória utilizavam a imbira, casca de uma árvore que eles denominam guaximba (*Hibiscus tiliaceus*), para amarrar os caranguejos. Essa árvore é encontrada ao redor do manguezal e sua casca é utilizada para amarrações pelas comunidades tradicionais em praticamente todo o estado do Espírito Santo. Com o aterro e a ocupação de grande parte dos terrenos que circundam o manguezal da Ilha de Vitória, ficou mais difícil encontrar as guaximbas e retirar sua casca. Além da escassez da árvore, a partir da década de 80, as fitas de nylon passaram a ser usadas para amarração dos caranguejos e a imbira foi rapidamente substituída.

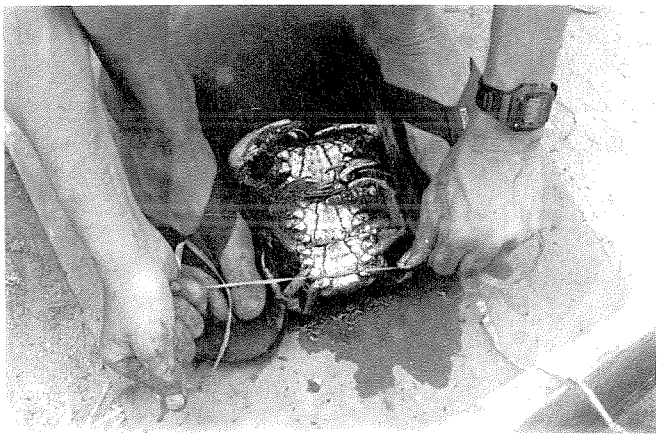
A amarração do caranguejo pode ser feita por uma (mais freqüente) ou duas pessoas. Os caranguejos são amarrados de seis em seis, cada corda (forma como os caranguejeiros chamam os caranguejos amarrados) com seis caranguejos é amarrada a uma outra, totalizando assim uma dúzia de caranguejos. Depois de amarrados, eles são comercializados.

"*Trevo de Goiabeiras*", 24 de janeiro de 1997, 6 – 22,23,24,25 e 27 e 5 – 43.

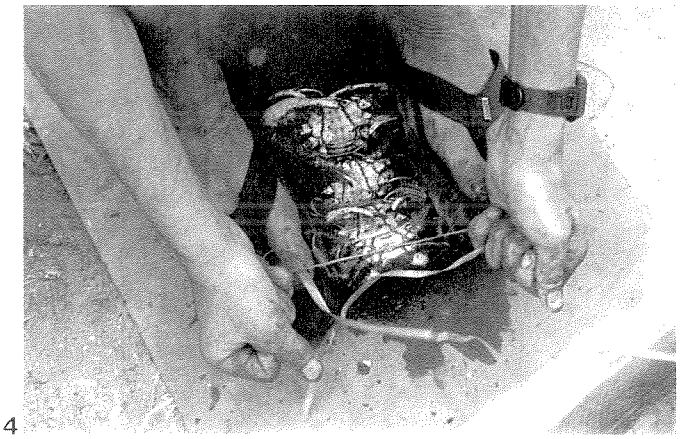


1

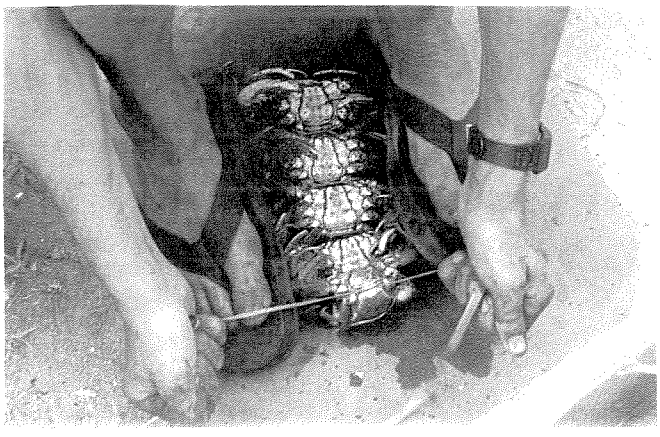
2



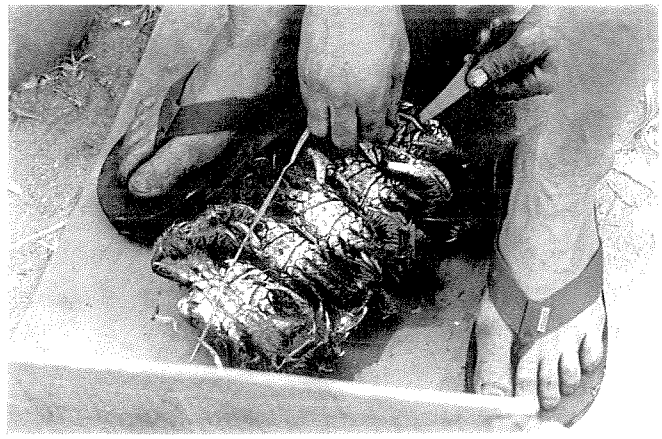
3



4



5



6

COMÉRCIO
(Prancha 36)

A forma como o caranguejo é exposto para a venda varia muito de acordo com o local onde está sendo comercializado. Na Vila Rubim, um dos pontos de comércio de pescado mais antigos de Vitória, eles são colocados diretamente na calçada. Em dias de sol quente, eles são constantemente molhados para que fiquem vivos até o momento da venda. Eles devem ser vendidos vivos, pois depois de mortos, sua carne entra em decomposição em poucas horas, e um freguês atento nunca compra uma corda que tenha um caranguejo morto. Uma boa forma para saber se estão vivos é observar os olhos e as patas: se os caranguejos estão com os olhos levantados e com as patas se mexendo eles estão vivos. Se ainda restar alguma dúvida, basta aproximar o dedo dos seus olhos: se estiverem vivos, eles rapidamente os abaixam.

Mercado da Vila Rubim, 01 de março de 1997, 39 – 2 e Feira de Jardim da Penha, 15 de fevereiro de 1998, 59 – 26a.

1

2

COMÉRCIO NO MERCADO DA VILA RUBIM
(Prancha 37)

Em frente ao mercado da Vila Rubim, ao longo da calçada, nos dias de sábado e domingo, vários caranguejeiros vão vender a produção de sua semana de trabalho. A quantidade que cada um consegue capturar durante a semana varia bastante. Esse ponto de comércio é utilizado principalmente pelos caranguejeiros que moram na região da Grande São Pedro, mas pelo fato de ser um local público - a calçada de uma rua - e desse grupo não ser organizado, os atravessadores começaram também a colocar vendedores nesse local. Essa concorrência fez com que o número de pessoas vendendo caranguejo na Vila Rubim quase dobrasse nos últimos cinco anos. O preço caiu, e cada vez o comércio fica mais concorrido. Na hora da compra o freguês anda ao longo da calçada e observa os caranguejos expostos, os maiores são os preferidos; mesmo que sejam um pouco mais caros. Como o caranguejo trazido pelos atravessadores é maior do que o capturado em Vitória, os caranguejeiros da ilha estão sempre perdendo na concorrência e, para vender o seu produto, têm que abaixar o preço e ganhar cada vez menos. A média do preço nesse local é de R$ 5,00 a dúzia mas, as vezes, eles são obrigados a vender o caranguejo até por R$ 3,00, devido à concorrência com os atravessadores.

Mercado da Vila Rubim, 01 de março de 1997, 39 – 42, 32, e 34.

1

2

3

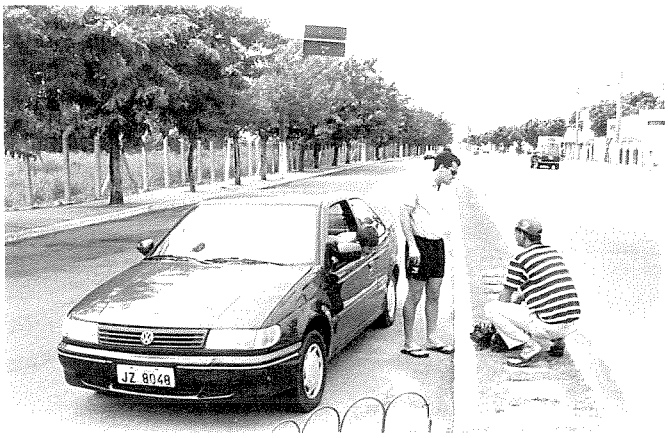
COMÉRCIO NO TREVO DE GOIABEIRAS I
(Prancha 38)

O grupo de caranguejeiros que utiliza o Trevo de Goiabeiras como ponto de venda é o mais organizado de Vitória. São cerca de 26 pessoas (esse número varia de acordo com a época do ano) que fazem um revezamento no qual quem vende caranguejo num dia não pode vender no seguinte. Assim, eles têm durante toda a semana pessoas vendendo caranguejo nesse ponto de comércio. Esse trevo localiza-se no cruzamento de duas grandes avenidas: Adalberto Simão Nader e Fernando Ferrari. O Trevo de Goiabeiras e a Vila Rubim são atualmente os maiores pontos de venda de caranguejo em Vitória; a diferença básica entre os dois locais é que na Vila Rubim os caranguejeiros dividem o ponto com os atravessadores e em Goiabeiras não. "*Nóis que trabalhamos em Goiabeiras, lá ninguém entra não, lá quem manda é a gente mesmo.*" (Breno Silva Lima). Os próprios caranguejeiros não permitiram a entrada dos atravessadores nesse ponto. Os compradores que freqüentam o local têm um poder aquisitivo maior do que os que freqüentam a Vila Rubim; a maior parte deles vai comprar o caranguejo de carro e costumam levar grandes quantidades. O preço que esses caranguejeiros conseguem é também maior, uma dúzia de caranguejos grandes pode ser vendida, no verão, por até R$ 10,00, sendo que o preço médio é R$ 7,00. *"Lá tem união mais aqui não tem"* (Romildo, catador e vendedor de caranguejos na Vila Rubim). Mas os compradores começam a perceber que o caranguejo vendido ali está ficando menor do que o trazido pelos atravessadores, e isso faz com que comecem a comprar o caranguejo em outros pontos de venda, diminuindo assim o movimento de compradores nesse ponto.

Foto 1 - Tinho (Elias Pinto) negocia os caranguejos com um cliente.

Fotos 2 a 5 - Uma vez fechada a negociação, Tinho caminha com o cliente para guardar os caranguejos no carro, eles normalmente são colocados no porta-malas.

Foto 6 - Tinho conta o dinheiro que recebeu e parece feliz com a venda que fez.
Trevo de Goiabeiras, 08 de março de 1998, 73 – 41a, 42a, 43a, 3a, 4a, 7a.



1

2

3

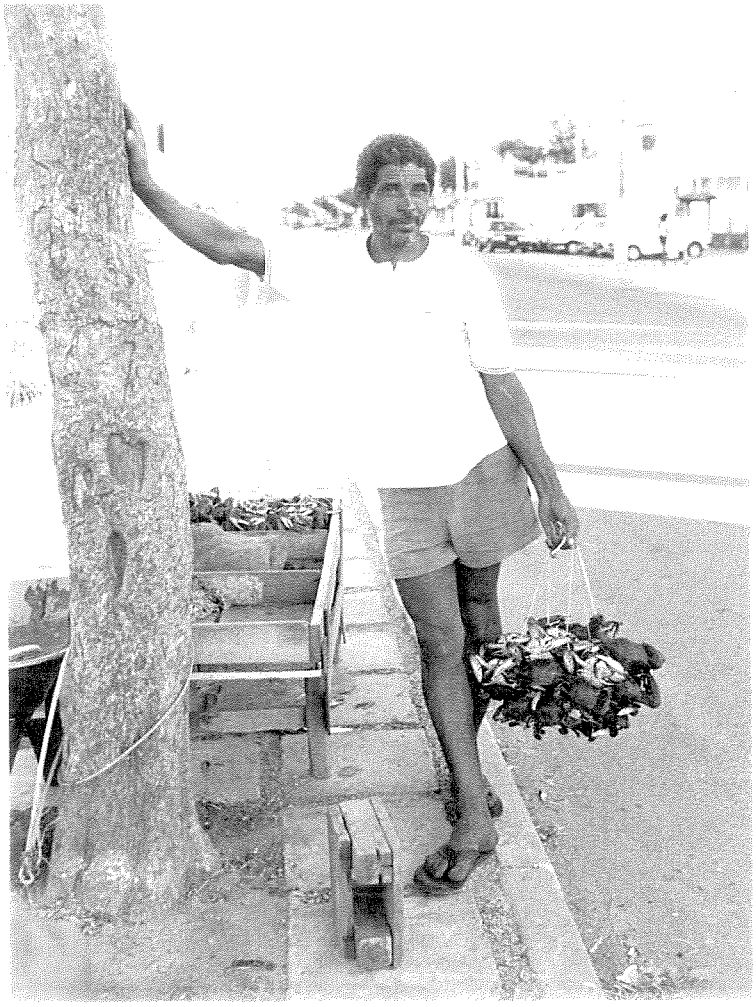
4

5

6

COMÉRCIO NO TREVO DE GIOABEIRAS II
(Prancha 39)

O siri-açu é comercializado durante quase todo o ano mas no inverno, época em que o caranguejo é mais difícil de ser encontrado no mangue, muitos caranguejeiros preferem trabalhar somente com a captura do siri. Esse siri tem um valor comercial maior do que o caranguejo. Enquanto uma dúzia de caranguejos é vendida, nesse ponto, por R$ 7,00 a de siri é vendida por R$ 15,00, ou seja, mais que o dobro do preço. Mas ele é mais caro exatamente porque é mais difícil de ser encontrado. Sua captura exige o conhecimento do seu comportamento e muita astúcia. Nas fotografias, Darci Francisco de Jesus espera a chegada de um freguês no Trevo de Goiabeiras.
Trevo de Goiabeiras, 27 de janeiro de 1998, 46 – 43 e 41.



1

2

COMÉRCIO NA FEIRA DE JARDIM DA PENHA I
(Prancha 40)

Todos os sábados, Bino (Benedito da Silva) vende os caranguejos que capturou durante a semana na Feira de Jardim da Penha. Nas fotos, um comprador examina atentamente os caranguejos amarrados para ver se todos estão vivos e conferir também o seu tamanho. Os caranguejeiros costumam amarrar os caranguejos maiores na frente da corda e os menores no meio; assim, ao olhar a corda temos a impressão de serem todos grandes, é preciso examinar com atenção para descobrir que cordas têm mais caranguejos grandes.

Feira de Jardim da Penha, 07 de fevereiro de 1998, 50 – 9, 11 e 13.

1

2

3

COMÉRCIO NA FEIRA DE JARDIM DA PENHA II
(Prancha 41)

Janira Custódia de Souza divide com Bino o ponto de venda da Feira de Jardim da Penha. Ela compra os caranguejos em São Mateus para vendê-los na Grande Vitória. Na foto 1 o casal está comprando uma grande quantidade de caranguejos (sete dúzias). Isso é muito comum em Vitória, especialmente no verão, quando grupos de amigos ou parentes reúnem-se para fazer as tradicionais caranguejadas. Um apreciador de caranguejos pode comer, em uma refeição, até uma dúzia desses crustáceos. Depois de comprar os caranguejos, o casal contrata um menino que vai carregá-los num carrinho de mão até o carro, onde são guardados no porta-malas dentro de uma caixa de papelão.

Feira de Jardim da Penha, 08 de fevereiro de 1997, 12 – 5,7 e 16.

1

2

3

COMÉRCIO NA FEIRA DE GURIJICA E NA FEIRA DO ARIBIRI

(Prancha 42)

Foto 1 - Aristides Lula vende caranguejos na Feira de Gurijica há 30 anos. Além dos caranguejos que captura, ele compra a produção da semana de alguns caranguejeiros do bairro de Resistência para revender na feira aos domingos. Na foto 1, a senhora e a moça estão em dúvida em relação a qual das cordas levar. É comum os compradores ficarem bastante tempo examinando as cordas antes de escolherem a que vão levar.

Foto 2 - Seu Ormando Silva, o senhor que aparece do lado direito da foto, é um dos caranguejeiros mais antigos de Vitória. Ele não trabalha mais no mangue por causa de um problema que teve na perna. Ao seu lado estão seu filho, Carlos César Pires Silva (Carlinhos) e sua neta. Seu Ormando vende, aos domingos na feira do Aribiri, os caranguejos que o filho captura durante a semana. Às vezes Carlinhos vai com ele para a feira, outras ele vai sozinho. Para chegarem à feira, que fica no município de Vila Velha, eles têm que pegar dois ônibus e carregar dois sacos cheios de caranguejos.

Feira de Gurijica, 15 de março de 1998, 60 – 31 e Feira do Aribiri, 01 de março de 1997, 39 – 15.

1

2

COMÉRCIO REALIZADO POR ATRAVESSADORES
(Prancha 43)

Foto 1 - A maior parte dos caranguejos trazidos pelos atravessadores vem dos manguezais de São Mateus, no norte do Espírito Santo. Em diversos pontos da cidade existem vendedores que trabalham para esses atravessadores. Este ponto de venda, localizado em frente ao Clube dos Oficiais da Polícia Militar, na Praia de Camburi, é um dos mais movimentados.
Praia de Camburi, calçada do Clube dos Oficiais, 08 de fevereiro de 1998, 51 – 11.

Foto 2 - Josemar Tomaz traz do manguezal do Nativo, em São Mateus, de 600 a 700 dúzias de caranguejo por semana para serem vendidas no mercado da Grande Vitória. Ele e outras pessoas da família trabalham na cata do caranguejo e ainda compram a produção de alguns caranguejeiros da região.
Jardim da Penha, 08 de fevereiro de 1997, 13 – 19.

1

2

"É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo pode ser a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções."

Boris Kossoy

CAPÍTULO 04:
NARRATIVA VISUAL

Nos capítulos anteriores, procuramos, nos moldes metodológicos de *Balinese Character*, tanto proporcionar ao leitor uma melhor compreensão da ocupação progressiva dos manguezais do município de Vitória, como fazê-lo mergulhar nas atividades que os argonautas do mangue neles desenvolviam. Para tanto nos valemos - após a seleção das temáticas que nos pareciam as mais relevantes, feita a partir das 3600 fotografias realizadas -, tanto da *escrita* como da *fotografia*, tanto de *palavras* como de *imagens,* num movimento circular de revezamento heurístico: as imagens, mais chamativas num primeiro momento, nos remetendo na maioria dos casos aos textos, e os textos, por sua vez, tendo como função, geralmente, a indução necessária para apontar detalhes nas imagens observadas.

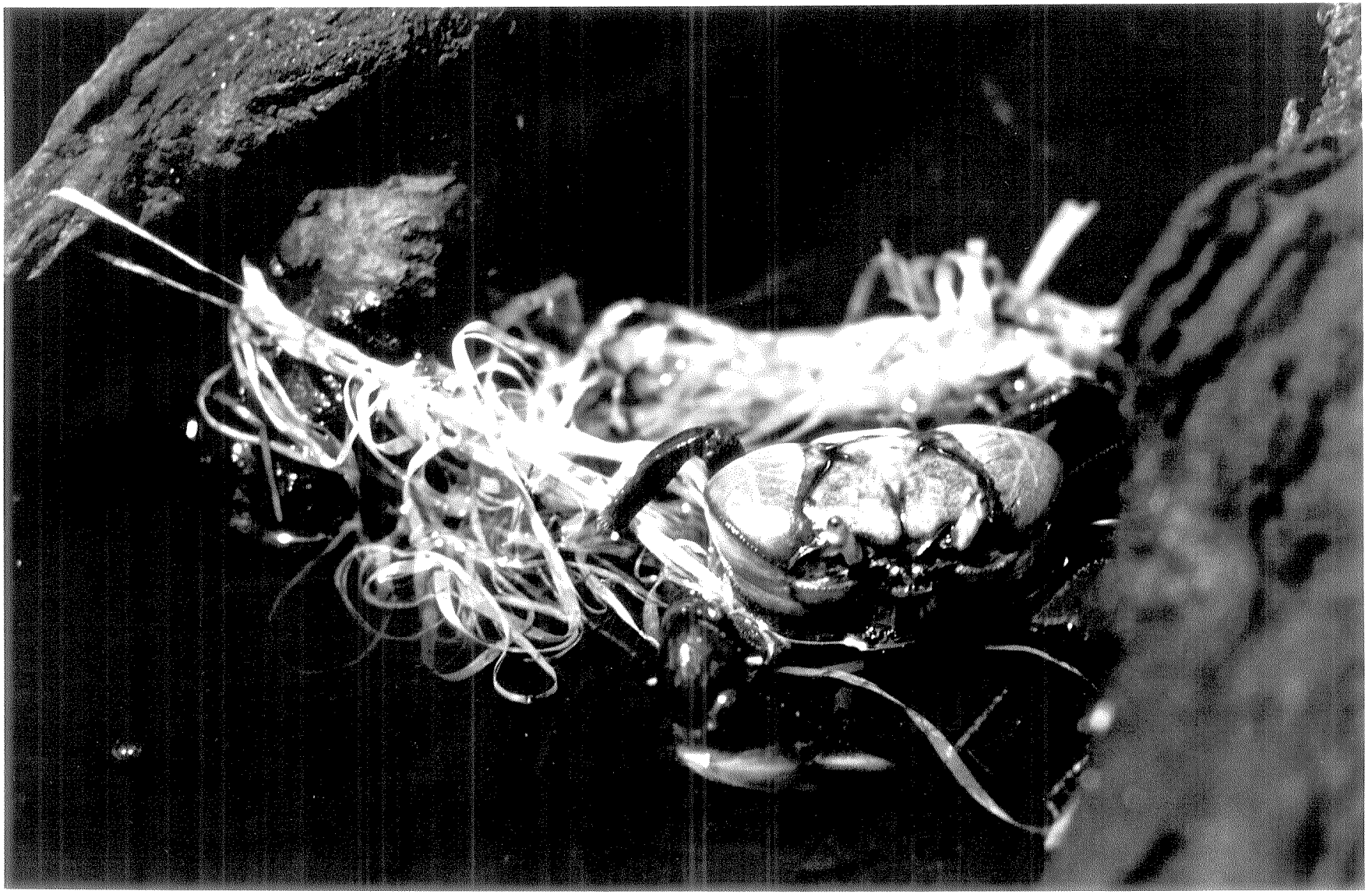
Ao longo de todo este trabalho, colocou-se, dessa maneira, a questão das relações e das singularidades existentes entre os suportes verbais e visuais na constituição de uma antropologia visual.

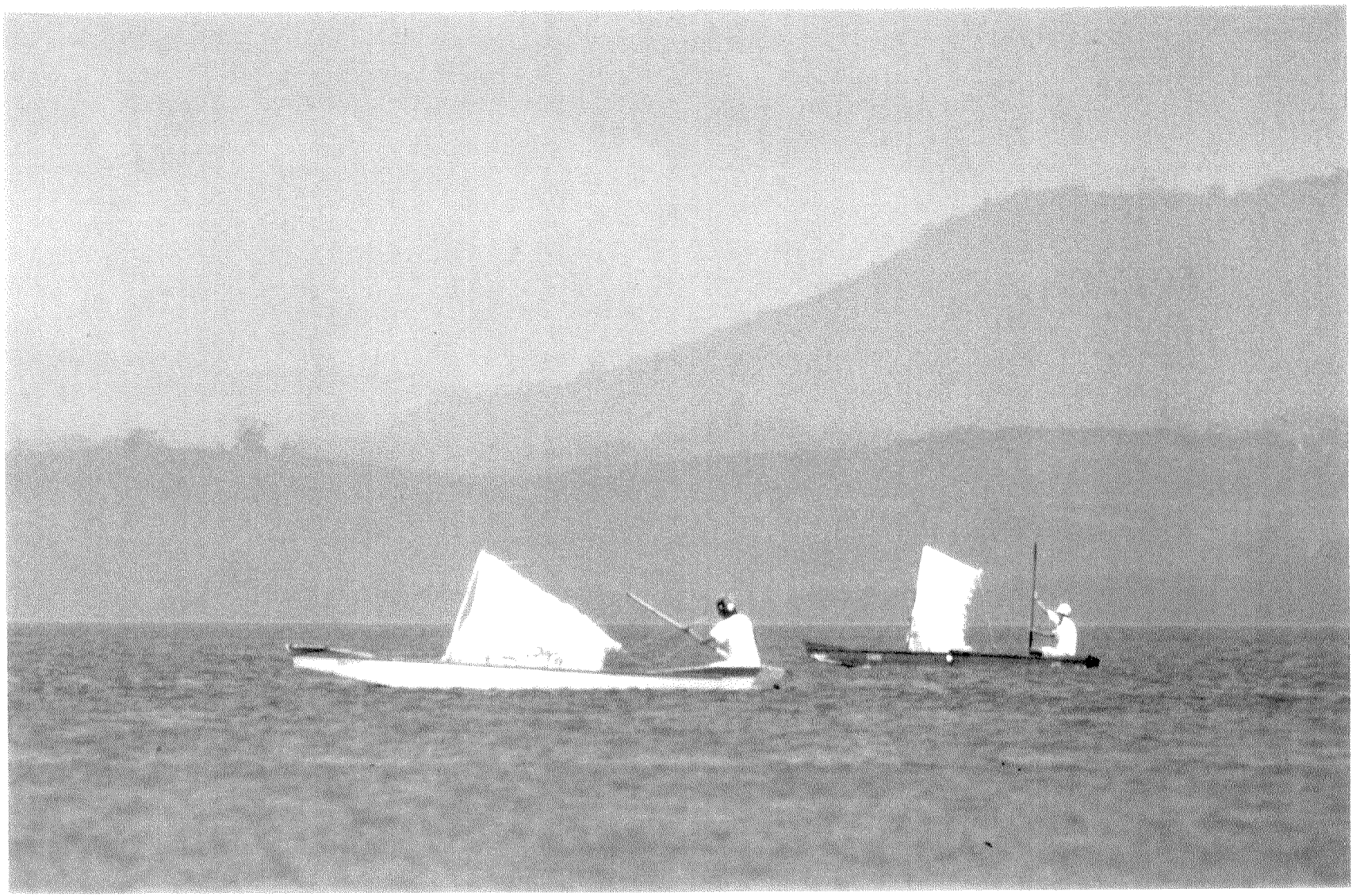
Poderíamos nos perguntar agora o que viria a ser esta pesquisa se tivéssemos desvinculado os textos e as legendas dos conjuntos de fotografias que os acompanhavam em cada uma de nossas pranchas. Em termos mais simples, o que viria a sugerir uma prancha, ora "mascarando todos os nossos comentários descritivos", ora "ocultando as fotografias que lhes fazem face"? Nesta ordem de raciocínio, se podemos criticar algumas das interpretações psicologizantes presentes em *Balinese Character*, devemos a Bateson e à Mead este modelo, particularmente inovador, de *apresentação* de fatos culturais dificilmente exploráveis através da simples descrição verbal.

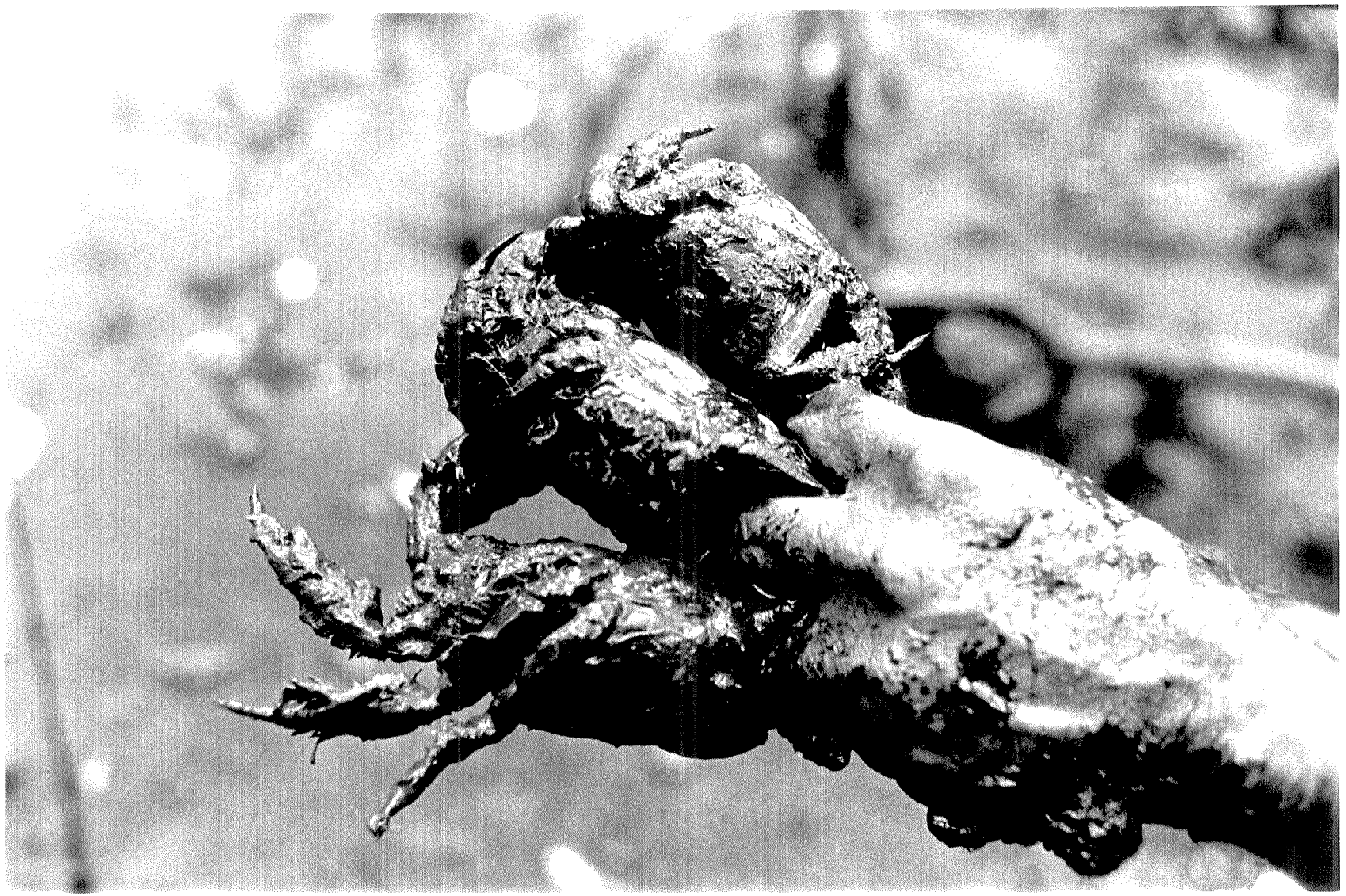
Quanto às relações, sempre múltiplas e necessárias, existentes entre o verbal e o visual, podemos retomar o que Gombrich escreveu em *A ecologia das imagens*: "A significação de uma imagem permanece grandemente tributária da experiência e do saber que a pessoa que a contempla adquiriu anteriormente. Com relação a isso, a imagem visual não é uma simples representação da 'realidade', e sim um sistema simbólico"[83]. Concordaríamos totalmente com ele, quando acrescenta: "Se considerarmos a comunicação do ponto de vista privilegiado da linguagem, há de se perguntar, primeiro, qual, entre essas funções (expressar, despertar, descrever) poderá assumir a imagem visual? Vamos descobrir que a imagem visual é sem igual no que diz respeito à sua capacidade de *despertar*, que sua utilização para fins *expressivos* é problemática, e que reduzida a *si mesma*, a possibilidade de se igualar à função enunciativa lhe falta radicalmente"[84].

Dito isto, pretende-se neste capítulo 4 ir mais adiante do que Bateson e Mead, e até questionar Gombrich, oferecendo ao leitor não um "apêndice" deste trabalho, mas sim uma outra maneira de repensá-lo. Essa "simples" narrativa visual se constitui em um conjunto de 25 fotografias, apresentadas num formato maior (15X21), em página inteira, retomando - sem nenhuma legenda - o percurso *descritivo-visual*, que tínhamos delineado até agora através das pranchas. Isso propicia ao leitor, deste modo, a oportunidade de reencontrar, à sua maneira, o seu *imaginário* pessoal e coletivo, dando-lhe a chance de poder escavar novamente as camadas vivas dos manguezais que percorrem, ainda hoje, os argonautas do mangue.

[83] GOMBRICH, Ersnt. *L'Écologie des images*. Paris: Flammarion, 1983, p. 323.
[84] *Ibid.*, p. 324. Sobre essas considerações, ver o artigo crítico de Sébastien Darbon "O Etnológo e suas imagens". In *O Fotográfico* (org. Etienne Samain), São Paulo: Hucitec, 1998, pp. 101-111, e de Sylvia Caiuby Novaes, "O Uso da imagem na antropologia", in *Ibid.*, pp. 113-119.







MONZA SL/E

CASA RUIM
FRAGA M
C EDIÁRIO
4692

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem duas dimensões que merecem considerações neste trabalho. A primeira diz respeito à utilização da fotografia como instrumento de pesquisa e à incorporação da metodologia proposta por Margaret Mead e Gregory Bateson em *Balinese Character*. A segunda diz respeito às impressões que tenho, após dois anos e meio de pesquisa, sobre o grupo de caranguejeiros que me acolheu.

A - COM RELAÇÃO À UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA

Assim como a transformação de notas de campo em um texto final exige uma elaboração intelectual dos dados, a fotografia, para transmitir o que está se vendo e o que se sente no momento do clique exige uma elaboração plástica do tema enfocado. Se não existir uma coerência mínima na organização dos elementos que compõem a imagem, o leitor simplesmente não vai entender a mensagem que se quis com ela transmitir. E essa fotografia será, conseqüentemente, mais uma daquelas que deverá ser explicada para que possa ser entendida. Existem elementos básicos da linguagem fotográfica que devem ser minimamente conhecidos por quem pretende se aventurar a foto-grafar, ou seja, escrever com a luz. Além de organizar os elementos que compõem a imagem no momento do seu registro, o processo de edição das melhores imagens é quase tão importante quanto a sua tomada. As fotos escolhidas têm que transmitir, com clareza, o que se estava enfocando no momento do clique.

Ao tentarmos descrever determinados aspectos do comportamento com as fotografias, temos que tomar muito cuidado: a fotografia registra, muitas vezes de uma

forma mais eficiente[85] do que o texto os aspectos materiais (o que pode ser visto, tocado), mas não pode registrar o significado que os objetos ou os gestos representam no imaginário de quem os observa. Uma canoa pode ser fotografada. Ela estará materializada na fotografia. Mas não o que ela representa para o seu dono, todas as histórias nas quais esteve envolvida, enfim, o seu conteúdo simbólico, pois este não pode ser registrado por meio da imagem. Uma forma eficiente de descobrir e captar esse universo simbólico que está por trás dos objetos materiais e dos gestos consiste em apresentar para o grupo estudado as fotografias e gravar os comentários feitos a partir delas. Uma associação posterior dessas imagens com a transcrição dos comentários sobre as mesmas feitos pelos sujeitos pesquisados, pode suscitar uma interpretação *densa* da cultura no sentido de Clifford Geertz.

A fotografia, especialmente quando é utilizada nas ciências sociais, mais do que um recorte da realidade, representa a forma como uma pessoa olha para o mundo e se relaciona com ele. Ela expressa, de certa forma, a mediação do pesquisador com o grupo pesquisado; são seres humanos que se relacionaram (ou não) naqueles momentos e durante aquela pesquisa. Para fotografar uma cena, o pesquisador teve necessariamente que estar lá, teve que vivenciar o dia-a-dia e conviver com aquelas pessoas, e, nesses momentos, de nada vale um título acadêmico. Somos apenas - e temos que ser por completo - seres humanos que convivem em um determinado tempo-espaço e seremos reconhecidos pelo que representamos humanamente naquele momento para aquelas pessoas.

Dito isto, voltemos à *Balinese Character*. Se, por um lado, faltaram nesta obra as impressões, comentários e aprovações dos balineses sobre os aspectos enfocados por Bateson e Mead, as interpretações que os autores fazem das fotografias muitas vezes partem mais dos seus pressupostos teóricos do que da forma através da qual os balineses pensavam sua própria cultura; por outro lado eles acertaram na forma como decidiram expor os seus dados. Na verdade, essa parece ter sido a grande virtude da

[85] A eficiência de uma fotografia vai depender de vários fatores: no caso de etnografias visuais, como esta, o mais importante é, sem dúvida, o envolvimento do fotógrafo com as pessoas que está fotografando. Se há um consentimento por parte do grupo pesquisado a chance de surgirem belas imagens é grande. Existe um outro fator, talvez tão importante quanto o primeiro: o domínio da técnica fotográfica. De nada adianta observar um fato importante que acontece em determinado momento e não possuir os meios técnicos para registrá-lo, materializá-lo numa emulsão fotográfica. Para se escrever corretamente em qualquer língua é necessário conhecer a gramática. Para escrever com a luz não é diferente. Existe uma gramática, regras básicas porém fundamentais, que devem ser aprendidas para que se possa apreender determinadas cenas. Sobre esse conceito de fotografia eficiente ver GURAN, Milton. "A 'fotografia eficiente' e as Ciências Sociais". In *Ensaios sobre o fotográfico*. (Org. Luiz E. R. Achutti). Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1998, p.87-99.

obra: a sua forma de organização dos dados e de apresentação, e foi exatamente tal proposta que utilizei para apresentar meus próprios dados nesta dissertação.

B - COM RELAÇÃO AOS CARANGUEJEIROS

Se os caranguejeiros mais antigos possuem valores e uma ética que conciliam uma utilização aliada à conservação do manguezal, infelizmente - e assim como vem acontecendo em diversos outros segmentos de nossa sociedade - esses valores não são mais compartilhados pelo grupo inteiro. Ao invés das técnicas de captura seletivas, segundo as quais só se apanham os caranguejos grandes e machos, hoje utilizam-se técnicas predatórias, que visam uma maior produtividade mas que, no entanto, causam um imenso desequilíbrio no ciclo de vida desses crustáceos. Esse desequilíbrio ambiental está se refletindo diretamente no bolso dos próprios caranguejeiros. Hoje não é mais possível ganhar uma quantia equivalente à que se ganhava há dez anos com a cata do caranguejo, e isso tem gerado um série de conflitos dentro do grupo.

É interessante notar que grande parte dos caranguejeiros trabalham ou já trabalharam como empregados. Para a maioria, o trabalho assalariado possibilita uma maior segurança em relação aos direitos trabalhistas, e lhes permite uma renda fixa. Porém, a maior parte dos caranguejeiros não possui nem o primeiro grau completo. São portanto profissionais desqualificados para o mercado de trabalho. O salário que conseguem, especialmente no verão, é menor do que a renda que obtêm no manguezal, e isso faz com que prefiram trabalhar no mangue a trabalhar como empregados: "*Se eu tivesse um serviço que eu ganhasse 300, 400 contos é claro que eu preferia trabalhar de empregado" (Elias Machado Rangel - Véio). "O salário que os cumpadres pagam aí não dá pro cara que tem filho igual a gente sobreviver*" (Juarez Alves de Souza - Zorro).

Além da questão financeira, para muitos, o fato de estarem subordinados a um patrão e terem de cumprir um horário fixo e uma rotina de trabalho assalariado faz com que abram mão dos empregos e optem por continuar a trabalhar no mangue, onde têm uma maior liberdade para escolher o ritmo e o modo através do qual vão obter o seu sustento material. "*Eu optei por isso aí porque eu não sou mandado*" (José Belarmino da Vitória, Zé Bau). Se por um lado a atividade de caranguejeiro proporciona uma maior liberdade, por outro traz também muita instabilidade *"Aqui você trabalha, trabalha mas nunca tem um futuro certo"* (Breno Silva Lima). Eles não são cadastrados enquanto caranguejeiros nos órgãos oficiais, não existem para a sociedade enquanto profissionais

regularizados, não têm acesso aos direitos trabalhistas, em muitos casos não tendo nem mesmo uma carteira de identidade.

Sinto que a forma como foi conduzida esta pesquisa, de alguma forma, pode ter ajudado esse grupo a repensar a questão da sua identidade. Foram muitos os momentos de debate com o grupo ou com as suas lideranças. A forma como a fotografia foi utilizada nesta pesquisa, especialmente pelo fato de que as fotos foram sempre retornadas e discutidas com os caranguejeiros, pode ter sido um estímulo para um movimento de organização desse grupo, que culminou, em 25 de março de 1998, na criação de uma associação dos caranguejeiros. Sinto que hoje o grupo possui uma maior coesão, embora esteja cercado de problemas como vimos ao longo desta dissertação. Eles têm pelo menos uma maior consciência de sua identidade e lutam para preservá-la, lutando também para conservar o manguezal e os caranguejos, a fonte de seu sustento. Todos os caranguejeiros retratados no mosaico apresentado no início deste trabalho têm cópias de seus retratos. Essas fotografias - 3x4 cm, como as utilizadas nas carteiras de identidade - provavelmente estarão coladas, num futuro próximo, nos documentos através dos quais estes caranguejeiros irão se cadastrar no IBAMA e em outras instâncias oficiais. Dessa forma, eles passarão a ter os direitos e deveres de cidadãos que se propõem a retirar, em pleno final do século XX, não somente o seu sustento material mas também a sua dignidade do manguezal.

BIBLIOGRAFIA

ESTUDOS SOBRE MANGUEZAIS:

ANDRADE, Julieta. *Folclore na região do Salgado, Pará: teredos na alimentação.* São Paulo: Escola de Folclore, 1983.

ASSIS, Wellington; e *alii. História e Histórias da Ilha das Caieiras.* Vitória, 1994.

CORDELL, J. "The lunar-tide fishing cycle in northeastern Brasil". In *Ethnnology*, v.13, nº 4, 1974, pp. 379-392.

CUNHA, E. S. "Contribuição da aerofotogrametria na pesquisa dos sambaquis de Vitória (Espírito Santo)". In *Revista Brasileira de Geografia*, 1968, pp. 117-119.

FARIA, Willis & Zippinotti, Eber. *Manguezais: florestas de estuários.* Vitória: Departamento de Imprensa Oficial, 1985.

GRASSO, Monica. Avaliação econômica do ecossistema manguezal: complexo estuarino-lagunar de Cananéia, um estudo de caso. Tese de mestrado, São Paulo: Instituto Oceanográfico USP, 1994 (não publicada).

HALANO, Lúcia & MACEDO, Sérgio. "*Entre a terra e o mar*". In *Super Interessante*, N° 5, Maio de 1992.

HERZ, Renato. *Manguezais do Brasil.* São Paulo: Instituto Oceanográfico USP - CIRM, 1991.

KLONOWSKI, Vicente. *"Moluscos: uma riqueza brasileira"*, In *Ecologia e Desenvolvimento*, Ano 3, N° 40, Junho de 1994.

LUCENA, Marconi. "*Os homens do caranguejo*", in *Horizonte Geográfico*, vol. 4, nº 18, 1991, pp. 28-36.

"Manguezais: Sistemas Abertos", in *Ecologia e Desenvolvimento*, Ano 2, N° 27, Maio de 1993.

MARQUES, José G. W. "*Etnoecologia, educação ambiental e superação da pobreza em áreas de manguezais*". In *Anais do I Encontro Nacional de Educação Ambiental em Áreas de Manguezais*. Salvador: Pró-reitoria de Extensão da UFBA, 1993.

MYERS, Norman (ed.). "Ocean, Gaia", in *An Atlas of Planets Management*. Garden City, NY: Anchor Press, 1984, pp.74-75.

NASCIMENTO, Solange A. *Biologia do Caranguejo-uçá* (Ucides cordatus). Aracaju: ADEMA, 1993.

NORDI, Nivaldo. *Os catadores de caranguejo-uçá (Ucides cordatus) da região de Várzea Nova (PB): uma abordagem ecológica e social.* Tese de doutorado apresentada na Universidade Federal de São Carlos, 1992 (não publicada).

NOVAES, Marcelo. *"Catadores de Caranguejo: A dura batalha na lama"*, In *Ecologia e Desenvolvimento*, Ano 3, N° 41, Julho de 1994.

PEROTA, Celso. "O sítio arqueológico Campus" 2. In *Revista Cultura* - UFES, Vitória, 3(1-2), 1972, pp. 39-45.

PEROTA, C.; BOTELHO, W. C. & DE MARCHI, J. "Evolução da paisagem e transição cultural - Estudos de arqueologia no litoral do Estado do Espírito Santo". In *Anais do Congresso da Associação Brasileira de Estudos do Quaternário*: Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1987.

SAENGER, P.; HENGEL, E. J. & DAVIE, J. D. S. Global status of mangrove ecosystems. The Environmentalist, 3(Supl. 3), 1983, pp. 1-88.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. *Manguezais brasileiros: uma bibliografia (1614 -1986)*. São Paulo: Instituto Oceanográfico USP/Superintendência do Desenvolvimento do Litoral Paulista, 1986.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. *Manguezais Brasileiros*. São Paulo: Instituto Oceanográfico USP, 1991.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. & CINTRÓN, G. *Guia para estudo de áreas de manguezal: estrutura, função e flora*. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1986.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. e *alii. Perfil dos ecossistemas litorâneos brasileiros, com especial ênfase sobre o ecossistema manguezal*. São Paulo: Publicação especial do Instituto Oceanográfico USP, 1989.

SCHAEFFER-NOVELLI, Y. e *alii. Manguezal: ecossistema entre a terra e o mar*. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995.

VALE, Cláudia C. *Homens e Caranguejos: Uma Contribuição Geográfica ao Estudo dos Manguezais da Baia de Vitória (ES) como Fonte de Alimento*. Monografia apresentada ao Departamento de Geociências da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1992 (não publicada).

VANNUCCI, Marta, "Senso de Responsabilidade e Dever". In *Ciência Hoje*, Volume 16, N° 93, Agosto de 1993.

VERGARA, Waldemar Filho. *Manguezal em Cordéis*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Sub-Reitoria para assuntos comunitários, 1994.

SOBRE A OCUPAÇÃO DOS MANGUEZAIS DA BAÍA DE VITÓRIA:

ANDREATTA, Graça. *Na lama prometida a redenção*. São Paulo: O Recado, 1987.

CAMPOS JÚNIOR, Carlos. *O novo arrabalde*. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo 1996.

CARMO, Tania Mara Simões e *alii*. "Os Manguezais da Baía de Vitória, Espírito Santo: um ecossistema ameaçado". In *Revista Brasileira de Biologia*, 55 (4), 1995, pp. 801-818.

COSTA, Silvio. "Uma Cidade Ocupada". In *Revista Espírito Santo AGORA*, setembro de 1981.

FERREIRA, Renata D. *Os Manguezais da Baía de Vitória (ES). Um estudo de Geografia Física Integrada*. Tese de Doutoramento em Geografia Física, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, 1989 (não publicada).

FEU ROSA, Francisco C. "A Baía de Vitória na história econômica do Brasil". In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, número 17. Vitória:* Departamento de Imprensa Oficial, 1957.

LIMA JÚNIOR, Carlos; SOAES, Suely; BONICENHA, Walace. *Baía de Vitória: aspectos históricos e culturais*. 2ª ed. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES, 1995.

VALLE, E. Q. *O Estado do Espírito Santo e os Espirito-santenses*. Vitória: Apex Gráfica e Editora, 1971.

METODOLOGIAS DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA SOCIAL E TRABALHO DE CAMPO:

DURHAM, Eunice R. *A Caminho da Cidade*. São Paulo: Perspectiva (Coleção Debates), 1984.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. "Estar lá escrever aqui". In *Revista Diálogo*, v.22, n.3, 1989, pp. 58-63.

LEROI-GOURHAN, André. *Evolução e Técnicas*. Vol. I: *O Homem e a Matéria,* vol. II: *O Meio e as Técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1984.

LEROI-GOURHAN, André. *O gesto a palavra*. Vol. I: *Técnica e linguagem* e Vol. II: *Memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70 (Coleção Perspectivas do Homem), [or. francês, 1964]

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental.* In *Os Pensadores*, vol. XLII. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MATTA, Roberto Da. *"Você Tem Cultura?". Jornal da Embratel: Suplemento Cultural*, setembro de 1981, pp. 1-3.

MAUSS, Marcel. "Noção de técnica do corpo". In *Sociologia e Antropologia*, vol. 2, São Paulo: E.P.U/EDUSP, 1974.

PRITCHARD, Evans E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota.* São Paulo: Editora Perspectiva (Coleção Estudos), 1993.

SCHWAB, Gustav. *As mais belas histórias da Antiguidade clássica.* Volume I: metamorfoses e mitos menores. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

ANTROPOLOGIA VISUAL:

ACHUTTI, Luiz. *Fotoetnografia: Um estudo de Antropologia Visual sobre cotidiano, lixo e trabalho em uma vila popular na cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Palmarinca,1997.

BATESON, Gregory e Mead, Margaret. *Balinese Character: A Photographic Analysis.* New York: New York Academy of Sciences, 1942.

CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM 1. Antropologia e Cinema: primeiros contatos, com as contribuições de (Pierre Jordan, Marc-Henri Piault, Karl Heider, Peter Loizos, Jean-Paul Colleyn, Clarice Peixoto e Patrícia Monte-Mor), Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, n. 1, 1995.

CALDAROLA, Victor J. "Imaging Process as Ethnographic Inquiry". In *Visual Anthropology 1*, no. 4 (1988): 433-451.

CANEVACCI, Massimo. "Gregory Bateson and The Patterns of Representation: Balinese Character and Body". In *Yearbook of Visual Anthropology*, vol. 1, pp. 85-99.

CLIFFORD, James & MARCUS, George. *Writing Culture - The Poetics and Politics of Ethnografhy.* Berkeley: University of California Press, 1986.

COLLIER, John. "Visual Anthropology's Contribution to the Field of Anthropology". In *Visual Anthropology 1,* no. 1 (1987): 37-46.

COLLIER, John & COLLIER, Malcolm. *Visual Anthropology. Photography as a Research Method.* Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986.

DARBON, Sébastien; "O Etnológo e suas imagens", in *O Fotográfico* (org. Etienne Samain), São Paulo: Hucitec, 1998, pp. 101-111.

DE FRANCE, Claudine. *Cinéma et Anthropologie*, Paris (Ed. de la Maison des Sciences de l´Homme), 1a. ed., 1982. Em especial, os capítulos I. "Techniques Matérielles", II. "Techniques rituelles", III. "Techniques corporelles" (pp. 38-163).

GOMBRICH, Ersnt. *L'Écologie des images.* Paris: Flammarion, 1983.

GURAN, Milton. "A 'fotografia eficiente' e as Ciências Sociais". In *Ensaios sobre o fotográfico*. (Org. Luiz E. R. Achutti). Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1998, p.87-99.

HOCKINGS, Paul (Ed.). *Principles of Visual Anthropology*. Den Haag, 1975.

HORIZONTES ANTROPOLÓGICOS, nº 2. Número especial temático *Antropologia Visual* (Orgs: Cornélia Eckert e Nuno Godolphim), Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, 1995. (Com as contribuições de Marc-Henri Piault, Etienne Samain, Dominique Gallois e Vincent Carelli, Bela Feldman-Bianco, Clarice Peixoto, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Carmen Sílvia Rial, Jacqueline Britto Pólvora, Claudia Turri Magni, Susana Sel, Nuno Godolphim e Claudia Fonseca).

JABLONKO, Allison & Marek. "As We Understand It". In *Yearbook of Visual Anthropology*, vol. 1, 1993, pp. 39-78.

JACKNIS, Ira. "Margaret Mead and Gregory Bateson in Bali: Their Use of Photography and Film". In *Cultural Anthropology, vol.3, nº.2, 1988, pp.160-177.*

MARESCA, Sylvain. "Refletir as Ciências Sociais no Espelho da Fotografia". In *Pluralismo, Espaço Social e Pesquisa* (orgs. Elisa Reis, Maria Hermínia Tavares de Almeida, Peter Frey). São Paulo: Hucitec-Anpocs, 1995, pp. 326-339.

MEAD, Margaret. *Letters From the Field:1925-1975.* New York: Harper and Row Publishers, 1977.

MEAD, Margaret. *Blackberry Winter: my early years.* New York: William Morrow and Company, 1972.

MEAD, Margaret. "Visual Anthropology in a Discipline of Words". In *Principles of Visual Anthropology* (Ed. Paul Hockings), Den Haag, 1975, pp.3-10.

MEAD, Margaret & Macgregor, Francis. *Growth and Culture. A Photographic Study of Balinese Childhood.* New York: G.P.Putnam´s Sons, 1951.

NOVAES, Sylvia Caiuby. "O Uso da imagem na antropologia". In *O Fotográfico* (org. Etienne Samain), São Paulo: Hucitec/CNPQ, 1998, pp. 113-119.

SAMAIN, Etienne. "Para que a Antropologia consiga tornar-se visual", In *Brasil Comunicação Cultura & Política* (org. Antonio Fausto Neto), Rio de Janeiro: Diadorim Editora Ltda, 1994, pp.33-46.

SAMAIN, Etienne. "Oralidade, Escrita, Visualidade. Meios e Modos de construção dos indivíduos e das sociedades humanas". In *Perturbador Mundo Novo. História, Psicanálise e Sociedade Contemporânea. 1492-1900-1992* (Coord. Luis Carlos Uchôa Junqueira Filho). São Paulo: Escuta, 1994, pp. 289-301.

FOTOGRAFIA:

ARCARI, Antonio. *A fotografia: as formas, os objetos, o homem.* São Paulo: Martins Fontes, 1983.

AUMONT, J. *A Imagem.* Campinas: Papirus, 1993.

BARTHES, Roland. "A mensagem fotográfica" [1961] e "Retórica da imagem" [1964] In *O óbvio e o obtuso.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira,1984.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e outros ensaios.* Campinas: Papirus, 1994.

FREUND, Giséle. *Fotografia e Sociedade*, Lisboa: Veja, 1989.

MACHADO, Arlindo. *A Ilusão especular. Introdução à Fotografia*, São Paulo (Ed. Brasiliense, Col. Primeiros Vôos,25), 1984.

SONTAG, Susan. *Ensaios sobre a fotografia*, Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

HISTÓRIA ORAL E METODOLOGIA DE PESQUISA COM FOTOGRAFIAS.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e História.* Série princípios Nº 176. São Paulo: Ática, 1989.

MOREIRA LEITE, Miriam. *Retratos de Família. Leitura da Fotografia Histórica.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

MOREIRA LEITE, Miriam. "Imagem e Linguagem. Reflexões de Pesquisa". In *Cadernos CERU*, 3, 2ª Série, 1992, pp. 117-140.

VON SIMSON, Olga. "Depoimento oral e Fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica: Reflexões de Pesquisa". In *Boletim do Centro de Memória Unicamp*, vol. 3, n.5 (Jan./Junho de 1991), pp. 14-24.

VON SIMSON, Olga. "Imagem e Memória: reflexões sobre a utilização conjugada de fotografias históricas e relatos orais como suportes empíricos da pesquisa histórico-sociológica". In anais do *XIX Encontro Anual da AMPOCS*. Caxambu, 1995.

Este trabalho foi impresso na Pressing Works, em máquinas de reprodução digital.

A maior parte das fotografias aqui apresentadas são de autoria de André Alves, com exceção das apresentadas no capítulo 1, p. 33, feita por Lisa Akahori; no capítulo 2, p. 50 feita por Pedro Fonseca; p. 52, 54, 58, 60, 62, 66 feitas por Vítor Nogueira e p. 56 e 64 feitas por David Protti.

As ilustrações, os mapas e as vinhetas foram feitas por Hosana Celeste

Campinas, novembro de 1998.